



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES**

THIAGO GUIMARÃES AZEVEDO

#INSTAGRAM: entre o excesso de#imagens e a fluidez da#memória

**BELÉM
2014**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES**

THIAGO GUIMARÃES AZEVEDO

#INSTAGRAM: entre o excesso de#imagens e a fluidez da#memória

**BELÉM
2014**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES**

THIAGO GUIMARÃES AZEVEDO

#INSTAGRAM: entre o excesso de#imagens e a fluidez da#memória

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Instituto de Ciências da Arte da Universidade Federal do Pará, como exigência para a obtenção do título de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Artes, sob a orientação da Professora Doutora Valzeli Figueira Sampaio

**BELÉM
2014**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CPI),
Biblioteca do PPGARTES /ICA, Belém – PA.

Azevedo, Thiago Guimarães, 1981.

#Instagram : entre o excesso de # imagens e a fluidez da # memória / Thiago Guimarães Azevedo , 2014.

Orientadora: Prof.^a. Dr.^a. Valzeli Figueira Sampaio.
108 f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Arte, Programa de Pós-graduação em Artes, Belém, 2014.

1. Memória Visual 2.Memória Coletiva 3.Imagem- Memória 4.redes Sociais - # Instagram I.Título.

CDD. 23. Ed. 153.132



**INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES
CURSO DE MESTRADO ACADÊMICO EM ARTES**

**ATA DE DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DO PARÁ.**

Aos dez (10) dias do mês de junho do ano de dois mil e quatorze (2014), as onze (11) horas, a Banca Examinadora instituída pelo Colegiado do Curso de Mestrado em Artes da Universidade Federal do Pará, reuniu-se em Sessão Pública, no Instituto de Ciências da Arte, sob a presidência da orientadora professora doutora Valzeli Figueira Sampaio ao disposto nos artigos 58 a 61 do Regimento Interno, Seção V "da Aprovação ou Reprovação da Dissertação", presenciar a defesa oral de Dissertação de Thiago Guimarães Azevedo, intitulada: O #Instagram e a relação entre #imagem e #memória, perante a Banca Examinadora constituída de acordo com o prescrito no parágrafo único do Artigo 59 do Regimento acima mencionado, pelos professores doutores Valzeli Figueira Sampaio, José Afonso Medeiros Souza e Ana Cláudia do Amaral Leão da Universidade Federal do Pará. Dando início aos trabalhos, a professora doutora Valzeli Figueira Sampaio, passou a palavra ao mestrando, que apresentou a Dissertação, com duração de trinta minutos, seguido pelas arguições dos membros da Banca Examinadora e as respectivas defesas pelo mestrando, após o que a sessão foi interrompida para que a Banca procedesse à análise e elaborasse os pareceres e conclusões. Reiniciada a sessão, foi lido o parecer, resultando em aprovação, com o conceito Excelente, com exigência de ajustes pontuais, com recomendação de publicação de parte ou capítulo da referida dissertação. Esta aprovação do trabalho final pelos membros será homologada pelo Colegiado após a apresentação, pelo mestrando, da versão definitiva do trabalho. E nada mais havendo a tratar, a professora doutora Valzeli Figueira Sampaio, agradeceu aos presentes, dando por encerrada a sessão, a presente ata foi lavrada que, após lida e aprovada, vai assinada, pelos membros da Banca e pelo mestrando. Belém-Pará, 10 de Junho de 2014.

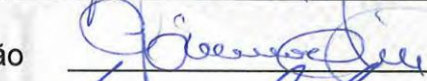
Profa. Dra. Valzeli Figueira Sampaio



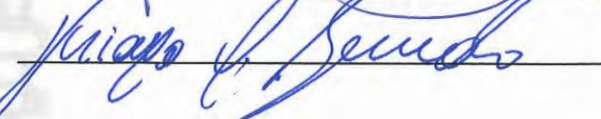
Prof. Dr. José Afonso Medeiros Souza



Profa. Dra. Ana Cláudia do Amaral Leão



Thiago Guimarães Azevedo



AUTORIZO, EXCLUSIVAMENTE PARA FINS ACADÊMICOS E CIENTÍFICOS, A REPRODUÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTA DISSERTAÇÃO POR PROCESSOS FOTOCOPIADORES OU ELETRÔNICOS, DESDE QUE MANTIDA A REFERÊNCIA AUTURAL. AS IMAGENS CONTIDAS NESTA DISSERTAÇÃO, POR SEREM PERTENCENTES A ACERVO PRIVADO, SÓ PODERÃO SER REPRODUZIDAS COM A EXPRESSA AUTORIZAÇÃO DOS DETENTORES DO DIREITO DE REPRODUÇÃO.

ASSINATURA

LOCAL E DATA

Dedico este trabalho a minha esposa Rosinda Miranda que faz da vida uma inteira primavera

Agradeço
à minha orientadora Prof. Dra. Valzeli Figueira Sampaio.
À Rosinda Miranda, minha companheira nas aflições, na segurança e em seu total e irrestrito apoio e que sem a sua presença, nunca teria chegado aonde cheguei.
À Beatriz e Cecília, pelo equilíbrio que trouxeram entre os afazeres de casa, o amor e os estudos.
Aos meus colegas de Mestrado, em especial Juan Guimarães e Ray Neto, nos momentos de conversas e compartilhamentos de sonhos e dos almoços na casa do Ray ou no PF de R\$ 8,00 da Gama Abreu.
Aos amigos que dividiram os ombros e ouvidos nos momentos de dor e crise.
Aos meus pais, sogros e parentes que deram apoio nos momentos difíceis.
Às pessoas que se dispuseram a participar desta pesquisa e me ajudaram fornecendo informações e disponibilizando suas imagens para a concretização deste trabalho.
Ao Grande Numinoso por ter suprido minhas esperanças e minha fé.
À poesia e a música por não terem me deixado enlouquecer.
Às madrugadas e ao canto dos pássaros na janela que acolhiam minha alma.

RESUMO

Este trabalho visa compreender a relação existente entre imagem e memória no universo do Instagram. Para isso, verificou-se primeiramente o universo da imagem e sua interação com o indivíduo, dialogando com as modificações quanto sua constituição a partir do desenvolvimento da tecnologia, em especial de dispositivos móveis, como smartphones e tablets, principais meios pelos quais se pode utilizar o Instagram. Com isso, frisou-se a relação dos indivíduos em Rede, com os atores que atuam em zonas de interconexão, entretanto, percebe-se um encaminhamento para uma relação individualizada com outros atores sociais, onde, os grupos são montados de forma auto-referente e dessa forma, as relações se tornam mais fluidas e menos presenciais. Dessa forma, a memória a partir da relação com a imagem, em especial, das que são oriundas de suportes tecnológicos como, por exemplo, a fotografia também é afetada, pois, o que corresponderia a uma construção de memória coletiva, visto que o ato de recordar através da imagem fotográfica é marcado por esse tipo de relação, do grupo que senta ao redor da imagem para relembrar. No momento atual, quando a imagem passa a ser digital e instantânea, essa relação do grupo se perde e passa dar lugar ao individual, nesse caso a postagem e compartilhamento e ao invés de construir uma memória coletiva, a expectativa é de ser curtido e comentado. Para verificação desse quadro apresentado acima, buscou-se utilizar como recurso metodológico o Discurso do Sujeito Coletivo, elaborado por Fernando Lefrèvre e Ana Maria Cavalcanti Lefrèvre e tem como princípio construir uma narrativa individual a partir de discursos de uma coletividade, extrai-se elementos de ancoragem e elaboração de um tema central que permeia cada discurso e a partir disso, elabora-se uma fala única, como se o todo se tornasse um só. Como também a pesquisa ressalta a questão do fenômeno da memória a partir da imagem, tem-se como abordagem metodológica a fenomenologia, em especial a de Merleau-Ponty, visto que representa a construção de um imaginário a partir das experiências vividas. A relevância deste trabalho está em ver que há uma relação entre indivíduos que transcende a questão do aparelho e o Instagram se manifesta como suporte que auxilia ao indivíduo explorar sua criatividade em forma de imagens.

Palavras-Chave: Memória; Instagram; Imagem; Ciberespaço; Compartilhamento.

ABSTRACT

This work aims to understand the relationship between image and memory in the universe of Instagram. For this, we first checked the universe image and its interaction with the individual, dialoguing with the modifications as its constitution from the development of technology, especially mobile devices like Smartphone's and tablets, the primary means by which one can use the Instagram. With that, he stressed the relationship of individuals to network with actors who work in areas of interconnection, however, we find a referral to an individualized relationship with other social actors, where the groups are assembled self-referential form and thereby, relations become more fluid and less face. Thus, the memory from the relationship with the image, in particular, those which are derived from technological aids such as, photography is also affected, as which corresponds to a construction of collective memory, since the act recalled through the photographic image is marked by this type of relationship, the group sitting around the image to reminisce. At the present moment, when the image becomes digital and instantaneous, this relationship is lost and the group passes lead to the individual, then the posting and sharing, and instead of building a collective memory, the expectation is to be enjoyed and commented. To check this scenario presented above, we attempted to use as a methodological resource Collective Subject Discourse, prepared by Fernando Lefrèvre and Ana Maria Cavalcanti Lefrèvre and is beginning to build a personal narrative from speeches of a collectivity, extract elements anchoring and development of a central theme that permeates every speech and from that, draws up a line only, as if all became one. But also research highlights the issue of the phenomenon of memory from the image, has as a methodological approach to phenomenology, in particular Merleau-Ponty, as is the construction of an imaginary from the experiences. The relevance of this work is to see that there is a relationship between individuals who transcends the issue of the device and Instagram manifests as support that assists the individual to explore their creativity in the form of images.

Keywords: Memory; Instagram; Image; Cyberspace; Sharing.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Imagem sobre o Enem 2013 de @gabrieul	60
Figura 2 Foto do perfil @leohsodre	60
Figura 3 Foto do perfil de @leohsodre.....	61
Figura 4 Página de apresentação no site oficial do Instagram.....	72
Figura 5 Primeira imagem postada no Instagram	73
Figura 6 Display do Instagram	77
Figura 7 Imagem do perfil de @adoniranmelo	108
Figura 8 Imagem do perfil de @adoniranmelo	108
Figura 9 Imagem do perfil de @kitato	109
Figura 10 Imagem do perfil de @kitato	110
Figura 11 Imagem do perfil de @kitato	110
Figura 12 Imagem do perfil de @kitato	111
Figura 13 Imagem do perfil de @kitato	111
Figura 14 Imagem do perfil de @kitato	112
Figura 15 Imagem do perfil de @kitato	112
Figura 16 Imagem do perfil de @kitato	113
Figura 17 Imagem do perfil de @danisraposo	113
Figura 18 Imagem do perfil de @danisraposo	114
Figura 19 Imagem do perfil de @monicamoras	114
Figura 20 Imagem do perfil de @monicamoras	115
Figura 21 Imagem do perfil de @monicamoras	115
Figura 22 Imagem do perfil de @monicamoras	116
Figura 23 Imagem do perfil de @monicamoras	116
Figura 24 Imagem do perfil de @camilanobushige	117
Figura 25 Imagem do perfil de @camilanobushige	118
Figura 26 Imagem do perfil de @camilanobushige	118
Figura 27 Imagem do perfil de @camilanobushige	119
Figura 28 Imagem do perfil de @camilanobushige	120
Figura 29 Imagem do perfil de @camilanobushige	120
Figura 30 Imagem do perfil de @camilanobushige	121
Figura 31 Imagem do perfil de @camilanobushige	122
Figura 32 Imagem do perfil de @camilanobushige	122
Figura 33 Imagem do perfil de @camilanobushige	123
Figura 34 Imagem do perfil de @camilanobushige	123
Figura 35 Imagem do perfil de @camilanobushige	124
Figura 36 Imagem do perfil de @camilanobushige	124
Figura 37 Imagem do perfil de @joaocs	125
Figura 38 Imagem do perfil de @joaocs	126
Figura 39 Imagem do perfil de @joaocs	126
Figura 40 Imagem do perfil de @joaocs	127
Figura 41 Imagem do perfil de @vanialleal	127
Figura 42 Imagem do perfil de @vanialleal	128
Figura 43 Imagem do perfil de @vanialleal	128
Figura 44 Imagem do perfil de @vanialleal	129
Figura 45 Imagem do perfil de @vanialleal	129
Figura 46 Imagem do perfil de @vanialleal	130
Figura 47 Imagem do perfil de @vanialleal	131
Figura 48 Imagem do perfil de @gabibrasil.....	132

Figura 49 Imagem do perfil de @gabibrasil.....	133
Figura 50 Imagem do perfil de @gabibrasil.....	134
Figura 51 Imagem do perfil de @gabibrasil.....	135
Figura 52 Imagem do perfil de @gabibrasil.....	136
Figura 53 Imagem do perfil de @terezajardim.....	137
Figura 54 Imagem do perfil de @terezajardim.....	137
Figura 55 Imagem do perfil de @terezajardim.....	138
Figura 56 Imagem do perfil de @terezajardim.....	139
Figura 57 Imagem do perfil de @terezajardim.....	139
Figura 58 Imagem do perfil de @terezajardim.....	140
Figura 59 Imagem do perfil de @terezajardim.....	140
Figura 60 Imagem do perfil de @terezajardim.....	141
Figura 61 Imagem do perfil de @terezajardim.....	141
Figura 62 Imagem do perfil de @terezajardim.....	142
Figura 63 Imagem do perfil de @michenlo.....	143
Figura 64 Imagem do perfil de @michenlo.....	143
Figura 65 Imagem do perfil de @michenlo.....	144

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 Perfil dos atores pesquisados	80
--	----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
1.1 Por que o Instagram?	14
2 A #IMAGEM E O #SUJEITO.....	24
2.1 Do analógico ao digital	38
2.2 A transformação do olhar	47
2.3 A virtualização da imagem	55
3 O INDIVÍDUO, A REDE SOCIAL E O #INSTAGRAM.....	63
3.1 O universo das Redes Sociais.....	65
3.2 O que é o Instagram	72
3.2.1 Quem são os atores no Instagram?	79
4 TODOS TEMOS #MEMÓRIA	89
4.1 Recordando através de imagens	107
#PARTIU	145
REFERENCIAS	148
APÊNDICES	8

1 INTRODUÇÃO

1.1 Por que o Instagram?

Capture e compartilhe seus momentos pelo mundo.

Instagram é uma maneira rápida, bonita e divertida de compartilhar sua vida com amigos e familiares.

Tire uma foto ou vídeo, escolha um filtro para transformar seu olhar e sentir e em seguida, coloque no Instagram - é assim tão fácil. Você pode até mesmo compartilhar no facebook, twitter, tumblr e muito mais. É uma nova maneira de ver o mundo.

E ah, mencionamos que é de graça?¹

O tempo atual é marcado pelas constantes transformações no ambiente tecnológico, que vai dos computadores aos automóveis e entre outras novidades, o campo da tecnologia móvel é o que mais vem sofrendo com modificações drásticas não somente no design dos aparelhos, mas no sentido de haver uma convergência de tecnologias que ultrapassam o simples objetivo de falar e ouvir.

Esse contexto fez com que a imagem seja outra área a ser atingida por essas modificações no campo tecnológico, pois desde a fotografia, a imagem técnica tem sido afetada de forma significativa na atualidade por meio do ciberespaço, que foi convergindo outros meios além dos computadores, principalmente por conta do desenvolvimento das redes sociais, até atingir os aparelhos de tecnologia móvel.

Nesse sentido, a imagem técnica também sofreu a interferência dessa convergência e o que se tinha como ritual para constituição de imagem, por meio da fotografia analógica, onde havia o processo de seleção do filme, momento adequado para se efetuar o disparo (ou clique) até o ato de contemplar as fotografias no álbum numa forma nostálgica de reviver o passado. Na atualidade o indivíduo, através de um cotidiano mais conectado, vive-se no mundo virtual através do ciberespaço, inclusive na sua relação com a imagem, pois as imagens passaram a ser armazenadas não mais em álbuns concretos, mas em cartões de memórias, em computadores e em álbuns expostos em sites e redes sociais por meio da postagem. Dessa forma, as legendas que acompanhavam as memórias visuais em álbuns de família são substituídas por legendas/comentários em imagens posts.

¹Retirado da página inicial www.instagram.com com tradução do autor.

“Capture your moments and share the world Instagram is a fast, beautiful and fun way to share your life with friends and family.

Take a picture or video, choose a filter to transform its look and feel, then post to Instagram — it's that easy. You can even share to Facebook, Twitter, Tumblr and more. It's a new way to see the world.

Oh yeah, we mention it's free?”

A atualidade é marcada pela interatividade entre os sujeitos por meio do ciberespaço e cada vez mais o ambiente virtual tem sido uma realidade comum entre os indivíduos, principalmente por conta do desenvolvimento da tecnologia móvel, visto que nos últimos anos, através da convergência tecnológica o celular ampliou suas funcionalidades tornando-se um equipamento que também atua no ciberespaço.

Dessa forma, outros meios surgem em função dessa nova realidade do aparelho, nesse contexto o Instagram surge como uma possibilidade de interação entre os indivíduos, diferente do que ocorrem em outras Redes Sociais, o principal objetivo do aplicativo e o compartilhamento de imagens através do celular, dando uma idéia de instantaneidade em relação à imagem, visto que o indivíduo pode postar imagens no momento em que elas são formadas no aparelho.

Nesse sentido, o principal objetivo do aplicativo é o compartilhamento do cotidiano através da visualidade. Assim, conseqüentemente, há um volume muito grande de imagens que circulam na Rede, que ocasionam uma nova postura em relação à imagem, diferentemente do que ocorria em relação à fotografia.

Essa mudança se percebe de forma significativa ao visitar uma loja especializada em Smartphone's, como os da Apple ou Samsung, e verificar o número de aparelhos que existem e que proporcionam imagens com altíssima qualidade. Por exemplo, o modelo da Samsung Galaxy S4 Zoom que, segundo o site da empresa² e o site Techtudo³:

É um aparelho híbrido da Samsung que mistura câmera digital com smartphone, equipado com Android 4.2.2 (JellyBean). O dispositivo vem equipado com tela Super AMOLED de 4,3 polegadas, câmera frontal de 1,9 megapixels e traseira com sensor de 16 megapixels, Flash Xenon, tecnologia HDR e gravação de vídeos em Full HD. O Samsung Galaxy S4 Zoom possui ainda conectividade 4G, processador dual-core de 1,5 GHz, 1,5 GB de RAM e 8 GB de armazenamento interno, com expansão via cartão de memória de até 64 GB. Ainda não foram definido preço e nem data de lançamento no Brasil.

Existem outros modelos que possuem configurações diferentes do modelo acima, mas que possuem padrões altos de resolução de imagem. Dessa forma, tem sido comum a substituição das máquinas digitais por aparelhos como esse, assim, esse tipo de tecnologia tem modificado a forma como as pessoas têm interagido com a imagem, que antes era oriunda de máquinas fotográficas e era reflexo de uma relação da câmara obscura e da relação com a luz.

²<http://www.samsung.com/br/consumer/cellular-phone/cellular-phone-tablets/smartphones/SM-C1010ZKPZTM>.

³ <http://www.techtudo.com.br/tudo-sobre/m/samsung-galaxy-s4-zomm.html>.

Com isso, não apenas a relação com a imagem tem sido afetada, mas a forma como constituímos nossas memórias por meio dela. Tomando como referência o ato de folhear fotografias em álbum fotográfico e com isso rememorar acontecimentos que circundam a imagem revelada. No ambiente digital a imagem que se forma no dispositivo móvel e vai para o Instagram possui outro tipo de envolvimento com o indivíduo, pois no movimento em Rede Social há uma necessidade em ser visto e, com isso, busca-se a visualidade pelo excesso de imagens.

A imagem, enquanto constituição de subjetividades perceptivas do indivíduo, também se transforma. Nesse ponto, autores como Flusser (2011) afirmam a dependência do sujeito à máquina, com isso, ela passa a constituir as normas na relação entre imagem e memória, evento e momento e indivíduo atual e indivíduo virtual. Levando em conta esse contexto contemporâneo, esse momento atual tem sido muito mais do que cibernético, mas de mobilidade e convergência.

Nesse contexto se inserem os aplicativos para smartphones e tablets, principalmente os ligados às redes sociais, como no caso do Facebook, Twitter, Whatsapp e o Instagram, este último objeto desse estudo, por estar ligado ao compartilhamento de imagens e por, em três anos, ter se tornado febre mundial, com isso alterando a forma como as pessoas lidam com a imagem, não que o aplicativo por si só tenha esse poder, mas também da relação que vai desde o desenvolvimento dessas tecnologias, com a convergência da tecnologia móvel com aparelhos fotográficos mais complexos e com maior qualidade.

No contexto da pesquisa se apresenta como principal problema no que se refere imagem e memória no Instagram, visto que o ser humano também procura se comunicar através de imagens, e a fotografia representa muito esse ato em se cultivar um sentimento nostálgico – como momento que se passou e se revive através da imagem, nesse sentido vivenciar a memória enquanto ato de se reviver pelo olhar.

Esse ato de reviver por meio da imagem sofre constantes transformações, tanto do evento que se revive, quanto do sujeito que lembra por meio da imagem, ou seja, um movimento de constante atualização, por outro lado, o Instagram cultiva uma percepção de efemeridade com a imagem, visto que elas rapidamente são substituídas por outras no ato de recarregar o display do aplicativo, ou seja, o Instagram, enquanto rede social de imagem alimenta-se através da frequência de postagens de seus usuários, pois para ser conhecido e

visível, é preciso ter muitas e constantes imagens.

Nesse sentido, o volume de imagens faz com que as pessoas não mais percebam seu próprio cotidiano em suas particularidades. Entretanto, esse volume de imagens ainda não anula o fato de que “nossas lembranças à medida que se atualizam, tendem a serem vividas em uma imagem”, sobre isso utilizamos o pensamento de Bergson (2006, p. 158) que diz:

[...] uma lembrança, à medida que se atualiza, sem dúvida tende a viver numa imagem; mas a recíproca não é verdadeira, e a imagem pura e simples não me remeterá ao passado menos que tenha sido de fato no passado que eu tenha ido buscar, seguindo, assim, o progresso contínuo que a levou da obscuridade para a luz.

O indivíduo usuário do aplicativo vê-se condicionado a sempre atualizar sua tela a fim de que veja sempre a imagem mais recente e dependendo da quantidade de pessoas que segue, o volume de imagens tende a ser maior e conseqüentemente o tempo de exibição menor. Esse aspecto de efemeridade com a imagem por meio do aplicativo é complexa no sentido de que as pessoas são estimuladas a se relacionar através da tecnologia digital, por meio de máquinas digitais e smartphones, primeiramente por conta do aumento da qualidade dos equipamentos de captura e geração de imagens, proporcionando que pessoas comprem cartões de memória com mais espaço para maior armazenamento de imagens, do que filmes com maior limitação de cliques, o que ocasionou a mudança no mercado e conseqüentemente uma substituição de tecnologias. O suporte afeta a forma como percebemos e interagimos com as imagens que cada meio proporciona, semelhante ao que houve no surgimento do aparelho fotográfico em relação aos retratistas, que posteriormente se tornaram fotógrafos⁴. Com isso, os filmes deram lugar aos cartões de memórias e cabos USB e atualmente à transferência de arquivos, ou as postagens por meio de compartilhamento de imagens.

Portanto, isso faz com que o comportamento diante da imagem se altere bem como a memória que se constrói através de imagens, que encontra outros mecanismos para se adequar essa nova conjuntura e logo, essa pesquisa procura compreender como os usuários do Instagram percebem a relação entre imagem e memória por meio da utilização do aplicativo.

O fato de lidar com a nostalgia por meio da fotografia e construir uma memória que está para além de suas bordas; é necessário refletir que tipo de memória se manifesta no Instagram, visto que apesar de não possuir os mesmos processos que o suporte que lhe antecede, entretanto, ainda se trata de imagem e conseqüentemente há uma memória que se manifesta,

⁴ Ver Argan (1992).

posto que no próprio site de apresentação e no blog do aplicativo encontram-se incitações sobre o uso do Instagram para efetivar uma memória de momentos.

Nesse sentido é importante ressaltar o que me motivou a pesquisar algo tão novo e ao mesmo tempo buscando uma relação aparentemente tão espinhosa. Antes de tudo, sou um usuário das Redes Sociais, as primeiras redes que tive conhecimento foi Twitter e conseqüentemente o Facebook, nestes dois espaços pude criar relações de amizade com outras pessoas nos cantos mais remotos deste país, até pela atividade que aprendi a desenvolver em meus antigos blogs existentes no blogspot.

Como apreciador da fotografia, tanto pela sua estética, como também pelo portal temporal que se abria ao folhear os álbuns de minha casa, todavia, ao acompanhar as mudanças significativas na interação com a imagem, primeiramente através da máquina digital e o surgimento dos Flogs e Fotologs. Posterior a eles o desenvolvimento do Flirck e Picasa como sites para organizar e armazenar imagens. Dessa forma a relação com a imagem através da mudança de tecnologia para geração de imagens e desses mecanismos para armazenagem e compartilhamento fizeram com que cada vez mais o uso de meios analógicos fosse substituído.

Dessa feita, até a máquina digital acompanhou essa lógica, dessa vez em relação aos meios móveis de comunicação, visto que ao comparar meu smarthphone atual, adquirido no ano de 2011, com os atuais mostra uma significativa alteração na forma de produção e compartilhamento de imagens. Dessa forma, isso instigou sobre como seria se daria num futuro não muito distante nossa relação com a imagem, já que cada vez mais os álbuns têm sido substituídos por pastas em HDs ou sites de armazenamento de arquivos e folhear fotografias tem sido substituído pelo ato de buscar arquivos. Não que essa forma analógica de lidar com a imagem tenha sido eliminada, mas o mercado cada vez mais impulsiona à substituição.

Meu encontro com o Instagram se deu a partir da aquisição de um smarthphone LG P500, que possibilitou o acesso ao ciberespaço através da tecnologia móvel, dessa forma, pude acessar esse aplicativo que já era muito comentado no Twitter e Facebook no ano de 2011.

Assim, ao perceber esse novo contexto, a partir do Instagram, comecei a indagar sobre como as pessoas se comportavam diante da imagem enquanto objeto que nos auxilia na

constituição de nossas memórias, visto que há uma necessidade em ser visto e ser curtido no aplicativo. Nesse sentido percebe-se um esforço em ser notado, seja por meio da quantidade e da repetição de imagens a serem postadas, ou do uso quantitativo de #Hashtags⁵ como forma de marcação para que a imagem possa estar em constante evidência.

Esse contexto nos leva à relevância disso, que é o de compreender o papel da tecnologia nessa construção e como isso se reflete no indivíduo que está presente no aplicativo, através daquilo que posta e nas suas formas de interação. Pois o ser humano na atualidade não consegue se conceber sem a existência da tecnologia, principalmente a tecnologia móvel de celulares e tablets, e isso afeta a forma como construímos nossas relações sociais, construímos nossas identidades e conseqüentemente a forma como lidamos com esse aspecto da memória por meio de imagens.

Em outro sentido, a relação entre Imagem e Memória no ambiente da tecnologia faz com que as pesquisas em artes vejam estes meios como outras fontes para construção de novas produções artísticas e pesquisa sobre novos suportes para desenvolvimento de arte.

Outro aspecto que leva o Instagram a uma relação com o nostálgico está no sentido de possuir uma proposta *Vintage*⁶ na forma como se faz uso de seus filtros, dando a impressão de imagens antigas, ao mesmo tempo em que vislumbra a lógica das câmeras Polaroids⁷, visto que o próprio logotipo do aplicativo reverencia este tipo de máquina. Isso se dá no sentido da instantaneidade da imagem, pois o sujeito pode postar sua imagem instantaneamente ao clique, basta que tenha uma conexão à internet ativa em seu aparelho. Portanto, o aplicativo procura desenvolver uma relação entre o nostálgico e a instantaneidade por conta do volume de imagens que são postadas por seus usuários.

Com isso, o Instagram estabelece uma nova forma de interação com a imagem, pois não

⁵ Hashtags são palavras-chave antecedidas pelo símbolo "#", que designam o assunto o qual está se discutindo em tempo real no Twitter e também foi adicionado ao Facebook e Instagram. As *hashtags* viram hiperlinks dentro da rede e indexáveis pelos mecanismos de busca. Sendo assim, usuários podem clicar nas hashtags ou buscá-las em mecanismos como o Google para ter acesso a todos que participaram da discussão. *Hashtag* é a definição dada para um tópico/discussão que se deseja fazer ser indexado de forma explícita pelo Twitter, composta da palavra precedida pelo caractere **cerquilha** (#); mas o caractere em si não se chama 'hashtag', embora muitas pessoas, erroneamente, façam essa associação.

⁶Um estilo de moda retrô.

⁷Os polaróides (ou polarizadores) são filmes compostos de uma substância anisotrópica, isto é, uma substância que oferece mais resistência à passagem da luz numa direção do que outra. Os polaróides são usados para polarizar linearmente a luz, isto é, fazer com que o campo elétrico associado vibre numa única direção.

há mais um processo de seleção de momentos ou mesmo de imagens a serem postadas⁸, nesse sentido o aplicativo vivencia o instante por meio da postagem e o efêmero por conta da atualização do display que sempre renova as imagens a serem exibidas.

Nesse processo de relação entre memória e imagem por meio do aplicativo, vemos que há dois tipos de atividades que circundam o aplicativo. Uma se dá por meio dele em si, através de seu site e blog, estimulando seus usuários a agirem de forma condicionada em relação à produção de imagens, uso de determinadas marcações e etc. O outro meio é através dos usuários de uma forma geral, que criam suas próprias formas de relação com o aplicativo, esse segundo tipo, por conta da frequência de postagens, acabam de certa forma, vivenciando o Instagram de forma subversiva à sua proposta, pois devido ao grande volume de imagens, elas acabam caindo na banalização do cotidiano, pois tudo é postado e conseqüentemente essa efemeridade da imagem se torna mais latente.

Todavia, apesar da “subversão”, essa memória por meio do aplicativo é condicionada aos eventos produzidos em padrões de postagem, como imagens de comida, academia, autoreferentes, paisagens e outras de acordo com o próprio aplicativo, que age como um controlador de postagens, geração de marcadores⁹, nesta pesquisa é definida pelo termo cunhado por Henri Bergson em seu livro *Imagem e Memória* “Memória Hábito e Memória Espontânea”.

Para desenvolvimento desse estudo, é necessário o olhar fenomenológico como abordagem metodológica, pois, ao pensar a imagem, a memória e suas relações com o sujeito é necessário seguir pela ótica da percepção enquanto fenômeno ligado ao sujeito. Para isso, a pesquisa segue um andamento qualitativo, ou seja, de acordo com Moreira (2002), a pesquisa qualitativa tem em sua base de dados palavras orais e escritas, pinturas, fotografias, desenhos, filmes, vídeos e até mesmo trilhas sonoras, ou seja, tudo que está relacionado ao comportamento humano.

Entretanto, a caracterização de uma pesquisa qualitativa não foi de simples definição. Segundo Alves-Mazzotti e Gewandsznajder (1998), ela apresentou diversas formas de apresentação, porém, não cabe aqui aprofundar cada uma, todavia, em todas defendidas pelos autores acima, a fenomenologia é apresentada como uma classificação dentro da metodologia

⁸Forma de publicação de imagens, textos, vídeos e outros nos perfis em redes sociais.

⁹Hashtags.

qualitativa.

Ainda de acordo com Moreira (2002), a abordagem fenomenológica é um fragmento existente na pesquisa qualitativa, portanto, ela se preocupa com dados não estatísticos, levando em conta subjetividades e intencionalidades dos sujeitos envolvidos na pesquisa. Para isso, buscou-se como técnica de análise observação participante, pois como técnica “os pesquisadores devem imergir nos mundos de seus sujeitos”¹⁰, porque, “as pessoas precisam ser estudadas em seus próprios termos, devendo o pesquisador tentar apreender os sentidos simbólicos que as pessoas definem como importantes e reais”¹¹.

Essa estratégia metodológica se adequa no sentido de que também me coloco como participante deste universo do aplicativo, sendo eu mesmo um usuário do Instagram e por observar o comportamento dos demais integrantes que fazem parte de minha rede pessoal, levou-me a questionar qual a interação que elas tinham com a imagem e memória a partir da relação que desenvolveram com o aplicativo. Com isso, a pesquisa se contempla com essa técnica de abordagem e tratamento de dados.

Através de questionários estruturados, ou seja, de perguntas abertas, porém determinadas, visou-se compreender essa relação que a pesquisa se propõe, todavia, para uma boa análise das falas, recorreu-se também ao método do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), criado por Fernando Lefèvre e Ana Maria Cavalcanti Lefèvre que visa

[...] através de um discurso, que é o modo como naturalmente as pessoas pensam, o acesso a dados da realidade, de caráter subjetivo, isto é, “idéias, crenças, maneiras de pensar; opiniões, sentimentos, maneiras de atuar; conduta ou comportamento presente ou futuro; razões conscientes ou inconscientes de determinadas crenças, sentimentos, maneiras de atuar comportamentos. (LEFÈVRE; LEFÈVRE e TEIXEIRA, 2000, p. 16)

Essa técnica consiste na aplicação de questionário ou entrevista aberta semi-estruturada ou estruturada e, através dos resultados, agrupar os estratos dos depoimentos de sentido semelhante em discursos-síntese, redigidos na primeira pessoa do singular, como se uma coletividade estivesse falando.

Segundo Lefèvre; Lefèvre e Teixeira (2000), o DSC é organizado levando em conta a **ancoragem**, que são *marcas lingüísticas* para destacar e distinguir o discurso; **idéia central**, que são afirmações que traduzem em síntese o discurso e o próprio **Discurso do Sujeito Coletivo**, como elemento principal na construção metodológica, através da organização das

¹⁰ Ver MOREIRA (2002, p. 51)

¹¹ Idem

falas dos atores de tal forma, que o discurso se torne um e que represente uma coletividade. O DSC é sempre escrito em primeira pessoa e leva em conta as subjetividades, o fenômeno que se quer investigar.

Para desenvolver a pesquisa de campo no aplicativo, foi utilizado como parâmetro de recorte o Blog do Instagram, pois lá havia indicações de usuários, artistas e fotógrafos, além, de certa forma “condicionar” comportamentos para documentação de imagens temáticas, relacionamentos e divulgação de trabalhos que possuem afinidades com os objetivos do aplicativo.

Portanto o recorte da pesquisa foi feito a partir do blog, principalmente nas referências das postagens que ressaltem a questão de memória, história e reviver, sejam elas em projetos de fotógrafos, artistas, ou pessoas comuns, ou mesmo postagens que enfatizem #Hashtags, ou processos de geolocalização¹².

Quanto aos usuários, foi efetuado um recorte entre alguns seguidos pelo perfil @oflaneur13, que possuem um comportamento de acordo com o que se manifesta como padrão apresentado no blog através de suas postagens, em termos estéticos e em quantidade de imagens (mais de 100) para detectar as formas de uso e como lidam com essa questão da imagem e memória a partir do aplicativo.

A pesquisa não é autorreferente, no sentido de que para analisar os perfis escolhidos é necessário adicioná-los através de um usuário que necessite desenvolver suas postagens. Nesse caso, para dar andamento à pesquisa, faz-se necessário estar imerso nas funcionalidades e no comportamento do aplicativo e, com isso, a técnica adequada para esse trabalho é a observação participante.

A pesquisa busca compreender como se manifesta a memória por meio de imagens através do aplicativo e para isso o trabalho se divide em três seções: A primeira seção que tem por título: A #IMAGEM E O #SUJEITO, visa discutir a constituição da imagem, a mudança na percepção dela, através da alteração de suporte, do analógico e do digital, também tem como foco refletir sobre essa imagem presente no universo virtual, tanto da subjetividade

¹²A geolocalização permite identificar a origem geográfica de uma pessoa a partir de um computador ou celular conectado à internet por meio do rastreamento do IP e de outros métodos de identificação utilizando sistemas de satélites e servidores. A geolocalização também se baseia em dados gerados por endereço MAC, RFID (identificação de radiofrequência), conexão wi-fi (sem fio) e GPS. Celulares e smartphones utilizam o GPS integrado para envio de informações de localização física geográfica. Boa parte dos equipamentos pede a autorização prévia do usuário.

quanto do ciberespaço, da imagem já sob a influência do suporte tecnológico que dá subsídios para a segunda seção.

A segunda seção tem por título: O #INDIVÍDUO, A #REDE SOCIAL E O #INSTAGRAM, e discute a forma como os indivíduos se relacionam a partir dessa constituição das Redes Sociais, não apenas de navegação, mas nas interações que estabelece com outros usuários, no caso do Instagram, através dos comentários e da possibilidade de curtir ou não determinada imagem e visa explicar o que é o aplicativo, não apenas no sentido da descrição do aplicativo em si, mas na mudança da forma de se compreender e relacionar com a imagem até o surgimento dele, a influência da tecnologia nesse contexto e a mudança no olhar dos indivíduos que passa a um universo mais interativo quando se fala de imagem.

E a terceira seção, que se chama: TODOS TEMOS #MEMÓRIA visa compreender a forma como a memória se manifesta nos indivíduos, a partir principalmente do aporte teórico de Henri Bergson, entendendo como funciona a relação do sujeito com a memória, como a imagem influencia na sua constituição e como se manifesta no aplicativo. Essa compreensão a partir do aplicativo se dará de duas formas: Primeiramente através da construção do DSC que tem duas dimensões, uma falando da relação da lembrança a partir da fotografia e outra a partir do próprio Instagram. E a segunda se dará através das imagens que foram encaminhadas pelos atores da pesquisa, juntamente com as respectivas justificativas, esse espaço é do campo em si e não tem o intuito de analisar as imagens e suas relações textuais, mas de fazer com que o leitor embarque no universo das imagens de cada um, bem como nas suas próprias subjetividades ao relacionar as descrições feitas por eles com as imagens que encaminharam.

A construção das seções deste trabalho procurou ser desenvolvida utilizando a linguagem das Redes Sociais como a Hashtags, marcando termos importantes e o que se costuma chamar de considerações finais, foi alterado para #partiu, como expressão utilizada por quem está concluindo determinado pensamento ou que está de fato saindo para determinado lugar, ou seja, este último elemento do trabalho visa ao mesmo tempo dar sentido de movimento, mas também dar um sentido reticente visando um aspecto de continuidade. Portanto, essa expressão será utilizada como elemento de finalização do trabalho.

Por que tenho saudade
De você, no retrato,
Ainda que o mais recente?
E porque um simples retrato,
Mais que você, me comove,
Se você mesma está presente?

Cassiano Ricardo¹³

2A #IMAGEM E O #SUJEITO

Antes de compreender de fato o que é o Instagram, enquanto aplicativo ambientado no universo da tecnologia móvel e mais especificamente no ciberespaço para compartilhamento de imagens. Devemos observar que ele existe em função de mudanças significativas na forma de compreensão da imagem, mais ainda, nas modificações no que tange à fotografia, a tal ponto de perguntar se o que vemos na tela do tablet ou smartphone ser uma fotografia ou uma imagem.

Nesse sentido, essa seção visa refletir essas modificações, não apenas na imagem em si, enquanto objeto de observação, mas em como a percepção do indivíduo se alterou desde a mudança entre fotografia analógica e imagem digital ambientada no ciberespaço por meio da tecnologia móvel.

Com isso, não cabe aqui esmiuçar a discussão sobre o paradigma da imagem, enquanto suas bases epistemológicas, nem narrar à história da fotografia. Todavia, visa-se refletir sobre como essas mudanças afetaram o indivíduo da atualidade, que vive na companhia de aparelhos da tecnologia móvel que gera e dissemina imagens em Redes Sociais como o Instagram através de imagens técnicas¹⁴. Porém, essa pequena apresentação suscita uma pergunta fundamental para a compreensão sobre o Instagram: O que é isso que vemos representado no display do smarthphone ou tablet através do aplicativo?

Ao analisar a obra de Aumont (1993), compreendemos que as imagens existem para mediar à relação entre o indivíduo e o mundo, tanto no sentido das imagens que vemos, quanto naquelas que se formam a partir das subjetividades do sujeito, por meio da percepção, ele inicia sua teoria fazendo uma análise a partir da construção do desempenho do olho enquanto suporte da visão e da percepção visual.

Ao desenvolver o conceito de imagem a partir da especificação do olho em suas

¹³ Ver em Alves (2002)

¹⁴ Conceito utilizado por Flusser (2011)

características físicas, químicas e nervosas, Aumont (1993) utiliza os estudos da *câmera obscura* como elemento que se relaciona com luz, ou seja, para haver visão, é preciso que haja luz, com esse princípio ele estrutura a percepção visual, como aquela que depende de aspectos luminosos para existir imagem enquanto objeto que se vê.

Para Aumont (1993, p. 38), a imagem enquanto objeto perceptivo se dá em virtude de “amostragem contínua (alternância de movimentos do olho e de fixações breves)”. Ou seja, a percepção da imagem está vinculada às características ópticas do suporte olho, ao mesmo tempo, não garante a totalidade da visão, pois, segundo ele, o que vemos é “muito *flou* e muito pouco colorido nas bordas; a percepção de uma cena é sempre *panorâmica* e cada ponto dela é capaz de ser visto (e mantemos sempre no pensamento essa possibilidade)” (AUMONT, 1993, p. 38).

Todavia, Aumont (1993) não ignora que haja uma diferença entre a visão e olhar, visto que no segundo encontramos a intencionalidade e a finalidade da visão, ou seja, há no olhar aspectos que trazem significado à imagem e com isso não somente as que vemos sob o efeito da luz, mas por outro lado, sob o efeito do imaginário.

Nesse sentido da imagem enquanto aspecto do imaginário, podemos concordar com Flusser (2011) no que se refere à imagem tradicional enquanto ideia e imaginação, que visa à ilustração de textos, devido sua atuação no campo cognitivo. Sobre isso podemos recorrer também à Bergson (2006), que fala sobre imagens interiores e exteriores, pois entre elas há o corpo que sendo também imagem, intermedia essa relação entre exterioridade e interioridade, que as recodificam tornando-se novas imagens.

Aumont (1993) fala da participação ativa do espectador no que tange ao ato de olhar, que é marcado por estruturações complexas que vai além dos aspectos fisiológicos do olho, que, segundo o autor, não é um instrumento neutro, visto que intermedia a relação entre o mundo e o cérebro e, com isso, envolve questões perceptivas, cognitivas e também emocionais de cada indivíduo. Nesse sentido, há uma relação de construção entre sujeito e imagem, visto que ela – a imagem – por si só não define o olhar do sujeito, mas que também envolve questões relacionadas ao reconhecimento e rememoração, que estão sujeitas às experiências individuais e a cultura de cada sujeito.

Esse sujeito não é de definição simples, e muitas determinações diferentes, até contraditórias, intervêm em sua relação com uma imagem: além da capacidade perceptiva, entram em jogo o saber, os afetos, as crenças, que, por sua vez, são muito

modelados pela vinculação a uma região da história (a uma classe social, a uma época, a uma cultura). Entretanto, apesar das enormes diferenças que são manifestadas na relação com uma imagem particular, existem constantes, consideravelmente trans-históricas e até interculturais, da relação do homem com a imagem em geral. (AUMONT, 1993, p. 77)

Através do desenvolvimento do DSC com os sujeitos entrevistados no ambiente do Instagram para essa pesquisa, pode-se perceber essa relação de construção da relação com a imagem que transcende a questão do olhar como um ato fisiológico, todavia, manifesta-se um fenômeno perceptivo em que aspectos afetivos e emocionais se tornam referência para a construção da memória dos indivíduos em função da imagem, quando indagados sobre como eles se relacionavam com fotografias reveladas em álbuns. No campo se verifica dois tipos de discursos sobre esse aspecto que envolve a relação com a fotografia:

Discurso 01

Pergunta: Como você se relacionava com as fotografias reveladas em álbuns?

Tema central: Não alimentam relação com a fotografia.

DSC: Nunca tive o hábito de organizar as fotografias em álbuns. Raramente tinha contato, pois não me atraíam. Mantinha pouco contato após a revelação das fotos, revisitando-as poucas vezes. Usava a fotografia como maior parte das pessoas: para registrar as viagens durante as férias e as festas com os amigos. Na era analógica, mandava revelar os negativos e imprimir as fotografias. Guardava-as, mostrava-as aos amigos e à família e mantinha-as dentro dos envelopes em que me eram entregues pela loja que as imprimia. Nessa era digital, todas as fotos tiradas iam pra alguma rede social, porém, agora comprei uma câmera InstaxMini que revela a foto na hora e estou completamente apaixonado por fotos reveladas! Quando fui estudante de fotografia, fiz, sobretudo, imagens em preto e branco. Eu próprio fazia a revelação da película e imprimia as imagens. Neste período, não imprimia tudo. Escolhia aquelas de que mais gostava, colocava-as no painel da sala de aulas onde cada aluno tinha um espaço para mostrar as suas fotografias. Também fazia uma seleção para incluir no portfólio que, no final de cada ano, tinha de ser apresentado para avaliação pelos professores. Mas lembro-me de ver álbuns de fotografias de amigos que tinham o hábito de guardá-las e organizar desta forma. Fotografava muito pouco em analógico, só nalgumas viagens. Apenas tenho um álbum em analógico de fotos tiradas por mim e sempre de viagens.

Discurso 2

Pergunta: Como você se relacionava com as fotografias reveladas em álbuns?

Tema central: Alimentam uma relação emocional com a fotografia através do álbum.

DSC: Acho ainda hoje muito interessante, gosto muito de ver a simplicidade de como éramos no passado. Sempre as vejo ou mostro para amigos. Sempre gostei de folhear os álbuns antigos de família quando criança, aqueles dos tempos da vovó. Adorava folhear as algumas dezenas de álbuns organizados pela minha mãe, desde as fotos de infância dela até os álbuns específicos meus e do meu irmão. Lembro-me mais das fotografias reveladas pelos meus pais, durante minha infância e de algumas poucas da minha adolescência. Sempre fui muito desesperada por tirar fotos, não tenho registro de alguns períodos que ficamos sem câmera, comprávamos mil filmes de 36 e sempre ficava faltando uma foto a ser tirada. As fotos eram (e ainda estão) guardadas em caixas, que são abertas em encontros de família. Então sempre me envolvi com a fotografia de uma forma emocional, pois são momentos de resgate de

memória da família. Não conseguia explicar o motivo, mas gostava de reviver e conhecer vários momentos através delas. Cada uma trazia consigo uma lembrança que mesmo que não fossem minhas, estavam ali para serem contadas. Eu já sou de outra geração, onde os belos álbuns foram se tornando cada vez mais descartáveis. Fiz fotografia, montei um laboratório em casa para revelar meus filmes e ampliar as fotos. A maioria ficava mesmo em negativos. Já não fazia álbuns... Com um apreço grande e com extremo cuidado. A revelação delas era pra mim um presente que alguém tinha ali, transformado em papel no qual eu sempre podia olhar e mostrar, mostrar e mostrar... Buscava sempre uma melhor forma de preservar, pesquisando papel adequado para deter umidade cheguei mesmo a fazer um curso de preservação. Reitero também a relação de memória de organizar o percurso da vida, registro dos principais fatos da minha vida. Trazer a memória algo vivido no passado - amizades, família, festas, comemorações, viagens, bons momentos e às vezes momentos difíceis... Na verdade, eu não costumava aparecer nas fotos, porque eu era o encarregado de tirar fotos. Hoje em dia vivo me perguntando: - Como serão os álbuns revelados com esse comportamento fotográfico de hoje?

O primeiro discurso apresenta uma relação distanciada com a fotografia, entretanto, ainda se percebe um nível de aproximação quanto à apresentação e recordação por meio da imagem, principalmente em eventos sociais e uma diferenciação no tratamento entre a imagem gerada por máquinas digitais e as que são oriundas da fotografia. Enquanto que o segundo discurso manifesta um aspecto mais emocional em relação à fotografia e a constituição de álbuns, pois remetem a eventos e manifestação da memória de pontos específicos da vida.

Sobre essa questão da construção da memória por meio da imagem, podemos usar o argumento de Deleuze (2012), que afirma que o cérebro não fabrica representações, mas complica a relação entre os movimentos de excitação e resposta, com isso, “o próprio objeto se confunde com a percepção *pura* virtual, ao mesmo tempo em que nossa percepção real se confunde com o objeto, do qual ele subtrai apenas o que não nos interessa” (DELEUZE, 2012, p. 19).

Nesse sentido, o olhar de Catala-Domènech (2011) sobre cultura visual ou visibilidade da cultura através da imagem, como uma representação do visível, se torna importante, pois agregando com Arnheim (2005) e Merleau-Ponty (1999), desenvolvem suas construções teóricas sobre a imagem a partir de uma relação do indivíduo com a cultura e suas experiências de vida, pois para ele a imagem atua numa fronteira que separa o natural do construído e, por outro lado, pela atitude naturalista ou realista da imagem que tornou sua função assemelhar-se tanto da realidade que “acabasse se confundindo com ela”.

Em se tratando de aplicativos que atuam no ciberespaço e cultura de tecnologia móvel, baseado no que Catala-Domènech (2011) afirma, pode-se dizer que esses novos suportes de

visualidade condiciona a forma de olhar e perceber o mundo, desse modo, somos levados a refletir a cultura do aparelho que temos nas mãos através de nossas ações estimuladas por ele e a ele como um meio e um fim.

Não apenas nossa visão estaria culturalmente condicionada para agir de determinada maneira, mas a própria sociedade, em confabulação com a visão, estabeleceria uma determinada visibilidade, um regime do visível. [...] o real não coincide com a totalidade do mundo, mas que é uma forma social, uma forma construída socialmente. É o que constata, com mais contundência, Deleuze, a partir das ideias de Foucault (1986, p.66) – “cada formação histórica vê e deixa ver tudo que pode, em função de suas condições de visibilidade” –, de onde se conclui que o visível é aquilo que se pode ver, o que a sociedade deixa ver e institui que há de ser visto. (CATALA-DOMÈNECH, 2011, p. 22)

Nesse sentido, utilizando o conceito de funcionário do aparelho de Flusser (2011) e civilização da imagem de Deleuze (2005), percebe-se que o aparelho – não apenas do aparelho em si, mas toda a construção que circunda a existência do mesmo, considerando as condições de mercado e desenvolvimento de tecnologias – condiciona a forma de agir e se comunicar na rede, como no caso dos mIRC¹⁵, que possuíam um tipo de linguagem por códigos que somente os usuários do programa entendiam, mas que no decorrer das substituições essa forma de escrever acompanhou os novos aplicativos como o ICQ¹⁶, o MSN Messenger¹⁷, entre outros. Da mesma forma, ao observar o Instagram e o seu blog, pode-se ver que há um condicionamento para a constituição de determinadas imagens, poses, hashtags e legendas, com isso, baseado nestas duas teorias, os indivíduos na atualidade cada vez mais vivem em função destes aparelhos.

Dessa forma, semelhante ao que aconteceu com o surgimento da fotografia, no compartilhamento de imagens, a realidade mais uma vez é posta em cheque, não apenas no sentido de representação como foi na primeira, mas novamente a sua relação entre tempo e

¹⁵mIRC é um cliente de IRC, shareware, para o sistema operacional Microsoft Windows, criado em 1995 e desenvolvido por KhaledMardam-Bey com a finalidade principal de ser um programa chat utilizando o protocolo IRC, onde é possível conversar com milhões de pessoas de diferentes partes do mundo. Ele era utilizado somente para isto, mas evoluiu para uma ferramenta totalmente configurável, que pode ser usada para muitas finalidades devido à sua linguagem de programação incorporada (mIRCScripting).

¹⁶ ICQ é um programa de comunicação instantânea pioneiro na Internet que pertence à companhia Mail.ru Group. A sigla "ICQ" é um acrônimo feito com base na pronúncia das letras em inglês (I SeekYou), em português, "Eu procuro você", porém é popularmente conhecido no Brasil como "i-cê-quê".

¹⁷ MSN Messenger foi um programa de mensagens instantâneas, criado pela Microsoft Corporation. O serviço nasceu a 22 de Julho de 1999, anunciando-se como um serviço que permitia falar com uma pessoa através de conversas instantâneas pela Internet. O programa permitia que um usuário da Internet se relacionasse com outro que tivesse o mesmo programa em tempo real, podendo ter uma lista de amigos "virtuais" e acompanhar quando eles entram e saem da rede. Ele foi fundido com o Windows Messenger e originou o Windows Live Messenger.

espaço, visto que o que impera no ambiente da rede social por meio de dispositivos móveis é a instantaneidade e a modulação. Visto que, o que se torna evidente na imagem digital é também a possibilidade da construção do real, através da edição de imagens ou formulação de novas, como se vê nas campanhas publicitárias ou edições de imagens em revistas.

Nesse sentido, Català-Domènech (2011) fala de hiper-realidade através da imagem, que acontece devido aos suportes tecnológicos estarem em busca da superação do próprio aparelho visual humano, todavia, ele ainda ressalta que essa superação não poderia acontecer, visto que há muito mais além de uma relação visual com a imagem, entretanto, há uma relação perceptiva com a imagem que se desenvolve no contato do indivíduo com a cultura e a experiência de vida.

Ainda sobre isso, Català-Domènech (2011) ressalta que esse hiper-realismo oriundo dos dispositivos tecnológicos é marcado pela desconfiança, e enfatiza essa premissa através do mito da caverna, de Platão, no qual não há realidade, mas realidades que são construídas por cada indivíduo, e apresenta sob outros ângulos através Jean Baudrillard, com a teoria do Simulacro e Guy Debord por meio da sociedade do espetáculo como olhares desmontam a lógica dos dispositivos tecnológicos como representação da realidade. Isso se dá em virtude de que:

As imagens atuais são essencialmente fluidas, líquidas, poderíamos dizer, para empregar uma metáfora popular no momento. Consequentemente, o que determina as visualidades das imagens contemporâneas, o que as agrupa apesar da diversidade de meios que as veiculam, não é tanto a digitalização, seu aspecto tecnológico, mas a *fluidéz* que caracteriza a aparência visual dos produtos dessa tecnologia particular. Essa condição fluida é, portanto, o resultado das características técnicas dos equipamentos digitais: as imagens adotam o aspecto de um líquido que flui e se adapta a seu entorno porque sua condição digital o permite, mas não só por isso, já que o cinema também era fluido em essência e, no entanto, tinha um suporte analógico de caráter fotoquímico. (CATALÀ-DOMÈNECH, 2011, p. 89)

Seguindo esse princípio exposto acima, pode-se dizer que em relação à imagem primeiramente à fotografia analógica, vê-se que essa construção dela habita naquilo que Halbwachs (2003) fala sobre lembranças coletivas, que no caso dessa pesquisa pode-se dizer de “imagens coletivas”, visto que o ato de folhear um álbum, ou rever uma fotografia impressa, para o campo analisado, não acontecia apenas num ato solitário, mas através de um ritual onde a imagem extrapola a borda da impressão e se recria através dos relatos e lembranças de seus participantes como se pode ver no caso citado por @kitato.

Pergunta: Você costumava re-ver as fotos que eram reveladas? Em que situações isso acontecia ou acontece?

Rever fotos acontecia muito mais vezes do que agora. Eu ia de férias e quando voltava reunia os amigos para juntos vermos as fotografias e recordarmos histórias. Era normal alguém puxar um álbum de fotos e passarmos horas à volta dele. Hoje, a velocidade é tanta que às vezes não chego a ver nenhuma vez as fotos que tiro. (Entrevista concedida em 15 de fevereiro de 2014)

Em meios digitais como o Instagram, ainda é sujeito à percepção do indivíduo que constrói a imagem no aparelho, tanto no sentido da captura, quanto ao uso dos efeitos que dão um tipo de significado que está na subjetividade do indivíduo que posta, ou seja, há ali presente não apenas a realidade apresentada pelo aparelho, mas a do sujeito representado, daquele que posta no aplicativo e daquele que visualiza e todos darão inúmeros sentidos àquele tipo de imagem, por outro lado, diferente do que acontecia ao exposto acima, os rituais que envolvem esse tipo de imagem, não mais são de rememoração coletiva, porém, são de visualização que abrangem o ato do curtir ou não a imagem, comentar ou não comentar a imagem.

Nesse sentido, a imagem que estamos propondo neste trabalho, não está somente ligada ao seu suporte enquanto meio de representação, mas está carregada de percepção do sujeito que tem uma intencionalidade ao capturar determinado evento, ou espaço que o leva a usar determinados efeitos ou construção de narrativas em torno do Instagram, seja ele condicionado pelo aplicativo, como veremos abaixo, ou não. Entretanto, os usuários desses aplicativos estabelecem uma relação de dependência em relação ao aparelho e tornando-se assim, uma sociedade que vive de imagens técnicas.

Essa relação com o aparelho e o aplicativo como meio para fluxo de dados em forma de imagens, reforça o que Catala-Domènech (2011) fala sobre a cultura influenciar na forma de ver do indivíduo, de outro modo, ele também afirma que “não apenas nossa visão estaria culturalmente condicionada para agir de determinada maneira, mas a própria sociedade, em confabulação com a visão, estabeleceria uma determinada visibilidade, um regime do visível.” (CATALA-DOMÈNECH, 2011, p. 22).

Todavia, essa questão sobre a intencionalidade e a cultura visual a partir desses mecanismos móveis pode gerar uma sucessão de imagens-clichês, no sentido que Deleuze (2005) fala de que nunca percebemos tudo que há na imagem, pois se insere nos encadeamentos sensório-motores. Desse modo, ele ainda aprofunda afirmando que a civilização que é dita da imagem é na verdade uma civilização clichê, visto que

Percebemos sempre menos, percebemos apenas o que estamos interessados em perceber, ou melhor, o que temos interesse em perceber, devido a nossos interesses

econômicos, nossas crenças ideológicas, nossas exigências psicológicas. Portanto, comumente, percebemos apenas clichês. (DELEUZE, 2005, p. 31)

Aplicando esse conceito ao Instagram, passamos pelas imagens que são exibidas no display do celular, sem lhes dar muita importância, pois caíram na banalidade, somos apenas despertados para fora do clichê quando estas saem da zona dos esquemas, que na verdade, acabam de certa forma, entrando em um novo esquema e com isso, corroborando com Deleuze (2005) cai-se apenas na produção de novos clichês, sem se conseguir definir até que ponto se sai deste ciclo.

De outra forma, pode-se compreender essa “saída do clichê” como os movimentos dos artistas, fotógrafos, designers e pessoas que passam a não “banalizar” o olhar com a constituição de imagens clichês, mas “superando” o aplicativo com outras propostas visuais, temas, construção de poéticas que envolvam outra forma de se relacionar com a imagem por meio do aplicativo, todavia, em sua maioria de usuários, ainda assim, o que perdura é a relação de dependência ao aparelho. Nesse sentido

Pensar as imagens não é, por sua vez, pensar com as imagens, e nem o ato em si sobre essa última operação, já que as imagens expressam por si sós um pensamento ou um processo de pensamento independente da intenção com que tenham sido feitas. (CATALA-DOMÈNECH, 2011, p. 27)

Por outro lado, pensar que há uma subversão ao clichê no aplicativo é um tanto paradoxal, pois ao visualizar o blog do Instagram, vê-se que há um condicionamento a desenvolver esse tipo de imagem que se observa em artistas, fotógrafos e designers, portanto, quem subverte a proposta do aplicativo é justamente o grupo que não absorve a proposta do próprio programa, do mesmo modo, tanto um grupo como outro, são condicionados, por mecanismos diferentes a desenvolverem imagens “clichês”.

De acordo com Catala-Domènech (2011), o sujeito se relaciona com a imagem a partir de sua interioridade, que a organiza de tal forma que se busque explicar o mundo através de imagens tornando-a uma forma de linguagem. Todavia, não constituem com fidelidade a realidade, mas são representações do olhar de cada indivíduo, pois, a percepção e a cultura influenciam a forma como, através do olhar, se percebe esse mundo criado por ele. Essa interioridade do indivíduo é condicionada também a um aspecto temporal, doutra forma, falar de imagem fotográfica é falar dessa questão temporal que se reflete num sentimento nostálgico que formata um aspecto da memória imagética e estabelece o que Santaella (2012) afirma sobre a fotografia ganhar não quanto sua extensão em relação ao mundo, mas em intensidade em função do sujeito, como é no caso de @camilanobushige quando fala sobre

rever suas fotografias antigas.

Pergunta: Você costumava re-ver as fotos que eram reveladas? Em que situações isso acontecia ou acontece?

Revejo as fotos em datas comemorativas - Natal, aniversários - ou em Outubro, aderi há 3 ou 4 anos a brincadeira de usar fotos da infância no mês do Dia das Crianças. Mas adquiri o hábito de revelar fotos da família (moro a 1 ano longe) as quais coloco em porta retratos espalhados pela casa, então estou sempre as revendo. (Entrevista concedida em 23 de março de 2014)

Portanto, na fala citada acima, há uma intensidade no que se refere à nostalgia quanto à distância de seus familiares, o que faz a relação dela com a imagem tomar outra dimensão que está para além da visão, pois nesse caso, “fotografar é também um modo de redimir o simples, o banal e o modesto, pois ‘a fotografia é uma espécie de ênfase, uma cópula heróica com o mundo material’” (SANTAELLA, 2012, p. 130).

Todavia essa relação nostálgica com a imagem faz indagar sobre como isso se dá a partir dos meios tecnológicos, no caso em questão nos dispositivos móveis, visto que havia uma forma diferenciada em lidar com essa questão através da fotografia, todavia, a intervenção dos aplicativos móveis e o desenvolvimento dos sistemas de armazenagem, bem como a forma de manusear as imagens por meio do sistema TouchScreen¹⁸, faz com que se pense sobre o fato a tecnologia altera a forma do olhar do indivíduo quando se trata de uma relação nostálgica e subjetiva em relação à imagem.

Ao falar dessa alteração na percepção da imagem, Santaella (2012) utiliza a fotografia como parâmetro de análise e sobre a influência desses suportes tecnológicos que surgiram após a máquina fotográfica e o cinema, chama de “paradigma da pós-fotografia”, pois a imagem deixa de ser regida por aspectos físicos como a luz e se constitui a partir de cálculos matemáticos e pixels que se formam em telas. Nesse sentido, a autora utiliza o pensamento de Edmond Couchot para afirmar que mesmo essa imagem nascendo através de outros suportes, ainda possui características representativas, porém, ela passa a simular a realidade, pois desse modo, desenvolve o princípio de “nova ordem visual” conforme afirmação abaixo:

Na nova ordem visual, na nova economia simbólica instaurada pela infografia, o agente da produção não é mais um artista, que deixa na superfície de um suporte a marca de sua subjetividade e de sua habilidade, nem é um sujeito que age sobre o

¹⁸É um tipo de tela sensível à pressão, dispensando assim a necessidade de outro periférico de entrada de dados, como o teclado. Funciona também como filtro para as radiações do monitor e elimina a eletricidade estática.

A película tátil pode ser ativada com a pressão de um dedo ou de uma caneta de feltro (sem tinta). Este ecrã é ideal para jogos, para desenho no computador, ou outras atividades pedagógicas. São especialmente utilizados em PDA e em terminais bancários de distribuição de dinheiro.

real, e que pode até transmutá-lo através de uma máquina, mas se trata agora, antes de tudo, de um programador cuja inteligência visual se realiza na interação e complementaridade com os poderes da inteligência artificial. (SANTAELLA, 2012, p. 171)

Nesse sentido, tudo que envolve essa relação virtual com a imagem, faz com que se tornem as palavras de ordem do sujeito contemporâneo como exemplo, postagem, compartilhamento e redes sociais, pois “estar virtual” no ciberespaço em tempo de tecnologia móvel não requer mais permanecer estático em um único lugar diante de uma tela de computador, mas pode-se conectar a rede social, executando outras tarefas, se deslocando de um lugar ao outro sem a necessidade de se desconectar.

E com isso, a interação por meio dos olhos se torna mais forte através dos dedos que manuseiam a tela, transformando a sociedade atual como aquela que “enxerga por meio dos dedos”. Isso faz indagar sobre a relação que ela estabelece com esse tipo de imagem oriunda dos meios digitais. A chamada “civilização clichê¹⁹” nesse contexto de imagens em Redes Sociais vive sob a dependência da tecnologia na forma como passa a se interagir com a imagem digital.

Para quem vivenciou o ato de fotografar através de uma máquina fotográfica analógica, Dubois (1993) defende que não apenas nos deparamos com o ato de efetuar um mero clique que eterniza um momento por meio de uma imagem, mas a ação de recortar o tempo que constitui uma narrativa de memória imagética. Imagem esta que segundo Kossoy (2009), é incompleta e necessita das narrativas (orais ou escritas) para se completar, pois não se “bate” simplesmente uma foto, mas há toda uma linguagem até a efetuar o disparo, que no caso da fotografia analógica acontecia da seleção do filme, o momento escolhido, a revelação do filme, a colocação no álbum e o evento de contemplar a fotografia, como se vê abaixo:

Pergunta: Como você se relacionava com as fotografias reveladas em álbuns?

Lembro-me de folhear álbuns de amigos/as, de ver fotografias que nem sequer sabia que tinham sido tiradas, de recordar alguns momentos de que já não me lembrava. Ver esses álbuns tinha um lado lúdico, mas também uma faceta nostálgica. Lembro-me de pedir a amigos, amigas e namoradas que me mostrassem fotografias tiradas em tempos em que ainda não os/as conhecia. Havia quem, como eu, as tivesse num caos. E houve quem as tivesse arquivadas em álbuns, com tudo organizado, de acordo com critérios cronológicos. Ver essas fotografias ajudava a conhecer a pessoa que as tinha. Todo o processo de fotografar, em sentido lato, era mais demorado, complexo e caro. Levar a máquina fotográfica para algum lado era sinal de que o evento era especial. Ou tornava-se especial porque alguém tinha levado a máquina fotográfica. A curiosidade era imensa até as fotografias estarem prontas, isto é,

¹⁹ Ver em Deleuze (2005)

relevadas e impressas, disponíveis para serem apreciadas.²⁰

Há um aspecto religioso que circunda o ato de contemplar fotografias que está além do ato de fotografar, pois na constituição de memória imagética coletiva, há um ritual que celebra a imagem, não apenas no sentido de simplesmente “olhá-las”, mas de construir uma narrativa que está além das bordas da imagem, como se a fotografia estivesse deixado em suspenso uma cena que pede para ser concluída através da imaginação do observador. Sobre isso Couchot (1993) afirma que na imagem há dois momentos do tempo, um que é relacionado à própria captura e outro que está relacionado ao ato de contemplar a imagem representada, isso faz com que tempo e espaço se tornem homogêneos, que segundo Dubois (1993, p. 15) transcende a própria fotografia, pois

A foto não é apenas uma imagem (o produto de uma técnica e de uma ação, o resultado de um fazer e de um saber-fazer, uma representação de papel que se olha simplesmente em sua clausura de objeto finito), é também, em primeiro lugar, um verdadeiro *ato* icônico, uma imagem, se quisermos, mas *em trabalho*, algo que não se pode conceber fora de suas *circunstâncias*, fora do *jogo* que a anima sem *comprová-la* literalmente: algo que é, portanto, ao mesmo tempo e consubstancialmente, uma *imagem-ato*, estando compreendido que esse “ato” não se limita trivialmente apenas ao gesto da *produção* propriamente dita da imagem (gesto da “tomada”), mas inclui também o ato de sua *recepção* e de sua *contemplação*.

Nesse sentido, Flusser (2011) afirma que as imagens se manifestam exteriormente em três dimensões, como códigos a serem decifrados. Para isso, a imaginação recodifica a imagem para novos planos. A partir dessa recodificação da imagem, a o “Tempo de Magia”, que significa a subversão de causa e efeito entre os eventos da imagem, para um estado de “eterno retorno”, ou seja, esse movimento que a fotografia faz quando suspende o tempo e atualiza o passado no presente atual e através da imaginação, constrói um novo presente e um novo passado.

Esse “Tempo de Magia” representa o que Parente (1993) define como estado de lembrança que se estrutura posicionando o passado no presente, ou seja, o passado se conserva no presente, num estado de potência, pronto para ser revivido através da memória e das imagens que constitui, mas que se atualiza enquanto condição de “passado inteiro em seu estado contraído”. Sobre essa questão de temporalidade da fotografia, Couchot (1993, p.40) coloca que “a foto reenvia perpetuamente (e por vezes deliciosamente) ao presente da pose, num ir e vir vertiginoso entre o presente-presente daquele que a contempla e o presente-passado da pose”.

²⁰ Trecho do questionário de @joaocs por e-mail no dia 10 de abril de 2014

Nesse sentido, Foster (2011) ao falar sobre os aspectos que constituem a memória, afirma que o ato de lembrar não se dá de forma perfeita, pois é de forma fragmentada, assim, quando lembramos algo que ocorreu, ele diz que há uma mistura entre elementos reais e reconstruções de fatos fictícios, para exemplificar isso, ele utiliza a imagem da reconstrução de um dinossauro, visto que nas escavações não se consegue encontrar todos os ossos que correspondem à espécie, entretanto, para se construir um esqueleto “perfeito”, é necessário que se faça enxertos com partes confeccionadas de outros animais, ou mesmo de outros materiais.

O ato de lembrar não é uma reativação de incontáveis vestígios fixos, sem vida e fragmentados. É uma reconstrução ou construção imaginativa feita a partir da relação entre nossa atitude e toda uma massa ativa de reações ou experiências passadas organizadas, e de um pequeno detalhe relevante que comumente surge em forma de imagem ou linguagem. É por isso é raro que seja exato, mesmo nos casos mais simples de recapitulação de rotinas... (BARTLETT apud FOSTER, 2011, p. 23)

A partir dessa colocação de Foster (2011), se pode dialogar também com Bergson (2006) quando fala que o passado sobrevive sobre duas formas distintas: através de mecanismos motores e de lembranças independentes, com isso, ele ainda divide esta última forma em duas outras, uma imaginativa e outra repetitiva, para tal, ele utiliza o exemplo do processo de leitura de um texto e memorização de uma lição, visto que a primeira está sempre em movimento e possui um processo semelhante ao que Foster (2011) destaca. Sobre esse tipo de memória que não se dá através de processos de repetição, mas de construção Bergson (2006, p. 89) afirma que:

Esta só reteve do passado os movimentos inteligentemente coordenados que representam seu esforço acumulado; ela reencontra esses esforços passados, não em imagens-lembranças que os recordam, mas na ordem rigorosa e no caráter sistemático com que os movimentos atuais se efetuam, A bem da verdade, ela já não representa nosso passado, ela o encena; e, se ela merece ainda o nome de memória, já não é porque conserve imagens antigas, mas porque prolonga seu efeito útil até o momento presente.

Para compreender essa relação fenomenológica da imagem, Merleau-Ponty (1999) fala que não é apenas representação, mas um todo que é observado também em suas partes, partes essas que compõe a experiência e que tornam perceptíveis determinados detalhes, que numa primeira vista não são possíveis de detectar, com isso o arcabouço que constitui a interação do sujeito não é com o mundo, mas com aquilo que percebe dele.

A diferença entre percepção e lembrança é a de que de um lado a percepção-ideia está sujeita ao resultado de interação entre ambiente e sistema nervoso, ou seja, dialogando com Merleau-Ponty (1999), a percepção tem ligação com as experiências que se acumulam no

mundo e a devolve em forma de sensações, as lembranças, tem ligações com a forma como percebe o mundo, num tempo passado e a devolve em forma de recordação.

[...] para vir a completar a percepção, as recordações precisam ser tornadas possíveis pela fisionomia dos dados. Antes de qualquer contribuição da memória, aquilo que é visto deve presentemente organizar-se de modo a oferecer-me um quadro em que eu possa reconhecer minhas experiências anteriores. Assim, o apelo às recordações pressupõe aquilo que ele deveria explicar: a colocação em forma dos dados, a imposição de um sentido ao caos sensível. (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 44).

Nesse sentido da experiência, o movimento de “eterno retorno” faz com que a relação entre imagem percebida e ação da memória que se atualiza virtualmente, se confunda com o próprio objeto, ou seja, dentro das quatro dimensões da imagem apresentadas por Flusser (2011), temos a imagem percebida, ou evento representado na fotografia, a memória que se relaciona ao evento representado e se atualiza no processo de construção, a própria fotografia em si, que corresponde a um elemento que também concretiza o movimento da imagem e a imaginação que interliga todas as dimensões que completam a imagem, conforme afirma:

As imagens são, portanto, resultado do esforço de se abstrair duas das quatro dimensões espaços-temporais, para que se conservem apenas as dimensões do plano. Devem sua origem à capacidade de abstração específica que podemos chamar de imaginação. No entanto, a imaginação tem dois aspectos: se de um lado, permite abstrair duas dimensões dos fenômenos, de outro permite reconstituir as duas dimensões abstraídas na imagem. Em outros termos: imaginação é a capacidade de codificar fenômenos de quatro dimensões em símbolos planos e decodificar as mensagens assim codificadas. Imaginação é a capacidade de fazer e decifrar imagens (FLUSSER, 2011, p. 7)

Para diferenciar a relação entre esse movimento de vivência e lembrança a partir das imagens, Flusser (2011) diferencia as imagens em dois tipos: Tradicional, que corresponde às idéias e imaginação e Técnicas, que atua na intermediação entre o homem, o olhar e o mundo. Para o desenvolvimento das imagens tradicionais, a imaginação é o caminho pelo qual elas se constituem, pois se formam na subjetividade do sujeito, na forma como este compreende e percebe o mundo, tem relação com o imaginário, entretanto, as imagens técnicas necessitam de um mediador para que faça a transição entre a subjetividade, o mundo e o sujeito, neste caso a máquina fotográfica corresponde a esse elemento mediador entre o olhar do sujeito e o mundo.

Apesar de ser representativa, a imagem técnica não totaliza o mundo, mas é um código que se atualiza por meio da imagem tradicional e à medida que ganha significado simbólico e por meio da memória se atualiza e transforma-se, tornando-se uma nova imagem. Com isso, “as imagens técnicas, longe de serem janelas, são imagens, superfícies que transcodificam processos em cena” (FLUSSER, 2011, p. 32).

A fotografia em seu surgimento trouxe um novo paradigma para os aspectos da representação da arte e conseqüentemente a própria ideia de imagem, pois segundo Argan (1992) o que se apresentava eram duas soluções, a arte como função pictórica poética e a imagem fotográfica, até então, era vista como proposta da representação fiel da realidade. Entretanto, a perspectiva da representação fiel não se sustenta, pois, “a objetiva fotográfica reproduz, pelo menos na primeira fase de seu desenvolvimento técnico, o funcionamento do olho humano” (ARGAN, 1992, p. 79).

Segundo Argan (1992), a fotografia influenciou os impressionistas no sentido de buscarem novas formas de expressão, seja por estarem de acordo, ou se oporem a ela, com isso a fotografia se estabelece por meio de enfatizar detalhes que a percepção do olho não consegue captar.

Para desenvolver sua filosofia sobre a fotografia, Flusser (2011) discorre sobre o conceito de imagens tradicionais e imagens técnicas, sendo que a primeira é marcada pela abstração de primeiro grau, ou seja, abstrai duas das quatro dimensões espaços-temporais da imagem. A imagem técnica é oriunda de aparelhos, que de outra forma são produtos da técnica. Ela, por outra vez, representa o terceiro grau da abstração.

Nessa diferença entre Imagem Tradicional e Imagem Técnica, Flusser (2011) ainda afirma que a primeira tende a imaginar o mundo, enquanto que a segunda estabelece uma relação entre imagem e texto para seu deciframento.

Portanto, baseado na construção de Flusser (2011), sobre a imagem técnica, quando se fala em imagens oriundas de meios digitais, como o ciberespaço, deve-se refletir quais as mudanças trouxeram na percepção do sujeito no processo de relação imagem x memória, quando já não se fala mais em imagem como representação do real, mas a construção de um real possível.

Esse real possível é evidenciado ao verificar as edições de revistas que utilizam fotografia de celebridades a forma como manipulam o corpo das modelos através de programas de editoração de imagens para dar-lhes um corpo ideal, sem imperfeições, construindo-lhes um novo corpo alterado tecnologicamente, nesse sentido, o real é uma simulação, um autoreferente, não apenas a manipulação eletrônica em si, mas tudo que se usa (roupas, maquiagem e iluminação) para “ocultar as imperfeições” existentes para se criar o imaginário do modelo perfeito.

Por conta das transformações da tecnologia neste novo milênio, migramos de uma “civilização da imagem” para uma “civilização digital”, o que antes se desenvolvia por meio da imagem técnica, através do cinema e da fotografia, hoje a relação de dependência é no nível dos dispositivos móveis que se comportam como computadores de mão com acesso à internet e com isso, a vida passa a ser regida pelo uso destes aparelhos.

Por conta disso, a vida passa a ser narrada e vivida sob o olhar da máquina e desta relação de instantaneidade no ciberespaço. Postar tem sido mais essencial do que vivenciar e deixar fluir as emoções de viver o momento fora do aparelho. Com isso a memória, a partir dessa relação com a experiência e que se revive através de imagens, passa a ser construída não num nível de abstração e imaginação, mas no que tange a capacidade de armazenamento de cada aparelho, cartão de memória, ou espaço disponível em sites de compartilhamento de imagens. Por outro lado, essa grande gama de imagens que surgem no ciberespaço e da possibilidade de não mais representar, mas de construir uma realidade, Parente (1993) utilizando o conceito aplicado por Deleuze (2005), fala dessa “civilização clichê” como:

O grande desafio daquele que produz imagens é justamente saber em que sentido é possível extrair imagens dos clichês, imagens que nos permitam realmente “viajar” (devir). Se tudo nos parece uma ficção, uma ficção de ficção, se tudo parece conspirar para uma desmaterialização do mundo, se temos dificuldades em viver a história, é porque tudo parece já ter sido programado, preestabelecido, construído, calculado. (PARENTE, 1993, p. 18)

Para Aumont (1993), a imagem tem por função: garantir, reforçar, reafirmar e explicitar nossa relação com o mundo visual. E possui uma forma principal que é a rememoração, que está dentro de uma perspectiva psicológica, segundo o autor, entretanto, está diretamente relacionada com a constituição do observador.

Com isso, cabe compreender quem é esse elemento que ao mesmo tempo em que gera as imagens, também é sujeito a elas, no sentido ao qual Flusser (2011), coloca como “dependente” de imagens, muito mais agora na relação com as imagens oriundas de dispositivos digitais, o indivíduo pós-moderno perde a referência de representação e se mistura com elas, ao mesmo tempo em que as modifica criando uma nova realidade.

2.1 Do analógico ao digital

Para pensar a imagem a partir das analogias analógico e digital, deve-se traçar uma trajetória da sociedade até a constituição de uma civilização virtual baseada nos dígitos que correspondem à característica digital, pois as sociedades, analógico e digital estão muito além

da relação técnica que permeia o desenvolvimento tecnológico dos aparelhos, mas está imbricada a forma como a cultura contemporânea, capitalista e consumista desenvolve a relação consigo mesma.

Através da Cibercultura, temos a desestruturação, ou melhor, uma reestruturação de fronteiras, onde as limitações físicas do ambiente concreto se diluem em função do fluxo de dados e da vida em rede por meio da interface de um computador, ou celular, nesse sentido, o ciberespaço como fruto da pós-modernidade veio para reordenar a vida do ser humano, no sentido de que este passe não apenas a usá-la, mas a depender dela e até mesmo se misturar com ela, significando assim, um dos principais

sintomas do mundo pós-moderno, palavras como chip, saturação, sedução, niilismo, simulacro, hiper-real, digital e desreferenciação, sendo que no mundo moderno os discursos girariam em torno de outras palavras, tais como energia, máquina, produção, proletariado, revolução, sentido, autenticidade. (NAZÁRIO, 2008, p. 24)

A imagem digital é um componente que se estrutura dentro da sociedade que se configura a partir da construção de identidades digitais, ou seja, está relacionada ao acúmulo de informação e dados e a virtualização dos indivíduos, dando ideia de descorporeidade, desterritorialização. Nesse sentido o universo digital não anula e nem supera o universo analógico visto que um co-existe em relação ao outro. A essa relação de co-existência Lèvy (1996) fala de uma relação entre o virtual e o atual, ou seja, tanto o universo digital, quanto o analógicos representam dois níveis de realidade. Segundo Castells (2003), o ciberespaço é um ambiente de fluxos que conecta lugares e pessoas através de um sistema de transporte de dados, redefinindo distâncias, temporalidades, construindo assim uma geografia própria.

Nesse sentido, o universo digital é, antes de tudo, falar de bit como linguagem que se estrutura a partir da constituição binária 0 e 1, ou seja, há uma relação numérica na obtenção de dados, imagens e outros que estejam em dependência dessa ambiente digital, com isso, não temos apenas aquilo que vemos enquanto percepção, mas há um aspecto mensurável no que tange essa imagem, de outro modo, essa relação com o dado, pode ser modulada a tal ponto que não temos mais o visível enquanto representação do real, mas a simulação do visível enquanto potência de realidade. Esse processo da imagem digital enquanto dado, altera a forma como nos comportamos, pois reordena o sentido das identidades, que passa a não apenas a ser mais construído no sentido de pertencimento, mas de acordo com Bauman (2005):

Tornamo-nos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não têm a

solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade”. Em outras palavras, a ideia de “ter uma identidade” não vai ocorrer às pessoas enquanto o “pertencimento continuar sendo o seu destino, uma condição sem alternativa. (p. 17)

O bit como fluxo de dados possui uma característica fluída e modelizável, pois são constituídos de informações que pode ser manipuladas e em tendem a não permanecer estanques, com isso, a partir da afirmação de Bauman (2005), as identidades bits são caracterizadas por esse perfil, sempre em transformação.

A imagem analógica tem relação à composição material tanto na construção da imagem, no sentido dela partir de uma realidade constituída, ou seja, concreta e materializada, conforme diz Negroponte (1995) sobre o mundo ser constituído dentro da perspectiva do átomo, nesse sentido, ao manusear uma fotografia, não se manuseia apenas moléculas atômicas que deram forma ao papel, mas uma situação que foi construída a partir dessa relação.

A sociedade analógica é marcada pela sociedade moderna, através do iluminismo, da razão e da valorização da ciência. Uma sociedade que segundo Nazário (2008), é caracterizada pela manipulação do aço, surgimento das fábricas, automóveis, funcionalismo no design e na arquitetura, a luz elétrica e nas comunicações.

Enquanto que a vida cotidiana na modernidade era regida pelo sino da fábrica, onde todos seguiam uma rotina padronizada e uniforme. Na pós-modernidade, através da sociedade Bit, tempo e espaço ficam em estado de suspensão, por conta do ciberespaço e com isso, tudo pode ser construído e modificado, o fluxo de dados passa a reordenar inclusive os postos de trabalho e as relações sociais, com isso a os indivíduos passam a agir de acordo com o *habitus digital*²¹, rompendo fronteiras, temporalidades e linguagens.

Acompanhando essas modificações, a sociedade digital, se baseia no fluxo, é uma sociedade informatizada segundo Lyotard (2009), proporcionando diferentemente da sociedade baseada no átomo, não mais a representação, mas a construção da realidade a partir da imagem, pois o computador passa a ser um elemento que estrutura todo o *habitus* da

²¹ Utilizando o conceito de Habitus de BOURDIEU (2004), o universo digital regido não apenas pelo computador, mas por uma sociedade que se interliga em rede através do ciberespaço, passa a reger seu cotidiano e suas inter-relações por meio da dependência da máquina e da rede. Nesse sentido há uma adequação do conceito habitus de Bourdieu para o termo *habitus digital*.

sociedade.

Pode-se dizer que na sociedade Digital, o ciberespaço exerce sobre o indivíduo um poder simbólico, pois a vida passa a ser estruturada a partir da rede e da transmissão de dados, como por exemplo, a vida financeira, escolar e a pessoal, com isso, o ciberespaço passa a ser também um sistema de poder simbólico sobre os indivíduos, pois “é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem” (BOURDIEU, 2004, p. 8). Nesse sentido

O poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem gnosiológica: o sentido imediato do mundo (e, em particular, do mundo social) supõe aquilo que Durkheim chama o conformismo lógico, quer dizer, “uma concepção homogênea do tempo, do espaço, do número, da causa, que torna possível a concordância entre as inteligências”. (BOURDIEU, 2004, p. 9)

Pensar o ciberespaço é condicionar a vida em sujeição à tecnologia, com isso, aprofundar mais os aspectos que Flusser (2011) coloca sobre “funcionários do aparelho”, que está para além da ideia do aparelho fotográfico, mas também no aspecto de que a vida passa a ser dirigida pelo aparelho tecnológico e transmissão de dados e com isso a cultura e as artes se transformam de acordo com as revoluções tecnológicas que afetam o cotidiano das pessoas e “a sociedade contemporânea é em grande parte resultado da revolução digital, que altera diversas dimensões cotidianas da nossa vida” (DUARTE, 2003, p. 10).

Essa “revolução digital” tem relação com a ideia do desenvolvimento das tecnologias de telepresença, da realidade virtual e dos mundos virtuais, com a suspensão do tempo e do espaço e com isso, o processo de fluxo, de circulação de dados, pois,

Vivemos num mundo onde tudo circula. Tudo deve circular o mais rapidamente possível: os veículos, os enunciados, as imagens, as informações, os homens. No entanto, tudo parece estar no lugar, todas as diferenças se anulam, tudo se tornou intermutável. Os homens fazem viagens imóveis, como se eles mudassem de lugar para evitar uma mudança de “clima”, assim como os pássaros migratórios. (PARENTE, 1993, p. 17)

A partir dessa construção de uma sociedade baseada em fluxo de dados e das transformações tecnológicas, Parente (1993, p. 15) aponta que este contexto de cibercultura deve ser avaliado em função de duas tendências: “a tendência à homogeneização universalizante (territorialização) e a tendência à heterogeneização singularizante (desterritorialização) da subjetividade”.

Partindo dessa construção de homogeneidade, o habitus se manifesta nas formas de configuração nas redes sociais, ou seja, se observa com certa frequência, baseado na

formulação de Aristóteles, como um processo de uniformidades das atividades e ações que se manifestam na sociedade digital, no caso mais específico, do Instagram, como padrões de postagens, tipos de imagens que são utilizadas, comentários, legendas e Hashtags. Outro modo de estruturar o *Habitus* a partir do aplicativo é condicionando as ações dos sujeitos presentes neste universo virtual, através de mensagens de estímulos e propostas de Hashtags que mostram outras vias nas quais o Instagram quer que seja capturado.

Isso mostra que na sociedade digital, tudo se desmaterializa, tudo se torna volátil e modelizável, com isso, o corpo virtual também entra nesse processo de desconstrução e reconstrução do tempo e do espaço que se reflete na percepção da imagem e se torna um fluxo a partir da lógica dos bits que se movem dentro da rede e constrói uma nova realidade. Para Lyotard, o que é atingido pela imagem de síntese é o espaço e o tempo enquanto suportes da presença, segundo uma forma moderna (só nos resta o espaço e o tempo) e pós-moderna (já não permanece nem mesmo o espaço e o tempo). (PARENTE, 1993, p. 19)

O Instagram como aplicativo que busca oscilar entre o evento a ser representado pela imagem e a imagem com a utilização de filtros e aplicativos complementares para simular um tempo que transcende o próprio evento, atua num universo virtual e com isso, baseado no que afirma Couchot (1993, p. 42), tende a construir uma realidade “artificial, sem substrato material além da nuvem eletrônica de bilhões de microimpulsos que percorrem os circuitos eletrônicos do celular, uma realidade cuja única realidade é virtual”.

Couchot (1993) reflete que esse tipo de imagem digital não apresenta mais nenhuma aderência ao real, liberta-se dele, abalando a lógica de representação entre sujeito, imagem e objeto, num processo de hibridização a imagem se torna imagem-objeto, imagem-linguagem e há um diálogo constante entre sujeito e interface num ato interativo a imagem não é mais apenas o que olhamos, mas como imagem-sujeito, ela também nos olha e com isso,

O sujeito não mais afronta o objeto em sua resistência de realidade, penetra-o em sua transparência virtual, como entra no próprio interior da imagem. O espaço muda: virtual, pode assumir todas as dimensões possíveis, até dimensões não inteiras, fractais. Mesmo o tempo flui mais de maneira inelutável; sua origem é permanente “reinicializável”: não fornece mais acontecimentos prontos, mas eventualidades. Impõe-se uma outra visão do mundo. (COUCHOT, 1993, p. 42)

A interface passa a ser o principal canal pelo qual se obterá imagens e se constituirá memórias, pois ela passa a traduzir mediando o olhar e o sujeito, o evento e o recorte do momento. Pode-se pensar o binômio analógico e digital pela via da interface, segundo Johnson (2001) existe uma relação semântica, caracterizada por significado e expressão, ou

seja, a interface faz a inter-relação entre o analógico e o digital, o sujeito que pensa, através de palavras, conceitos, imagens, sons e associações que atuam no campo do analógico e o computador, que se estabelece em ligações matemáticas de “ligar (1)” e “desligar (0)”.

A transformação da imagem a partir da interface representa para Johnson (2001) a ruptura tecnológica que torna o computador um sistema simbólico que não atua apenas numa estrutura da causa-e-efeito, mas por meio de representações e sinais, tornando a máquina “autorreferente” para o usuário, com isso, não há mais a necessidade de se obter um conhecimento complexo, pois,

O enorme poder do computador digital contemporâneo depende dessa capacidade de auto-representação [...] a própria palavra interface evoca imagens de desenho animado de ícones coloridos e lixeiras que se mexem, bem como os inevitáveis clichês da acessibilidade ao usuário. (JOHNSON, 2001, p. 18).

Isso pode ser verificado na forma como os entrevistados manifestam a diferença entre a fotografia analógica e a geração de imagens de modo digital, apontam que de modo analógico a imagem era mais “pensada”, pois havia um alto custo na produção dela e que a mesma não poderia voltar para ser reparada. Que uma imagem perdida, significava um momento perdido e que não voltaria nunca mais, de outra forma, a geração de imagens através de aparelhos digitais, faz com que essa percepção de realidade modifique, pois se pode “refazer” a cena no instante em que se verifica que a imagem não saiu de acordo com o “planejado”.

Dessa forma, a imagem analógica residia na “intenção do evento”, o aparelho estava para satisfazer uma necessidade do evento pensado e selecionado, no caso das máquinas digitais, o evento está à “disposição do aparelho”, pois basta dar um clique para ver o resultado e se não foi satisfatório se repete o ato, até “a máquina estar satisfeita”. Nesse sentido, como modificação entre analógico e digital, o campo analisado aponta como diferença entre esses universos: portabilidade, compartilhamento e instantaneidade, conforme se pode ver abaixo sobre o uso de máquinas fotográficas analógicas e a diferença entre de uso com equipamentos digitais para geração de imagens:

Pergunta: Você chegou a utilizar ou utiliza máquina fotográfica analógica? Qual a diferença você destaca no uso deste tipo de equipamento antes das máquinas digitais e depois?

Tema central: Apresentaram contato com máquinas fotográficas analógicas. A diferença que destacam entre Máquinas Digitais e Máquinas Fotográficas Analógicas é a questão da velocidade e quantidade com que se obtém a imagem.

DSC: Cheguei a ter algum contato na infância, quando as câmeras digitais ainda não existiam. Minha mãe sempre me botava pra tirar fotos quando eu era criança, pois ela achava que eu enquadrava super bem. Sempre tive câmeras fotográficas desde

criança, um luxo que muitas crianças da minha época nunca tiveram. Meu irmão comprou uma reflex analógica quando tinha menos de 10 anos e fiquei apaixonado, a qualidade das imagens eram impressionantes e com certeza as fotos mais bonitas da minha infância saíram daquela câmera, com certeza foi um dos pontos que me fizeram pensar e depois mergulhar na profissão. Ainda utilizo está mesma câmera, principalmente em viagens como forma de desafio, treinar o olhar e ansiedade ao fotografar, para perceber os momentos mais importantes, registrá-los e posteriormente ainda experimentar outro sentimento em revelá-las por minha conta. Antes da era digital, a fotografia em sua maioria, era praticamente limitada a registrar somente o essencial de alguns momentos da vida, hoje em dia, o analógico a meu ver é mais utilizado pelos amantes dessa arte, pela nostalgia ou pelo exercício de fotografar de forma mais "pensada". A velocidade na capacidade da escolha e as impressões de terceiros sobre o registro. A diferença inevitável está no cuidado que havia no disparo do equipamento. Apesar de saber que era um disparo sem volta e não passível de conferência, o que poderia implicar em um preparo maior no momento do clique, algumas vezes era o oposto que ocorria. O resultado acabava carregando uma certa espontaneidade, justamente por não haver o momento de "checar" pra ver se todo mundo saiu bem na foto, e as repetidas tentativas de um registro esteticamente perfeito para todos. Tive câmera analógica, uma Zenit 12 XP (russa). Estudei fotografia como muita gente nesta cidade, no Fotoativa. Fotografávamos em Preto e Branco, já fazíamos viagens para jornadas fotográficas. Mas fotografar para a maioria das pessoas se restringia muito aos eventos citados acima. O fator principal na minha opinião, é a quantidade. Pelo número limitado de poses que existiam num filme, a quantidade de cliques era bem menor. Fotografia era cara. O filme, a revelação, as boas câmeras. Como disse, comprei recentemente uma InstaxMini, que revela a foto na hora, e o fato de "não poder escolher a foto" ou "não dá pra apagar e tirar outra" é incrível! Sem contar todo o charme que apenas fotos de câmeras analógicas têm. Além disso, tinha o gap de tempo entre o clique e a visualização, pois era necessário esperar a revelação. Às vezes se esperava por meses para completar o filme. Isso causava ansiedade e muitas vezes frustração, quando a foto "queimava" ou havia algum elemento imprevisto na imagem. Cheguei a usar várias, em especial uma "olympusmjuii" que andou no meu bolso durante muito tempo. De vez em quando a tirava do bolso para captar um instante. Mas nada que se compare ao ritmo atual com o iPhone. Agora tudo é mais barato (rolos e revelações sempre foi dispendioso), mais simples e mais instantâneo. A fotografia digital é muito mais prática e todo o processo é mais econômico. Não há necessidade de fazer ou encomendar a revelação do negativo. E, mesmo que não se pretenda imprimir, a imagem pode ser compartilhada com facilidade, por e-mail ou através de uma rede social. Na fotografia analógica, pensa-se duas vezes antes de disparar. Na digital, o limite é a memória do dispositivo, porque tirar uma fotografia ou cem não vai sair mais caro. Além disso, quando se fotografam assuntos estáticos, há a possibilidade de ver, de imediato, se aspectos como a exposição ou a composição estão de acordo com aquilo que se quis fazer. Na fotografia analógica, o cuidado tem de ser maior de cada vez que se tira uma fotografia. Este, para mim, é um aspecto curioso. Aderi à fotografia digital, mas continuo muito marcado pela forma de fazer fotografias da era analógica. Embora sabendo que não tenho de gerir a capacidade de um rolo da forma mais eficiente possível, não deixo de pensar nisso de cada vez que faço uma fotografia. De forma inconsciente, esqueço-me que tenho na máquina um cartão que me permite fazer centenas ou milhares de fotografias, em vez de um rolo de película limitado a 36 imagens ou menos. Não costumo apagar as fotos que momentaneamente não parecem boas. Costumo fazer arquivo dessas fotos. A digital por ser mais imediatista tira o elemento surpresa da revelação e luto muito para não sair clicando, coloco meu olhar para selecionar. A maior diferença é a portabilidade, quantidade, qualidade, compartilhamento e instantaneidade. Portabilidade: Antes com a máquina analógica eu planejava o dia que levaria o equipamento comigo, e sempre era para registrar algo planejado. Como os celulares estão com excelentes máquinas, tenho uma máquina "full time". Quantidade e qualidade das fotos tiradas: pelo fato de não precisar pagar por uma foto mal tirada, posso tirar um número muito

maior de fotos e selecionar aquela que gostei mais. Por tirar foto o tempo todo, a chance de ter uma cena melhor é maior do que na época analógica. Compartilhamento: infelizmente vivemos na era onde você é visto pelo que você compartilha e não pelo que você é. Então a maioria das pessoas, inclusive eu, compartilho fotos que mostram quem eu sou e o que é relevante mostrar de mim para meus amigos e família. A maioria é apenas flores e cores pois é o mundo de Alice e na era analógica também nos comportávamos desse jeito. O que é bonito registramos, o que é feio tentamos esquecer. Tenho consciência do perigo que corro na internet, mas ao mesmo tempo acredito que seja algo que não tem volta. Se eu não postar uma foto, outra pessoa irá postar. Não há como fugir da era digital. Instantaneidade: o que conta é o momento agora, não o anterior. As pessoas querem ver o que está acontecendo agora, sem atrasos ou adiamentos. Na época de fotos analógicas, as pessoas queriam ver o que aconteceu no passado. Era muito comum quando visitávamos nossos amigos ou o contrário perguntarmos sobre as fotos. Inclusive elas tinham destaque na sala de estar e existiam álbuns diferentes de viagens, formatura, cotidiano. Cada filho tinha o seu álbum. Hoje, as nossas fotos ficam enchendo espaço do nosso computador e os mesmos amigos não tem interesse em ver. A quantidade é muito grande e não são relevantes, pois fazem parte de um passado que não as pertence. Portanto, se hoje eu vejo ou aconteceu algo bacana, posto na hora. Se não for na hora, já se tornou obsoleto. Em minha opinião as câmeras analógicas têm uma magia especial. Além disso, quando você usa uma câmera digital, você tem um monte de fotos, mas quando você usa uma câmera analógica, você tem que ser claro sobre a imagem que você quer tomar. Você tem que pensar mais sobre isso.

Entre analógico e digital pode-se perceber mudanças significativas sobre a percepção da relação imagem e memória a partir do uso do aparelho, principalmente por conta da quantidade, qualidade e instantaneidade em que as imagens podem ser geradas e com isso, ela passa a ter outro tipo de referência para o indivíduo, como no caso dos *Selfies*²² na contemporaneidade.

Outro aspecto a ser analisado sobre essa relação entre analógico e digital tomando como parâmetro a migração de uma tipologia à outra, quando se aborda o grupo analisado nesta pesquisa, percebe-se uma ampla variação neste tipo de mudança, mas o que se aponta nas falas, a questão custo e tempo para obtenção de fotografias. Dessa forma, a maioria dos atores apontou como uma mudança natural, em alguns casos, houve um processo mais lento quanto a essa troca de suporte, o que se verá abaixo, serão as respostas individualizadas, o que não constitui um DSC, visto que não se consegue estabelecer um parâmetro quanto aos discursos devido seu caráter pessoal.

Pergunta: Como foi sua migração para o uso de máquinas digitais?

@adoniranmelo – Comecei a estudar Design e ficava difícil a digitalização das fotos que tenho, aí não pensei duas vezes e encarei o universo digital.

@junys_ – Ganhei minha primeira câmera digital aos 16 anos, levei pra fotografar amigos em uma viagem, e achava ela incrível! Era pratico de mais escolher as

²² *Selfie* é uma palavra em inglês, um neologismo com origem no termo *self-portrait*, que significa autorretrato, e é uma foto tirada e compartilhada na internet.

melhores fotos, modo de cenas e flash.

@kitato – Aconteceu tarde, mas de uma forma mais ou menos natural. Acho que teve a ver com os custos inerentes ao analógico e com o espaço físico que tanto os rolos como as fotos ocupam. No ano em que fui à Índia levei comigo mais de 20 rolos, que andaram sempre aos trambolhões na minha mochila. Tive sempre receio de perdê-los pelo caminho e de perder muitas memórias dessa viagem. Alguns rolos apanharam umidade e perdi algumas fotos. O digital foi o caminho natural.

@danisraposo – Foi um processo natural, na verdade aprendi a fotografar de verdade a partir de câmeras digitais, para então ter contato com câmeras analógicas pra valer.

@lumecom – Naturalmente, embora confesse que ainda tenho muito a aprender. Mas é natural, pois sou jornalista, gosto de fotografia, de cinema. A tecnologia me favorece.

@coelhodavi – Alguns anos depois de meus pais comprarem o primeiro computador da nossa casa, surgiram as câmeras digitais. Minha primeira câmera foi uma compacta Nikon com cartão de memória, já de uma segunda geração de câmeras digitais (acredito que as primeiras eram aquelas onde se colocava um disquete). Não houve nenhuma dificuldade na transição do analógico para o digital. Pelo contrário, tudo parecia muito mais prático e rápido.

@monicamoras – Foi lento e desajeitado.

@camilanobushige – Adquiria máquina digital para realizar trabalhos acadêmicos, pois precisava ter registros editáveis de imagens que compunham a pesquisa para desenvolvimento de produtos, então ao contrário da máquina analógica que me 'obrigava' a ser mais exata em relação a imagem pretendida e com a menor quantidade possível de cliques, a máquina digital me permitia registros mais orgânicos, improvisados em infinitos cliques.

@joaocs – Resisti até tarde porque tinha duas boas máquinas analógicas, com objetivas de excelente qualidade, e porque vários fotógrafos me foram dizendo que a fotografia analógica tinha, em geral, mais qualidade do que a digital. Nas vésperas de uma viagem longa, em 2005, acabei por comprar uma máquina digital compacta para experimentar. Achei a tecnologia tão prática e conveniente que acabei por aderir. De repente, podia ver as fotografias assim que tinha acabado de tirá-las, sem necessidade de esperar pela revelação. Podia guardá-las e organizá-las na memória do computador, sem ter de amontoar negativos e papel, e podia editá-las com mais facilidade do que aquela que é exigida na fotografia analógica.

@leonardomendezz – Como nunca usei filme, então comecei no digital mesmo.

@vanialleal – Coma convivência com amigos fotógrafos. Sinval Garcia costumava ficar hospedado em casa quando vinha de São Paulo e ele me mostrou passo a passo. Nossa, parecia difícil mais ao mesmo tempo mágico. Fiquei encantada com a experiência.

@gabibrasil – A primeira vez que eu vi uma, foi a de um amigo meu de longa décadas de colégio e Universidade, o Fernando Hage. Ele tinha uma que eu adorava pedir emprestado e ele sempre emprestava. Era uma Hp... aí depois de muita "pedição" minha pro meu pai, ele me presenteou com uma Cybershot da Sony... na época acho que tinha 3.2 mega pixels. Era a melhor! =]

@terezajardim – Lenta. Demorei a adotar a tecnologia, e comecei com a câmera simples de um celular ainda simples. Anos depois do primeiro celular com câmera integrada, veio de aniversário uma câmera digital compacta, com a qual começaria a explorar mais as possibilidades de composição, de forma intuitiva, ainda sem nenhuma consciência técnica.

@saramuller – Normal. Não migrei de uma hora para outra pelo preço que estas máquinas custavam e em algum momento que não lembro qual comecei a utilizar a

máquina digital. Mas claro que os antigos hábitos se mantiveram por um período de 4 anos onde eu continuava selecionando as fotos que seriam postas nos álbuns físicos, até perder a relevância no momento atual. Deixou de ser uma atividade corriqueira mostrar fotos físicas para outras pessoas.

@**rivamos** – Tendências, os avanços da tecnologia. É meio que o obriga a atualizar²³

@**michenlo** – Meu pai me deu uma câmera digital quando eu tinha 14 anos.²⁴

(Questionários encaminhados por email entre fevereiro e abril de 2014)

Portanto, o aparelho tecnológico seja computadores, dispositivos móveis como smartphones e tablets, passam a ser uma extensão do indivíduo, que a partir de então ele não mais se liga apenas à máquina enquanto ferramenta, mas ao estado de virtualidade que ela proporciona. Neste ponto, costuma-se ouvir que computador, ou dispositivos móveis sem conexão de internet não servem para absolutamente nada, nesse sentido, a sociedade migra de fato do átomo ao bit, buscando sempre novas formas para existirem dentro da rede.

2.2 A transformação do olhar

Para Catala-Domènech (2011) o ato de olhar é uma construção cultural, ou seja, ver significa aprender e apreender, pois se houver a limitação apenas aos aspectos fisiológicos, nesse sentido, os aparelhos estariam em vantagens diante do mecanismo do olho, todavia, os aspectos fenomenológicos do olhar requerem algo que nenhuma máquina pode obter que é a experiência e a sensibilidade.

As Redes Sociais são marcadas pelo processo de interação, ou seja, o indivíduo não assume uma condição passiva diante da tela, mas atua no sentido de criar mecanismos de relacionamento e envolvimento, Catala-Domènech (2011) fala da interatividade como um estado de movimento, em relação a imagem e a interatividade afirma:

A interatividade seria outra das características da imagem contemporânea, mas não a destaquei como traço fundamental no mesmo nível da fluidez – embora ambas se baseiem na digitalização – porque a interatividade em si não é um aspecto formal, não expressa uma forma das imagens. A aplicação da interatividade nas imagens gera transformações estéticas nelas, mas não podemos dizer que a interatividade seja uma forma estética. É, ao contrário, uma maneira de se relacionar com as imagens. (CATALA-DOMÈNECH, 2011, p. 94).

Com isso, surge a figura do interator, que segundo Giannetti (2004) remete a uma idéia de ator que atua no universo digital de forma interna e externa simultaneamente e dialoga com a imagem através de interfaces, ele se diferencia do espectador tradicional, visto que ele

²³ Resposta traduzida pelo autor: “Trends, technology advances. It kind a forces you to upgrade.”

²⁴ Resposta traduzida pelo autor: “My father gave me a digital camera when I was 14.”

também manipula a imagem e com isso, pode criar novas realidades com ela.

Ao discorrer sobre essa influência do aparelho sobre o indivíduo, Machado (2002) fala de uma transformação de modelos quanto ao *modus operandi* do espectador, pois no modelo antigo, baseado na câmera obscura, havia um processo de individualização do espectador para que este presente exclusivamente em função da imagem, num estado separação do corpo físico para ver.

A câmera obscura, segundo aponta Machado (2002), desenvolve uma visão descorporalizada do espectador, em virtude do próprio dispositivo não permitir a participação dele na representação, tornando o que Flusser (2011), afirma ser a passividade do sujeito em relação ao aparelho e isso revela “claramente o modo como a câmera obscura traduz a ideia de um sujeito descorporalizado e interiorizado, que pode observar o mundo de fora dele e, ao mesmo tempo, de forma introspectiva, auto-centrada” (MACHADO, 2002, p. 228).

Nesse sentido, ao se posicionar como aquele que “captura” o instante, o “espectador” deixa de ver determinado corte temporal, para que a máquina assuma esse papel. É semelhante ao espelho, que na metáfora dos versos de Paulo César Pinheiro expressa bem o paradoxo desse “espectador ausente” na canção Além do Espelho, pois

Quando eu olho o meu olho além do espelho
Tem alguém que me olha e não sou eu

Sobre isso Foucault (2009, p. 415) também afirma:

O espelho, afinal, é uma utopia, pois é um lugar sem lugar. No espelho, eu me vejo lá onde não estou, em um espaço irreal que se abre virtualmente atrás da superfície, eu estou lá longe, lá onde não estou, uma espécie de sombra que me dá a mim mesmo minha própria visibilidade, que me permite me olhar lá onde estou ausente: utopia do espelho.

Esse lugar, não lugar que o espelho reflete é um estado de heterotopia, que também representa o olhar para dentro de um universo virtual, que está dentro sem existir fisicamente, mas que reflete um processo de construção, pois, ao mesmo tempo em que se está ausente, se está presente, pois é o local em que se ocupa, não deixa de ser real, mas não se permite ser atual.

Isso também é semelhante ao que Barthes (2011) afirma sobre a fotografia, no sentido em que nela há o sujeito que olha ao mesmo tempo em que é olhado, o que ratifica a figura do espelho e nesse sentido, através do aparelho, posso perceber e narrar o mundo como bem afirma Flusser (2011), pois a objetiva passa a ser o meio pelo qual utilizo para descobrir meu

entorno, nesse sentido, o aparelho funciona como uma espécie de lente, que atua para enxergar meu próprio imaginário diante dos olhos. Nesse ponto há a diferença entre o espectador e o observador na ótica de Machado (2002), pois

A visão se materializa e se torna ela própria também visível, além de mostrar-se inseparável das possibilidades e aptidões de um sujeito observador. O corpo que observa torna-se ele próprio um componente das novas máquinas. (MACHADO, 2002, p. 228)

A relação do indivíduo com a interface, não faz dele um mero agente passivo diante da imagem, pois o próprio ato de correr com o dedo para ver a próxima imagem faz dele um ator ativo e a imagem que circula nas Redes Sociais como o Instagram, requer interatividade entre os sujeitos, pois há um processo de relação entre quem posta e quem segue.

O ato de “transver” para o interator não significa apenas encontrar novas possibilidades de representar o visível, mas de tornar visível, criando e simulando novas realidades, interagindo fora do tempo e do espaço, tornando-o “infinito e infinitamente aberto”, com isso, o observador abandona o estado de passividade e se insere no universo da imagem, não mais representando, mas como um emissor de informação para criá-la de acordo com sua própria subjetividade. Nesse sentido

Fora da imagem, o espectador (ou ator, nos processos de interatividade contemporâneos) situa-se diante dela de uma maneira que determina a percepção que se tem dela, ao mesmo tempo que a própria imagem, ou fenômeno visual, o coloca em uma posição social que articula sua identidade dentro desse marco. (CATALÀ-DOMÈNECH, 2011, p. 19)

Em se tratando do Instagram, esse ato de penetrar e alterar a realidade se dá no sentido em que o aplicativo permite que o observador de determinada imagem, possa simular sua presença imediatamente em que uma imagem é postada, no caso de uma viagem ou evento, e com isso, interagir com o emissor como se estivesse presente no exato momento da captura.

Todavia essa relação pode se tornar uma simulação do real, visto que, o usuário do Instagram pode manipular suas postagens quanto ao tempo exato de cada imagem, ou mesmo na construção das narrativas, alterando o sentido da realidade na qual determinada imagem está envolvida. Portanto, o olhar do interator será condicionado não apenas pelo que vê representado, mas na utilização da narrativa, comentários, hashtags e marcações que pode ser utilizado.

Por outro lado, essa relação do olhar do interator não está apenas condicionado quanto ao que vê na imagem, narrativa, comentários e hashtags, mas também naquilo que o próprio

aplicativo, enquanto estrutura estruturante²⁵ estabelece como padrão a ser seguido para postagens, isso fica bem claro quando o blog do Instagram²⁶ estipula uso de determinados tipos de hashtags, projetos e outros. Isso faz com que os seus usuários estabeleçam uma relação de dependência com o aplicativo, quanto a sua forma de lidar com a imagem.

Essa relação entre interator e imagem digital, apresenta uma questão semelhante ao jovem Dorian Gray, sobre efemeridade do corpo e eternidade da imagem, nesse sentido, o corpo como imagem²⁷, busca através de mecanismos tecnológicos, eternizar-se.

Tenho ciúmes de qualquer coisa cuja beleza não morra. Tenho ciúmes do meu retrato, que você pintou. Por que ele vai ficar com as coisas que vou perder? Cada momento que passa leva alguma coisa de mim e dá alguma coisa a ele. Ah, se fosse ao contrário! Se fosse o quadro a mudar, e eu a permanecer como sou agora! (WILDE, 2010, p. 44)

Outra similaridade no conflito em Dorian Gray que se manifesta na relação com a imagem, é na projeção do futuro, quando se pode sintetizar uma visão da velhice, isso pode ser feito a partir de diversos aplicativos para Android e Iphone, entre eles o AgingBooth, onde ele transforma a imagem, dando ao observador a impressão de que a pessoa envelheceu e ainda dá a possível idade daquela imagem. Nessas tentativas de construção do real Catala-Domènech (2011, p. 22) fala que “o real não coincide com a totalidade do mundo, mas que é uma forma social, uma forma construída socialmente”.

Essa relação imagem-tempo fica mais evidente na fotografia analógica, visto que, ao se deteriorar em virtude do desgaste, de certa forma, acompanha o desgaste físico do próprio observador, e com isso, ele sempre completará a imagem não apenas no que está representado em seu conteúdo, mas por meio das bordas gastas da fotografia, com isso, há uma atualização progressiva da imagem em relação ao seu todo: imagem representada, papel impresso e observador/narrador.

Nessa construção do interator, há um aspecto fundamental que é o da intencionalidade do sujeito ao “capturar” determinado instante, nesse sentido, tanto fotografia analógica, quanto digital possui isso implícito, o que muda entre os dois momentos são as formas como o indivíduo pensa a fotografia e como se estabelece a relação entre ele e o aparelho, sobre a intencionalidade na fotografia Kossoy (2009), assume:

Seja em função de um desejo individual de expressão de seu autor, seja de

²⁵ Ver em Bourdieu (2004)

²⁶ Ver <http://blog.instagram.com/>

²⁷ Ver em Bergson (2006)

comissionamentos específicos que visam uma determinada aplicação (científica, comercial, educacional, policial, jornalística etc.) existe sempre uma motivação interior ou exterior, pessoal ou profissional, para a criação de uma fotografia e aí reside a primeira opção do fotógrafo, quando este seleciona o assunto em função de uma determinada fidelidade/intencionalidade. Esta motivação influirá decisivamente na concepção e construção da imagem final. (KOSSOY, 2009, p. 27)

Em se tratando de imagens digitais, falar de interator é bem mais complexo do que falar da relação que havia ao se contemplar uma obra de arte ou mesmo a fotografia analógica como dito acima, o contexto digital impulsiona a uma construção de um sujeito ativo, num processo de interação e re-construção desta imagem.

Aumont (1993) remete ao imaginário do espectador diante da obra, que nunca é vazio, mas carregado de percepções, de uma relação que antecede a obra, que questiona inclusive esta passividade do espectador. Nessa relação perceptiva, Merleau-Ponty (1999) fala da construção de sentido como algo que está entre o visível e o sensível, visto que o primeiro se apreende com o olhar e o segundo pelos sentidos.

Portanto, quanto à questão perceptiva da imagem, Aumont (1993) ainda afirma que o observador deve ser tratado como um “parceiro ativo da imagem”, emocional e cognitivamente, pois a relação que ele estabelece com ela não é de “simples” contemplação, pois o que ele traz à tona no momento em que visualiza a imagem é toda a carga sensitiva que circunda sua história com determinada imagem.

O processo perceptivo da imagem, segundo Brakhage (1983) está na relação e nas experiências que o observador tem com o ato de olhar, desde sua infância, pois desde cedo somos submetidos a uma forma cartesiana de organizar e ordenar as imagens de acordo com o tempo e as experiências que temos, além de que, segundo o autor acima, a inocência infantil se perde “de forma mais eloquente” a partir dessa experiência com a visão, da forma como “fixa” e “contempla” suas próprias imagens.

Quando o sujeito se depara com uma imagem, mesmo que seja uma fotografia analógica, primeiramente se ambienta naquilo que é comum na imagem, como relacionar o que vê através das pessoas que reconhece, à medida que a experiência com aquela imagem se aprofunda, começa a apontar novas informações que estão presentes, mas que só através da experiência com aquela imagem poderiam possibilitar detectar. Apesar de não estar presente na imagem, a experiência demonstra desenvolver um tipo de memória através dela que segundo Merleau-Ponty (1999, p. 48),

Recordar-se não é trazer ao olhar da consciência um quadro do passado subsistente em si, é enveredar no horizonte do passado e pouco a pouco desenvolver suas perspectivas encaixadas, até que as experiências que ele resume sejam como que vividas novamente em seu lugar temporal.

Pensar a fotografia é também ter conhecimento de que sempre haverá uma história por trás de cada imagem representada, uma narrativa que condiciona o olhar para um passado que se atualiza a todo o momento em cada novo olhar e faz “refletir sobre trajetória por ela percorrida” (KOSSOY, 2001, p. 45).

Isso explica o porquê reagimos diante de determinadas imagens, pois não é simplesmente o aspecto do olhar, mas do sentir que remete a outro tempo, que se atualiza, ou se transforma. Pois “o ‘sensível’ não pode mais ser definido como o efeito imediato de um estímulo exterior” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 29).

E de acordo com Flusser (2011), a imagem tradicional atua no campo da ideia, imaginação, ela visa à ilustração de textos, pois atuam no campo cognitivo. A imagem técnica possui um intermediário entre o homem, o olhar e o mundo; o aparelho, nesse sentido, tem como fim a imagem técnica, que objetiva à representação do mundo, todavia, essa representação também é codificada e não totalizadora e se transforma em imagem tradicional à medida que ganha significado simbólico por meio da memória.

Em Barthes (2011) encontramos a definição de dois tipos de olhares, o *studium* e *punctum*. Para o *studium* o olhar é estabelecido pelo todo, de forma generalizada, sem observar detalhes, com isso, é um tipo de imagem que se olha, mas não há um relacionamento emocional com ela, no sentido de que ela lhe traga algo de significativo. Diferente do *punctum*, que é explicada pela analogia da ferida, ou seja, uma fotografia que fere através de aspectos particularizados, esse tipo de imagem prende seu *Spectator* através de aspectos perceptivos, como se este se sentisse mortificado pela imagem, não pelo todo, mas por detalhes particulares, na linguagem que tratamos aqui, o *Spectator* do *punctum* em Barthes (2011) é o que chamamos de observador, no mesmo sentido na linguagem fenomenológica de Merleau-Ponty (1999), o *studium* está no campo da percepção enquanto que o *punctum* está no campo dos sentidos.

Essa compreensão da imagem *studium* está no entendimento de Barthes (2011), na ordem do gosto/não gosto, like/I don't, ou seja, o observador não é estimulado a desenvolver uma relação emocional com a imagem, pois é “um meio-desejo, um meio-querer; é a mesma espécie de interesse vago, uniforme, irresponsável, que temos por pessoas, espetáculos,

roupas, livros que consideramos ‘distintos’”. (BARTHES, 2011, p. 37)

A forma como o interator da imagem Studium se comporta, pode ser relacionada ao que Miranda (2007) chama de “ambivalência do observador distraído e atento”, apesar de estruturar esse conceito a partir do cinema, a imagem nas redes sociais, em especial do Instagram, visa um processo contínuo de atualização, visto que o observador sempre terá uma nova imagem para observar, com isso, pela característica fugidia do ciberespaço que se manifesta na tecnologia móvel, o observador frequentemente terá uma relação Studium com as imagens postadas ali. Apesar podermos considerar o celular hoje como uma espécie de extensão do corpo,

[...] esses dispositivos tecnológicos não são meras extensões do olhar, mas próteses da razão corrigindo a visão, ou melhor, que fundam uma nova visão, ensinando aos olhos a ver: a visão é a melhor “faculdade” do conhecer quando ela é determinada pelas leis da geometria e da luz. (PARENTE, 1993, p. 12)

Então, falar de imagem a partir da percepção, não é colocar em jogo apenas aspectos estéticos, ou da construção visual de determinadas obras, nem mesmo das imagens que estão de forma concreta, ou “palpável” aos olhos e aos dedos, mas também, segundo Merleau-Ponty (1999), das imagens que se formam numa relação com a memória e das experiências empíricas que construímos em nossa existência.

[...] as sensações e as imagens que deveriam iniciar e terminar todo conhecimento aparecem sempre em um horizonte de sentido, e a significação do percebido, longe de resultar de uma associação, está ao contrário pressuposta em todas as associações, quer se trate da sinopse de uma figura presente ou da evocação de experiências antigas. Nosso campo perceptivo é feito de “coisas” e de “vazios entre as coisas”. (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 38)

Portanto, o interator não é apenas aquele que tem uma relação com o visível da imagem, entretanto, sempre busca estabelecer um “algo mais” no sentido que ela se acrescenta à sua experiência sensível e se torne significativa na construção de sua memória. Ou seja, uma busca por um sentido na imagem que se relacione com sua própria forma de perceber o mundo.

Algo ainda fica em suspenso quanto a sua relação de memória imagética, em virtude do bombardeio de imagens técnicas que estes dispositivos podem proporcionar. Pois para os que vivenciaram o hábito de sentar com a família para folhear álbuns fotográficos, não estava simplesmente visualizando fotografias antigas, mas construindo a continuidade das imagens, por meio de uma memória coletiva, que segundo Halbwachs (1990), não é vivida de forma solitária e isolada, mas construída de partes, como num vitral, para formar uma imagem

macro, que constitui a formação de identidade do grupo de algo que pode ter acontecido ou não, são tessituras de um imaginário coletivo para rememoração do indivíduo.

Ao compreender que a questão entre o interator e a imagem está para além do olhar, podemos notar que a relação não é apenas com o que está representado na imagem, mas também com os aspectos palpáveis que existem na relação com a imagem. Pois para Aumont (1993) a imagem tem o papel de garantir, reforçar, reafirmar e explicitar nossa relação com o mundo visual, mais ainda, ela busca aperfeiçoar essa relação. Não podemos dizer que a imagem por si só tenha esse papel, há mais coisas além do que se vê, mas também uma relação com o palpável da imagem, como se o real virtual representado, estivesse mais próximo do real dado.

Podemos também compreender que independente do meio pelo qual se usa para efetuar a captura de um instante, o que se tem na fotografia é o testemunho do tempo, segundo Kossoy (2009), não é apenas um testemunho de um real dado, mas também construído a partir do modo como o observador compreende e lê determinado fato e o reproduz na fotografia.

Com isso, deve-se levar em conta na intencionalidade do indivíduo que gera a imagem, sua cultura e meio que influencia todo seu olhar e de certa forma condiciona sua perspectiva diante do aparelho e com isso, em relação às Redes Sociais, em especial o Instagram, podemos obter determinados padrões de poses e imagens que serão postadas no aplicativo. Bem como o uso dos códigos que tendem a construir as narrativas que cercam a imagem.

Em se tratando de ciberespaço e definir uma cultura do olhar em ambientes em Rede, no caso do Instagram, há uma postura de similaridade entre as imagens, não sendo capaz de definir o que é diferenciável de uma região a outra, posto que haja um padrão de comportamento que se manifesta nestas redes, que se reflete na forma como produz imagens e na forma como narra a imagem.

Nesse sentido, se há uma tendência “homogeneizadora” no comportamento das Redes Sociais, em particular no Instagram, na produção de narrativas e imagens, cabe indagar sobre quais as reais intencionalidades de seus autores quanto à produção destas imagens e qual a relação existente ao que se vê e o que se lê nas legendas das imagens.

Essa tendência “homogeneizadora” do Instagram e conseqüentemente das Redes Sociais como um todo e sua sociedade do excesso, levanta a mesma questão levantada por Parente (1993), sobre a possibilidade de não mais termos uma civilização da imagem, mas do

“clichê”, visto que para ele significa que as imagens que supõe um espaço de interioridade, entretanto, representam nada mais que repetições de padrões que se estabelecem no ciberespaço.

Como definir então uma memória visual, a partir das imagens postadas no aplicativo, em virtude de que ele manifesta padrões estereotipados de imagem e representação? Parente (1993, p. 18) responde da seguinte forma: “A subjetividade, que parecia ter nas novas tecnologias um aliado no processo de desterritorialização que culminaria num nomadismo generalizado é, desta forma, ameaçada de paralisia”. Com isso,

O ato de ver é, portanto, um ato que antecede a ação, uma espécie de previsão. “Se ver é prever, compreendemos melhor porque a previsão tornou-se, recentemente, uma indústria, com o desenvolvimento da simulação profissional, da antecipação organizacional, até a chegada das “máquinas de visão” destinadas a ver, a prever em nosso lugar; máquina de percepção sintética capaz de nos suplantar em certos domínios, em certas operações ultrarrápidas para as quais as nossas próprias capacidades visuais são insuficientes devido à limitação, não da profundidade do campo do nosso golpe de vista fisiológico”. (PARENTE, 1993, p. 19)

Ao estabelecer esse padrão estereotipado, os sujeitos que são agentes das imagens a partir dos dispositivos móveis e utilizam o aplicativo, agem de forma quase instintiva diante da possibilidade de construir uma narrativa imagética por meio do uso não apenas da rede, mas de seus filtros que alteram a relação de temporalidade da imagem. Com isso, as imagens que circulam no Instagram, passam a adotar padrões e as subjetividades quanto às intencionalidades das postagens não se tornam claras em relação às narrativas, com isso, cabe refletir sobre as mudanças na percepção entre a imagem átomo e a imagem bit, esta última muito presente nos ambientes do ciberespaço como o Instagram.

2.3 A virtualização da imagem

Por virtual entende-se desde Aristóteles como um estado de ambiguidade conformado em possibilidade e preformação, ou seja, um constante estado de potência, como algo que está em constante estágio de “vir-a-ser”. Usa-se como exemplificação deste termo, a semente que contém em potência a árvore, nesse sentido, outro conceito aplicado à potência é a de passagens menos formadas a entidades mais formadas, ou seja, ele pode ser explicado em duas vias: a) poder que uma coisa tem de provocar uma mudança noutra coisa e b) potencialidade existente numa coisa de passar a outro estado, para existir a árvore, é necessário que haja uma mudança na semente para que este passe para outro estágio.

Bergson (2006), diz que a lembrança para se efetivar na mente, busca-se um ato

marcante, um dado específico no tempo e com isso, nos transportamos do presente para nos colocarmos no “passado em geral”, ele compara esse processo ao ato de preparação de um aparelho fotográfico. Nesse sentido, a lembrança está em estado virtual, pois está fragmentada e dispersa. Ao passar o estado de “busca”, essa lembrança passa a se ordenar e com isso, deixa o estado virtual para o estado atual, ou seja, utilizando a figura da semente em potência da árvore, a dispersão, ou o passado virtual, representa a semente que tende a se transformar através do processo de busca, enquanto que a lembrança “atualizada” torna-se a árvore propriamente dita.

Temos consciência de um ato *sui generis* pelo qual deixamos o presente para nos recolocar primeiramente no passado em geral, e depois numa certa região do passado: trabalho de tentativa, semelhante à busca do foco de uma máquina fotográfica. Mas nossa lembrança permanece ainda em estado virtual; dispomo-nos simplesmente a recebê-la, adotando a atitude apropriada. Pouco a pouco aparece como que uma nebulosidade que se condensasse; de virtual ela passa ao estado atual; e, à medida que seus contornos se desenham e sua superfície se colore, ela tende a imitar a percepção. (BERGSON, 2006, p. 156)

Para o ambiente no ciberespaço, o indivíduo conectado está em constante estado de mudança, pois o virtual para Bergson,²⁸ rejeita o conceito do possível como o “não-impossível”, ou seja, como “não impedido de ser”, identifica-o, no entanto, como o potencial e considera o potencial como “a miragem do presente no passado”. Pois essa mudança caracteriza um permanente estado de atualização, “por isso a virtualização é sempre heterogênesse, devir outro, processo de acolhimento da alteridade”. (LÈVY, 1996, p. 25)

Foucault (2009) afirma que um lugar heterotópico é um lugar que possui lugares ou camadas que são simultâneos e independentes entre si, ele utiliza o barco como heterotopia por excelência, visto que é um “pedaço de espaço flutuante”, pois é um lugar que se encontra num infinito – o mar que representa o lugar utópico – e vive e fecha-se em si mesmo e os portos servem como pontos de ancoragem. Nesse ponto ao “navegar” pelo ciberespaço, que representa o lugar utópico e o sujeito através de seu dispositivo, que representa o lugar heterotópico, está diante desse infinito mar de possibilidades de navegação e cada site ou rede social que estabelece um ponto, serve de porto para que ele ancorar.

De outro modo, o ciberespaço pode ser comparado também ao espelho como “um lugar sem lugar”, pois o corpo se “descorporifica” no mesmo sentido em que o indivíduo ainda está presente dentro do próprio corpo, com isso, ele acaba atuando simultaneamente num presente atual e num tempo/espaço suspenso sem definição de lugar ou momento.

²⁸ Cf. ABBAGNANO, 1998

O espelho, afinal, é uma utopia, pois é um lugar sem lugar. No espelho, eu me vejo lá onde não estou, em um espaço irreal que se abre virtualmente atrás da superfície, eu estou lá longe, lá onde não estou, uma espécie de sombra que me dá a mim mesmo minha própria visibilidade, que me permite me olhar lá onde estou ausente: utopia do espelho. Mas é igualmente uma heterotopia, na medida em que o espelho existe realmente, e que tem, no lugar que ocupo, uma espécie de efeito retroativo; é a partir do espelho que me descubro ausente no lugar em que estou porque eu me vejo lá longe. A partir desse olhar que de qualquer forma se dirige para mim, do fundo desse espaço virtual que está do outro lado do espelho, eu retorno a mim e começo a dirigir meus olhos para mim mesmo e a me constituir ali onde estou: o espelho funciona como uma heterotopia no sentido em que ele torna esse lugar que ocupo, no momento em que me olho no espelho, ao mesmo tempo absolutamente real, em relação com todo o espaço que o envolve, e absolutamente irreal, já que ela é obrigada, para ser percebida, a passar por aquele ponto virtual que está lá longe. (FOUCAULT, 2009, p. 415)

Entretanto, para Rüdigger (2002), esse ciberespaço, virtualizado é visto como um espaço de fuga, pois lá, as dores da vida são esquecidas e o corpo se anestesia, desmaterializando-se, desligando o cérebro da consciência dele, no sentido de que este corpo se torne uma interface que interliga o sujeito em potência na rede, ou seja, tanto corpo e máquina se tornam meios pelo qual o “ser” viaja e se transmuta numa nova realidade. Quéau (1993) fala de um refúgio num conforto flexível e eficaz que se mergulha e propicia melhor inteligibilidade, por outro lado, estimula formas latentes de ilusão e até mesmo de esquizofrenização. Nesse sentido de lugar de refúgio, utilizando uma analogia Foucaultiana, o “navio é a heterotopia por excelência. Nas civilizações sem barcos os sonhos se esgotam, a espionagem ali substitui a aventura e a polícia, os corsários”. (FOUCAULT, 2009, p. 422)

Nesse sentido Rüdigger (2002) afirma que a cultura estaria anunciando o declínio do próprio homem. E nessa relação de dependência do sujeito ao aparelho, no contexto do ciberespaço, ele se deixa absorver pelas imagens virtuais, sendo, ele mesmo uma nova imagem virtual de si na Rede Social.

Essa perspectiva da desmaterialização do indivíduo em direção ao ciberespaço faz do corpo uma interface do espírito que se virtualiza na rede estabelecendo novas relações: corpo interface x interface da rede; corpo interface x espírito (virtual) na rede; espírito (virtual) na rede x interface da rede; espírito (virtual) na rede x rede.

Portanto, quando se “captura” tempo, corpo e espaço por meio da lente do celular e se posta uma imagem na rede social como o Instagram, acaba-se tentando descobrir novos meios de “concretizar” o corpo virtual no ciberespaço. Com isso, não é apenas o “fui” que se “corporifica” na rede, mas o constante “é” e “ainda será” do indivíduo que se virtualiza, pois segundo Lèvy (1996), o virtual é apenas outra forma de ser real que não se opõe ao passado

nem ao presente, mas os atualiza, deixando-os em suspenso.

O corpo se torna uma espécie de constante devir, pronto para se manifestar no visível e invisível das imagens. Não são mais as imagens que posto na rede social, mas uma forma de biografia do cotidiano de cada sujeito. Com isso, nesse processo em que o Instagram se manifesta, vemos diversos padrões onde o indivíduo não mais seleciona momentos como formas significativas de eternização da memória, mas a perpetuação do eu, através de padrões de postagens como fotos na frente do espelho em diversos locais, entretanto, os preferidos são no quarto, no elevador e na academia.

Segundo Rüdigger (2002), a rede atua como mediação da sociedade e pretende com maior ou menor sucesso, passar uma ideia de um novo mundo, entretanto, segundo o mesmo autor, o ciberespaço não é uma nova realidade, apenas uma sublimação tecnológica da realidade com que estamos acostumados, pois para ele, uma nova realidade se propõe intervir diretamente nos sentidos do sujeito. Ou seja, para o indivíduo não vivenciar essa sublimação, basta desligar o computador, ou mesmo haver uma queda de energia e essa proposta de “novo mundo” cai por terra.

O Instagram como lugar de visualização em rede de imagens, recortes e olhares, se torna não mais uma espécie de ambiente virtual que modula a realidade, exceto quando essas imagens são sintetizadas através de aplicativos complementares e filtros. Todavia, o Instagram pode funcionar como uma janela, ou portal, ou lente de aumento da constituição do indivíduo, isso se dá geralmente quando se observa imagens que são marcadas pela autorreferência dos sujeitos usuários do aplicativo.

Segundo Rüdigger (2002) a cibercultura apresenta dois tipos de crise: do mundo do trabalho e das estruturas de interações sociais e do cotidiano, pois nesse segundo tipo de crise, as relações sociais se tornam mais instantâneas, no sentido de que, ao postar uma imagem no Instagram, a forma de interação com o indivíduo é estimulada pelo ato de curtir ou não, ou emitir pequenos comentários. O aplicativo nesse ponto dificulta um aprofundamento das relações, estimulando sempre uma relação mais rápida e imediata.

Portanto, o universo do ciberespaço no Instagram, se torna um lugar de efemeridades, pois a relação que se desenvolve com as imagens propostas ali são de visualização e descarte e através do movimento dos dedos a próxima imagem será submetida a efemeridade do gosto e com um simples toque a pessoa curte ou não aquele tipo de olhar, como se tivesse nas mãos

o poder de decidir sobre aquele evento e naquela única imagem, pudéssemos ter a real dimensão do que poderia ter sido aquele momento, então, analisando por essa via, pode-se supor que o que se curte não é o evento em si, mas a forma como exponho essa imagem, ou seja, o que se curte são o ponto de vista, o uso dos filtros e uma narrativa criativa que possa dar ao interator uma pequena ideia de como foi extraída aquela imagem.

Ao mesmo tempo em que se posiciona como lugar de instantaneidade, ou seja, a imagem que vejo no Instagram remete que tenha sido gerada naquele instante, pode ser alterada criando outra percepção em relação ao tempo, ou seja, o usuário do aplicativo pode também “burlar” esse princípio. Isso pode ser feito a partir do uso de filtros, cortes, geolocalização, hashtags e narrativas, pois se pode postar uma foto obtida em 2005, como se fosse 2013 e narrar o fato como se ele estivesse acabado de acontecer, o mesmo pode ocorrer com uma imagem postada por outro usuário, que acaba compartilhando a imagem como se ele mesmo estivesse efetuado o “disparo”.

Esse tipo de alteração entre tempo e espaço no Instagram ocorreu em relação ao Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM 2013, alguns usuários postaram fotos do cartão de resposta como se estivessem presentes realizando naquele momento o exame, com isso, houve diversas manifestações sobre o ocorrido, principalmente relacionadas ao fato das pessoas terem cometido essa falha. Estas imagens foram utilizadas como dado de notícia²⁹, todavia, o que ocorreu foi que diversos autores das imagens, apenas simularam uma realidade a fim de confundir a mente de seus seguidores, conforme pode se ver na imagem abaixo:

²⁹ <http://g1.globo.com/educacao/enem/2013/noticia/2013/10/24-foram-eliminados-por-postar-fotos-na-web-no-1-dia-do-enem-diz-mec.html>
<http://g1.globo.com/educacao/enem/2013/noticia/2013/10/inep-elimina-ao-menos-21-candidatos-que-postaram-fotos-do-enem-na-web.html>

Figura 1 Imagem sobre o Enem 2013 de @gabrieul



Fonte: <http://instagram.com/p/f73YFjFk1T/>

Outro caso também de intencionalidade sobre o ambiente do Enem utilizado no Instagram foi o do perfil do @leohsodre que postou inclusive comentando sobre a aproximação do fiscal e de sua suposta expulsão do exame, convocando as pessoas para se rebelarem, utilizando a hashtag #ogiganteacordou³⁰ essa postagem ocorreu no dia da primeira prova, no dia 26 de outubro de 2013.

Figura 2 Foto do perfil @leohsodre



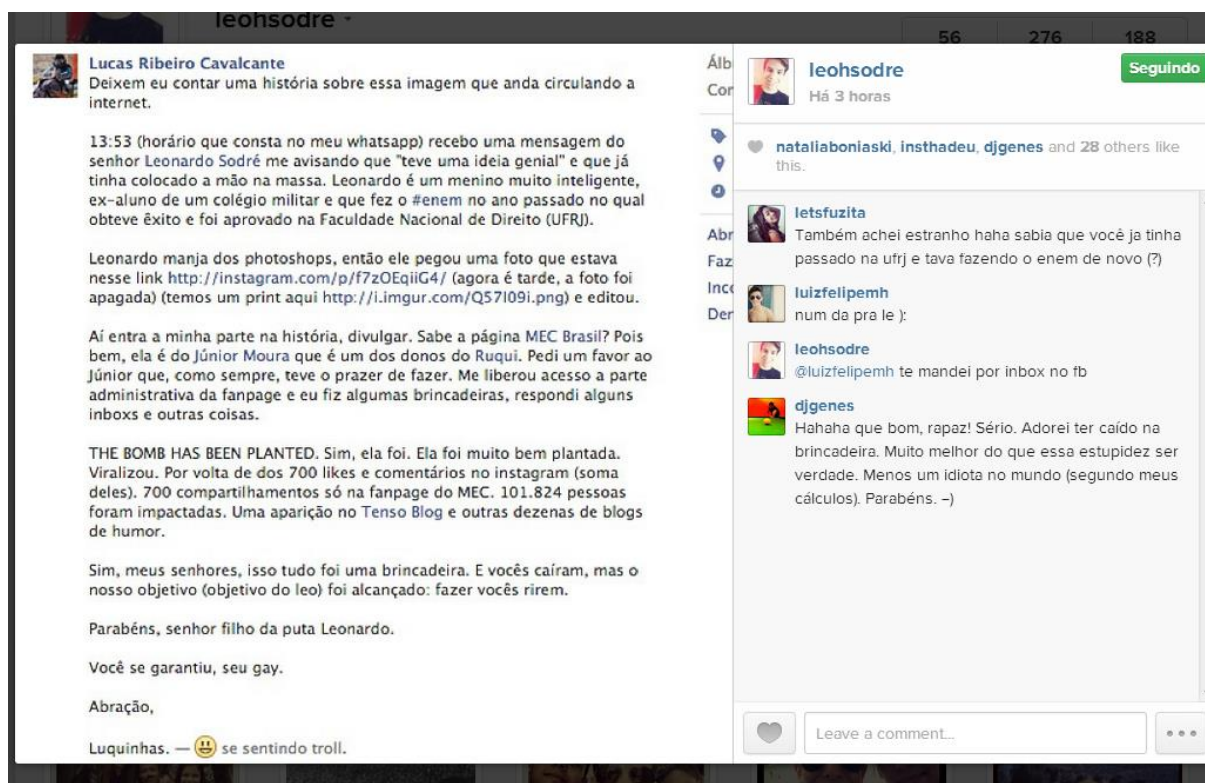
Fonte: <http://jesusmanero.blog.br/os-candidatos-eliminados-mais-idiotas-do-enem-2013/>

Na segunda visualização do perfil, esta foto foi retirada e substituída por outra com uma narrativa de um amigo dele, Lucas Ribeiro Cavalcante que justifica o ato em si e segundo ele

³⁰ <http://jesusmanero.blog.br/os-candidatos-eliminados-mais-idiotas-do-enem-2013/>

“uma ideia genial”, inclusive com a criação de um perfil falso do MEC no Instagram, o @mecbrasil, que seria um fiscalizador de usuários que postam fotos no aplicativo e com isso, aproveitaram as notícias sobre espionagem nas redes e provocaram uma série de situações com esse ato e também simularam tempo e espaço na rede, provocando as mais variadas manifestações na rede.

Figura 3 Foto do perfil de @leohsodre



Fonte: <http://instagram.com/p/f-ZuI4OARV/>

Esse acontecimento representa o que Quéau (1993) diz sobre a imagem virtual se transformar num “lugar explorável”, no sentido de que se torna o próprio espelho da experiência e nesse sentido, a própria experiência em forma de imagem de síntese. Essa construção uma imagem real é sintetizada e com isso a realidade se torna algo modelizável e “estabelece ligações inéditas entre preceitos e conceitos, entre fenômenos perceptíveis e modelos inteligíveis” (QUÉAU, 1993, p. 94).

O que as pessoas manifestaram em relação ao ENEM 2013 sobre as imagens que foram modificadas, no sentido de dar outro dimensionamento à realidade e observando os comentários sobre o assunto, mostra que o mundo virtual, através das redes sociais, se torna aquilo que Quéau (1993) afirma sobre ser o novo “ópio do povo”, por justamente não mais

haver esse discernimento claro entre o real e o atual, pois na rede, ambos andam em entrecruzamentos.

Já Lèvy (1999) afirma que esse movimento corresponde às particularidades técnicas do ciberespaço, que se organiza em grupos humanos que coordenam, cooperam, alimentam e consultam uma manifestação de memória comum, sem levar em conta temporalidade ou espaço geográfico.

O Instagram não apenas possibilita uma vivência por meio de uma vida virtual feita de imagens, mas também, é parte que de um universo que “transvê” o mundo por meio de imagens possíveis e calculáveis, capazes de simular a própria memória do indivíduo. Portanto, a centralidade do aplicativo não está em suas funcionalidades, mas nas intencionalidades que o indivíduo manifesta por meio do fenômeno digital na rede o que será discutido na próxima seção.

30 INDIVÍDUO, A REDE SOCIAL E O#INSTAGRAM

Como foi discutido na primeira seção sobre uma mudança significativa na relação imagem/observador, onde o olhar e a percepção a partir do aparelho ajudaram a estruturar esse novo processo que se tem com imagem, baseado no que Catalá-Domenèch (2011) fala sobre essa percepção visual ser fruto não do aparelho visual, mas de uma construção cultural, parte da construção de identidade. Com isso no mundo atual, essa percepção do olhar levando em conta essa inserção no ciberespaço e na cultura móvel, faz com que o indivíduo reordene seu cotidiano em função desse universo que se manifesta através do aparelho. Nesse caso as Redes Sociais e mais especificamente o Instagram.

Quando se pensa em Redes Sociais no âmbito do desenvolvimento das tecnologias, pensa-se uma estrutura social que se interliga por meio de mecanismos que se organizam virtualmente, através de redes interativas de computadores e recentemente também por meio de celulares SmarthPhones e Tablets que segundo Castells (1999) crescem de forma exponencial e criam novas formas e canais de comunicação, moldando a vida e, ao mesmo tempo, são moldadas por elas³¹.

Por estar no campo do ciberespaço, a cultura da mobilidade representa o que Britto (2009) identifica como um espaço alternativo, onde as pessoas podem exprimir suas identidades num campo onde seus espaços de “sociabilidade e de encontro são permanentemente restringidos”. Nesse sentido: “O ciberespaço tem o potencial para “re-ligar” socialmente e não deve imitar a mídia tradicional, que manipula esses impulsos e carências. Deve sim ser caminho para a realização desse impulso e satisfação dessas carências. (BRITTO, 2009, p. 167)

Baseado no que afirma Sibilía (2004) sobre o ciberespaço ser essa manifestação do “eu”, Castells (2003, p. 99) aponta como um “terreno privilegiado para as fantasias pessoais” e “uma extensão da vida como ela é, em todas as suas dimensões e sob todas as suas modalidades”. Castells (2003) aponta algumas discussões sobre essa relação entre indivíduo e a rede, como o fato dela afetar ou não a vida social fora dela, ainda nada conclusivo.

Entretanto, ao verificar a vivência na Rede Social a partir dos dispositivos móveis, é comum notar as pessoas na rua, mais ligadas à Rede, do que no mundo em seu redor, com aponta Rüdiger (2002), o ciberespaço se torna um local de fuga, onde deixo que essa forma

³¹ Ver Castells (1999, p. 40)

virtual de existência tome conta do meu cotidiano, com isso, passo a ser uma extensão da Rede.

A essa mudança na forma de sociabilidade, Castells (2003) chama de “comunidades personalizadas”, pois são marcadas por relações em “redes egocentradas”, ou seja, cada indivíduo constrói sua relação, não mais se adaptando a uma diversidade, todavia, ele cria relações sociais no ciberespaço a partir do seu “eu”, individualizado, com isso, ele passa a ver na rede um universo heterotópico conforme aponta Foucault (2009), sobre o que representa essas novas formas de socialização Castells (2003, p. 108) afirma:

Representa a privatização da sociabilidade. Essa relação individualizada com a sociedade é um padrão de sociabilidade específico, não um atributo psicológico. Enraíza-se, em primeiro lugar, na individualização da relação entre capital e trabalho, entre trabalhadores e o processo de trabalho, na empresa de rede. É induzida pela crise do patriarcalismo e a subsequente desintegração da família nuclear tradicional, tal como constituída no final do século XIX. É sustentada (*mas não produzida*) pelos novos padrões de urbanização, à medida que subúrbios e condomínios de luxos ainda mais afastados proliferam, e a desvinculação entre função e significado nos microlugares das megacidades individualizada e fragmenta o contexto espacial de existência. E é racionalizada pela crise de legitimidade política, à medida que a crescente distância entre os cidadãos e o Estado enfatiza o mecanismo de representação e estimula a saída do indivíduo da esfera pública. O novo padrão de sociabilidade em nossas sociedades é caracterizado pelo individualismo em rede.

A cibercultura, de acordo com Lèvy (1999), é um lugar de *interconexão*, apesar do que coloca Castells (2003), não afeta as relações sociais fora do ciberespaço, pelo contrário, as fortalece, visto que ela passa a estabelecer um novo padrão de comunicação, mais planetário, transpondo fronteiras geográficas e temporais. As comunidades virtuais se apóiam nessa dimensão da interconexão, segundo Lèvy (1999), a partir de afinidades de interesses, de conhecimentos e outros. Pois a cibercultura representa

[...] o horizonte técnico do movimento da cibercultura é a comunicação universal: cada computador do planeta, cada aparelho, cada máquina, do automóvel à torradeira, *deve* possuir um endereço na Internet. Este é o imperativo categórico da cibercultura. Se este programa se concretizar, o menor dos artefatos poderá receber informações de todos os outros e responder a eles, de preferência sem fio. Junto ao crescimento das taxas de transmissão, a tendência à interconexão provoca uma mutação na física da comunicação: passamos das noções de canal e de rede a uma sensação de espaço envolvente. (LÉVY, 1999, p. 127)

De acordo com a citação acima, Lèvy (1999) levanta um prognóstico do qual estamos vivendo nos dias atuais, onde, por meio da convergência tecnológica, a tecnologia móvel ultrapassou a lógica da forma e função do aparelho, para evidenciar uma nova forma de comunicação, através desse aspecto mais desenvolvido da *interconexão*, visto que falar e ouvir se tornou banal ao aparelho, que passou a agregar funções mais complexas como

sistema de geolocalização, geração de imagens com maior quantidade e qualidade, com possibilidade de serem compartilhadas em Rede.

O desenvolvimento da tecnologia móvel proporcionou novos tipos de interações sociais através dos aplicativos de Rede Social como Facebook, Twitter e Whats'app e agora também com o Instagram que se integra nessa realidade em Rede, com compartilhamento de Imagens. Dessa forma, os indivíduos ampliam as formas de interação, o que nos leva a compreender o que significa esse universo das Redes Sociais.

3.1 O universo das Redes Sociais

Para definir Redes Sociais, Recuero (2009) utiliza Boyd & Ellison que afirmam serem sistemas que permitem a construção de personagens por meio de perfis ou páginas, também a interação por meio de comentários, em casos como o do Instagram ou Facebook, pode-se incluir também a relação de curtir ou não determinado post e por fim, envolve a exposição pública da rede social de cada indivíduo envolvido. Cabe também salientar que, estabelecer Redes Sociais a partir do próprio sistema é um equívoco segundo Recuero (2009), visto que para haver Rede Social, são os atores envolvidos é que estabelecem a relação, sendo o sistema apenas o suporte por onde se dará o processo.

Embora os sites de redes sociais atuem como suporte para as interações que constituem as redes sociais, eles não são, por si, redes sociais. Eles podem apresentá-las, auxiliar a percebê-las, mas é importante salientar que são, em si, apenas sistemas. São os atores sociais, que utilizam essas redes, que constituem essas redes. (RECUERO, 2009, p. 103)

Recuero (2008) também afirma que sites de Rede sociais permitem aos indivíduos: 1) construir um perfil público ou semi-público dentro de um sistema limitado; 2) articular uma lista de outros usuários com quem esses usuários dividem uma conexão e 3) ver suas listas de conexões e aquelas feitas por outras no sistema. No caso do Instagram, isso se comprova através do botão Explorar, onde pode se criar novas conexões através dos usuários que possuem imagens com maior número de curtidas. Também por meio do botão Novidades, onde o usuário pode verificar o movimento de sua conta, visualizando as pessoas que curtem e comentam suas imagens, o adicionam em suas redes e por meio da aba “Seguindo”, verifica-se a movimentação dos usuários que são seguidos, as imagens que curtem ou comentam e pessoas que adicionam, ampliando seu nível de conexões.

No âmbito do campo desta pesquisa, muitos dos atores envolvidos foram selecionados a partir das imagens que os usuários existentes no perfil @oflaneur13, tendo como parâmetro de análise o padrão de postagem e visualidade estabelecida pelo blog do Instagram. Entretanto cabe questionar o aspecto Rede Social como um lugar de interação social.

Pois esse tipo de relação neste tipo de rede é mais complexo, visto que não há um processo de interação no próprio espaço, a não ser por meio de comentários, diferente do que acontece no Facebook, onde se pode estabelecer a interação simultânea através do Box Mensanger. A impressão que se tem no Instagram é apenas de uma Rede para ver e ser visto através de imagens, não para estabelecer contatos sociais, isto é provado na tentativa de estabelecer contato com alguns usuários para desenvolver o campo da pesquisa e para isso, foram efetuados 300 contatos no aplicativo com seus usuários, encaminhado 80 formulários com perguntas abertas para os atores do aplicativo pudessem responder, todavia, o retorno dos questionários preenchidos chegou a apenas 18.

Tomando a argumentação de Recuero (2009), não significa que o aplicativo seja o causador e principal responsável por isso, todavia, representa a relação que seus usuários estabeleceram com sistema, Rüdiger (2002) aborda também esse aspecto quando afirma que as redes representam um outro mundo que media a sociedade em que se vive.

[...] as redes não são outro mundo, mas uma mediação da sociedade em que vivemos: as redes apenas pretendem, com maior ou menor sucesso, passar por tal coisa. O ciberespaço não é em geral, segundo tudo indica, uma nova realidade, mas uma sublimação tecnológica da realidade com que estamos acostumados. (RÜDIGER, 2002, p. 17)

Para Recuero (2009) sites de redes sociais compreendem uma relação de exposição pública dos atores, ou seja, a principal função desses ambientes é a exposição de seus usuários entre outros usuários através de conexões que interligam esses personagens. Ela aponta também que sites de Redes Sociais são focados em unicamente ampliar e complexificar essas redes.

Sobre esse aspecto de exposição, de acordo com Sibilia (2004), essa relação do indivíduo com as Redes sociais, afeta a forma como lidamos com o público e o privado, pois ao construirmos nossas identidades a partir da Rede, estabelecemos aberturas que nos interligam a outros grupos, numa espécie de corrente, onde o que vejo de outrem, o mesmo poderá me visualizar, o que faço, o que penso, ou com quem estou, basta que eu abra a porta da minha vida privada tornando-a pública. Por outro lado, muitos não apresentam noção de espaço público nas Redes Sociais, tratando-as como se fossem espaços privados, dessa forma,

qualquer tipo de interação fora dos padrões estabelecidos por seu emissor, poderá haver sanções, conforme Sibilia (2004):

São afetadas, neste quadro, várias noções importantes, como as de intimidade e privacidade. Do mesmo modo, a idéia de interioridade perde força, diminuindo a valorização da “vida interior” como o principal eixo em torno do qual as subjetividades modernas eram construídas. Cada vez mais, a “verdade” sobre a que cada um é se desloca desse âmago secreto, radicalmente íntimo e privado, para aflorar na superfície da pele (e das telas). [...] Em vez de nutrir o antigo olhar introspectivo, portanto, hoje assistimos à proliferação de espaços, tecnologias e práticas que permitem e que incitam uma certa “espetacularização do eu” com recursos performáticos.

Nesse sentido não há uma Rede Social completa que possa abranger todas as relações possíveis no universo virtual, o que acaba acontecendo é a organização de sites ou aplicativos de redes sociais que se estruturam a partir de funcionalidades específicas como o Instagram que tem como o foco principal é a postagem e compartilhamento de imagens, o Foursquare e Waze que foi desenvolvido para gerar divulgação de localização por meio de GPS, SoundCloud como Rede Social específica para postagem e compartilhamento de músicas e áudios, o próprio Facebook e o Twitter que possuem como objetivo a postagem de idéias por meio de texto, imagens, links, vídeos e músicas.

As Redes Sociais representam no ambiente da cibercultura a construção dos indivíduos por meio da fluidez das identidades dos sujeitos, que se deslocam do universo atual, para ambientarem suas relações no campo virtual. Com isso, o contato que se estabelecia através da aproximação física, passa a se estruturar sublimando as percepções de tempo/espaço. Segundo Rüdiger (2002, p. 45):

O desenvolvimento de mecanismos de interação virtual estaria transcendendo a oposição entre emissor e receptor, fazendo-nos usuários interagentes de redes abertas e sem centro, nas quais os sujeitos se tornam cada vez mais instáveis, múltiplos e difusos.

Nessa realidade pautada neste ambiente de Redes Sociais, o indivíduo não é como o vejo, mas como se deixa perceber por meio das mensagens que gera através dos seus posts. Dessa forma, se podem modular as identidades através da imagem que se quer transmitir por meio do que se produz nas Redes Sociais. Não é muito diferente do que ocorre no universo físico, pois cada um de nós também atua em diversos planos e assumimos papéis variados que necessitam um tipo de postura, ou um tipo de identidade que corresponda a cada realidade envolvida. Todavia, essa mudança de percepção se dá através de um novo suporte, ou seja, do site de relacionamento. Dessa forma Castells (1999) afirma:

[...] a identidade está se tornando a principal e, às vezes, única fonte de significado em um período histórico caracterizado pela ampla desestruturação das organizações, deslegitimação das instituições, enfraquecimento de importantes movimentos sociais

e expressões culturais efêmeras. Cada vez mais, as pessoas organizam seu significado não em torno do que fazem, mas com base no que elas são ou acreditam que são. (CASTELLS, 1999, p. 41)

Essa relação de significação que se quer dar a partir da Rede desenvolve nos usuários uma espécie de dependência, visto que tanto aparelho como sistema passam a mediar a relação dos indivíduos com o mundo, seja ele atual, ou virtual. Dessa forma, a tecnologia, através do aplicativo passa a ser o meio pelo qual as pessoas estruturam suas identidades, deixando-se basear pelo que acontece dentro e fora da própria Rede, adotando linguagens, visualidades entre outros que se organizam por movimentos modais.

Com isso os indivíduos procuram manifestar seus imaginários a partir desses modismos, seja por meio do que se apresenta no blog do Instagram como padrão estético e de postagem, quanto os que se organizam de forma fluida pelos demais usuários do aplicativo através de outros movimentos sazonais que estimulam um tipo de linguagem e formas de interação, como no caso dos *Selfies*.

Mesmo com propostas diferenciadas pode-se perceber a necessidade que se tem em ser “curtido” por meio da imagem que é postada, visto que quando o usuário do aplicativo manifesta uma mensagem visual, eles buscam um tipo de aceitação e de inclusão social por meio da ação de curtir ou comentar determinada imagem, conforme pode se ver na construção do DSC do grupo analisado:

Pergunta: O que você espera quando posta uma imagem no Instagram?

Tema central: As pessoas esperam algum tipo de reação quando postam alguma imagem no Instagram, que curtam, se inspirem e comentem.

DSC: Podia responder nada, mas não é verdade. Acredito que o mais importante no Instagram é a inspiração. É assim que eu viajo no Instagram e é assim que quero que as pessoas vejam as minhas fotos: como uma aventura, com uma história que as inspire de alguma forma. Que meus amigos curtam ou comentem elogiando a foto e divulguem a outras pessoas. Que possam sentir o que eu queria transmitir naquele momento, estarem por algum segundo comigo em alguma situação e de certa forma ser inspiração para um próximo e causar interesse nos outros. Levar um momento que eu estou vivenciando aos demais que não estão lá. Projetar a imagem de um evento ou artista com o qual estou trabalhando, enfim. Principalmente exprimir o sentimento que tive no momento do clique e na edição da imagem. É legal ver os usuários curtindo e comentando sobre a imagem, mas isso é secundário. Fotos da cidade - grafite, arquitetura, paisagens, etc. - espero que as pessoas percebam que por onde elas passam sem prestar atenção também há beleza, mensagens, há alguém tentando se comunicar. Fotos de gatos, amigos, familiares e até mesmo as selfies que são publicadas eu acabo esperando apenas ter o registro daquele momento compartilhado com os amigos. Como meu Instagram é aberto e a maioria dos meus seguidores são completos estranhos, espero que eles passem pela foto sem dar atenção e meus amigos normalmente comentam as fotos de forma privada e é isso que acontece, meus amigos curtem as fotos pessoais e dificilmente curtem as das cidades e os seguidores desconhecidos fazem o inverso. Tocar o outro pelos sentidos. Uma pessoa me adicionou no Face e escreveu *inbox* sobre o quanto gosta do que escrevo e que queria muito conhecer o orquidário. Espero que alguém se

identifique com a imagem em algum nível, seja por considerar bonita, seja por reconhecer o contexto retratado. Uma vez li uma pesquisa que as pessoas preferem um "curtir" numa foto do que receber um bom dia na rua. E que o "curtir" ou o "comentar" é o mesmo que ganhar pontos em um game que você está jogando e mudando de fase. É o momento do voyeurismo. A vaidade à tona. O que eu espero é o que todas as pessoas esperam: aprovação em forma de curtidas, sem hipocrisia alguma e, talvez, de se sentir inspirado para visitar minha cidade, o meu país.

Estruturar as identidades a partir dessa relação com a Rede faz com que os indivíduos vivam num estado de dependência com os aparelhos, percebe-se esse fato ao observar que as pessoas passam mais tempo olhando no ecrã da tela do smarthphone do que estabelecer um contato visual com outro indivíduo. A isso Castells (1999, p. 41) afirma que “nossas sociedades estão cada vez mais estruturadas em uma oposição bipolar entre a Rede e o Ser”.

Essa bipolaridade faz do indivíduo atual um ser de representações, ou seja, desempenhando inúmeros papéis sociais e isso se reflete nas relações que se estabelece na Rede, dessa forma, vivemos a construir personagens, ações e performances que nos marcam diante de determinados grupos e em cada Rede Social em que está inserido, ao ponto de que este assuma diversas personagens de acordo com o login que ele estabelece em cada uma delas. Sobre isso Goffman (2002, p. 25) afirma:

Quando um indivíduo desempenha um papel, implicitamente solicita de seus observadores que levem a sério a impressão sustentada perante eles. Pede-lhes para acreditarem que o personagem que vêem no momento possui os atributos que aparenta possuir, que o papel que representa terá as conseqüências implicitamente pretendidas por ele e que, de um modo geral, as coisas são o que parecem ser.

Sobre essa dependência do aparelho para se estabelecer nessa construção das identidades, Castells (1999) afirma que a tecnologia é a sociedade, da mesma forma que a sociedade não pode ser entendida sem suas ferramentas tecnológicas. Quanto a isso Rüdiger (2002, p. 10) coloca que “os seres humanos sempre elaboraram mitos coletivos para estruturar significativamente suas experiências comuns”.

Entretanto Castells (1999) afirma que apesar dessa dependência, a tecnologia não determina a sociedade e nem a sociedade “escreve o curso da transformação tecnológica”, o que se pode dizer é que estas transformações são duplas, entre sociedade/cultura e tecnologia e continua:

Nem a sociedade escreve o curso da transformação tecnológica, uma vez que muitos fatores, inclusive criatividade e iniciativa empreendedora, intervêm no processo de descoberta científica, inovação tecnológica e aplicações sociais, de forma que o resultado final depende de um complexo padrão interativo. (CASTELLS, 1999, p. 43)

Rüdiger (2002) vê de forma negativa a estruturação das sociedades por meio das Redes, visto que elas levam o ser humano a um esvaziamento do “ser”, com isso, o próprio sentido de humanidade, segundo ele, entre em declínio.

A cultura estaria se convertendo em reserva de meios protéticos, em que o próprio homem entre em declínio. A vontade mais ou menos inconfessável de se converter em máquina manifestar-se-ia no desejo se deixar absorver pelas imagens virtuais, de se entregar aos imaginários mediados tecnologicamente. (RÜDIGER, 2002, p. 13)

Essa relação com o aparelho é manifestada na pesquisa ao perguntar sobre a regularidade no uso do aplicativo, deste modo, há uma postura de dependência dos usuários em relação tanto ao aparelho quanto do Instagram, comprovando a teoria de Flusser (2001) sobre os indivíduos estarem sempre prontos a ele para efetuar o disparo, levando em conta principalmente que com a tecnologia móvel e os aplicativos para compartilhamento de imagens, o evento deixa de ser uma prioridade, para dar lugar ao momento/instante, diferente do que ocorria no ritual em gerar imagens através de máquinas fotográficas analógicas e até mesmo digitais e ao analisar as respostas apresentadas na construção do DSC, há uma diferença na forma como estas imagens se manifestavam para como acontece no âmbito atual, como se pode ver na resposta sobre o uso da internet no celular.

Pergunta: Como é seu uso da internet no celular?

Tema central: O uso da internet no celular é freqüente. Seja para fins comerciais, como para fins pessoais.

DSC:Diária e praticamente ininterrupto. Uso bastante, desde que comprei um smartphone com pacote de dados ilimitado. Especialmente para acesso a E-mails, Facebook, Mensseger e Instagram, tanto as pessoais quanto às vinculadas ao trabalho de cobertura de eventos pelo site Ponto Zero. Esporadicamente, é usado como hot spot para acesso pelo notebook, não consigo largar o celular em nenhum momento, utilizo muito menos o computador. Leio notícias, vejo as novidades no Facebook, faço operações bancárias, faço reservas em restaurantes, leio as mensagens de e-mail e, claro, partilho fotografias através do celular, só para nomear alguns exemplos. Como se tivesse aliado ao corpo. Mesmo no carro num sinal me pego acessando, quero postar instantaneamente o que está acontecendo comigo. A relação é outra pois o agora é relevante, como já dito. Mas estou trabalhando isso também. Dado o meu trabalho e o meu vício pela fotografia, sinto necessidade de estar sempre ligado. Sim, aprendi a lidar com a expressão "phubbing". Se considerado em percentual, diria que 95% das coisas faço pelo Iphone e só que o que não é possível fazer por ele, uso o notebook. E mesmo assim acho extremamente custoso em termos de tempo ter que ligar o notebook pra fazer as coisas que não posso fazer pelo celular. Minha resistência vai quase ao limite (como nesta pesquisa! Mas sei da importância científica das minhas respostas... já passei por isso.).

Entretanto, há a presença de um segundo tipo de DSC sobre o uso da internet no celular que aponta dificuldades dos usuários com o aparelho e também por conta de uma conexão pouco eficiente, não possuem a mesma regularidade, com isso, apresentam uma utilização da internet no celular mais instável, conseqüentemente isso afeta a regularidade no uso do Instagram, como se vê abaixo:

Pergunta: Como é seu uso da internet no celular?

Tema central: Utilizam de forma precária, em virtude das dificuldades quanto à restrição tecnológica.

DSC:Precário. Meu celular é a versão mais básica de smartphone, não possuo editores de imagens nele, uso mais o iPod (nem sei qual a versão, mas é uma das primeiras com câmera) no qual possuo alguns editores de imagem e só consigo postar quando há alguma rede de wifi disponível. Ou seja normalmente posto a imagem muito depois do registro. Se posto uma imagem do Rio de Janeiro, normalmente já estou em São Paulo.

Apesar de não haver um volume maior no uso da internet no celular, não significa que não haja o uso da internet no aparelho, visto que de acordo com a fala acima, há o uso, com um nível de presença virtual menor e um *delay*³² quanto à postagem de imagens no aplicativo. O que pode ser percebido também é a relação temporal que os usuários têm quanto à postagem de imagens no aplicativo.

Entretanto, apesar desse grupo apresentar essa irregularidade quanto ao uso da internet no celular, o mesmo não se pode dizer quanto a regularidade no uso do aparelho. De outra forma, na construção do DSC, esse item aponta uma necessidade em sempre compartilhar o olhar do cotidiano utilizando a câmera do aparelho ou mesmo se manter “informado” sobre quem se segue na Rede, para poder curtir ou comentar, com isso, a primeira resposta condiciona a manifestação da segunda, esse uso do aplicativo e o excesso de imagens que se vê no aplicativo abrem espaço para a manifestação dos *Selfies*.

Pergunta: Qual a regularidade no uso do aplicativo?

Tema central: Uso freqüente do aplicativo, tanto para visualizar outras imagens como para postá-las.

DSC:Uso todo dia em 10 em 10 minutos no quesito "liking" foto alheia e ora diária ora não no quesito postar as minhas fotos. Hmmm vou fazer uma pausa neste questionário porque tenho que ver uma coisa no Instagram :) Prefiro não fazer a conta à média de horas por dia que passo lá dentro, no Instagram... Procuo diariamente postar algum tipo de imagem ou pelo menos checar as atualizações. Tento me limitar a 1 postagem por dia, mas sou obsessiva compulsiva, então são 2 ou 3... mas já experimentei várias vezes 'esquecer' o iPod, me desconectar em viagens e parar de postar e sobrevivi. Pode ter certeza, se não estou postando umas duas imagens por dia, estou com problemas sérios de conexão, como é o caso agora. Sinto necessidade de postar uma imagem pela manhã e outra no final do dia. Como se fizesse parte do início e final do dia num sentido de ciclo conforme o clima, o dia produtivo, o dia triste. Nos dias em que estou triste e não quero externar posto orquídeas (em casa tem orquidário) acreditando que minha alma se alegra e também a do outro. As imagens não são aleatórias. Vez por outra posto situações corriqueiras, mas em sua maioria tem a ver com meu espírito. Amo o Instagram e ao mesmo tempo percebo o tempo se indo numa velocidade enlouquecida e zilhões de imagens por minuto. Se estou em uma viagem, posto mais de uma foto por dia. Se estou em uma semana normal, acho que posto 2 a 4 fotos por semana. Mas também tenho várias semanas que não posto nada pois no momento meus olhos não estão atentos para nada que eu queira compartilhar. Mas uma coisa é fato: se eu tiro foto, normalmente compartilho. Agora confesso que não utilizo para ver muito a foto dos meus amigos. Eu uso o aplicativo quando quero compartilhar alguma foto. E compartilho tudo o que quero registrar na minha memória e dos meus amigos.

³² Tempo de atraso de um sinal, em reverberação, eco, ou em equipamentos eletrônicos em geral.

Sobre esse uso constante do aplicativo, as Redes Sociais abrangem uma questão que Castells (1999) fala sobre estas redes como um processo de integração de vários modos de comunicação, com isso, o ciberespaço é marcado por um tipo de metalinguagem por meio de hipertexto que comporta texto, som e imagem. Essa percepção a partir da Rede, de acordo com Castells (1999) faz com que a realidade não seja percebida como a vemos, mas como a comunicamos, assim, os meios de comunicação são parte fundamental para a construção da cultura no mundo contemporâneo.

3.2 O que é o Instagram

Figura 4 Página de apresentação no site oficial do Instagram



Fonte: <http://www.instagram.com>

A primeira versão do aplicativo surgiu como Burbn, que se apresentava como uma rede social em que convergiam diversas funções para compartilhamento como localização, imagens, vídeos, rotina e outros, muito semelhante ao que se apresenta no Facebook. Porém essa primeira proposta se tornou muito complexa, de outra forma, foi necessário concentrar forças em uma única proposta, neste caso surge o Instagram como uma Rede Social de imagens para a tecnologia móvel.

O aplicativo surge no ano de 2010, desenvolvido pelos engenheiros de programação Kevin Systrom e o brasileiro Mike Krieger, a intenção do Instagram era criar uma relação entre a imagem compartilhada de forma instantânea, usando como referência as câmeras Polaroids, com isso, a partir de suas funções, o aplicativo tenta simular uma relação com o

nostálgico entre o indivíduo/usuário e a imagem postada.

Figura 5 Primeira imagem postada no Instagram



Fonte: <http://blog.instagram.com/post/27359237977/2-years-later-the-first-instagram-photo>

Em 2012 o Instagram foi adquirido pelo Facebook, segundo o blog do aplicativo, em 2010 já possuía 5 milhões de fotos compartilhadas e de acordo com Mark Zuckerberg, já teria chegado a marca de 100 milhões de usuários. Com isso o Instagram estabelece uma nova relação com a imagem, pois ela não apenas é compartilhada, mas desenvolve uma experiência perceptiva do usuário através dessa relação autorreferente como uma espécie de diário imagético.

O Instagram deve ser discutido na perspectiva de tentar compreender se ele é de fato uma Rede Social ou um sistema de compartilhamento de imagens que utiliza as redes sociais para postar, entretanto, para Recuero (2009), uma rede social é constituída por dois elementos fundamentais, “os atores” que são formados pelas pessoas, instituições ou grupos, quer dizer, o “nós” da rede, ou seja, pode-se pensar que corresponde aos usuários em diversos sentidos e as “conexões” que estes estabelecem entre si que se compõe através das interações ou laços sociais que se estruturam no ciberespaço, como ambiente que abriga essa forma de relação. Ela ainda descreve a rede social como uma metáfora, ou um espelho das relações que se constroem fora dela.

Com isso, percebe-se que há muito mais do que uma relação entre a interface e o usuário em rede, todavia, é também uma estrutura social que se organiza por padrões e

construção de identidades – sejam elas simulacros ou não e que atuam de forma virtual. Nesse sentido, mais do que compreender o sistema que envolve as relações sociais na rede, é compreender os indivíduos que a compõe e interagem com ela, visto que a Rede Social é um ambiente que prioriza esse processo interativo entre usuários de forma não presencial.

Portanto, falar das Redes Sociais é baseado no que Castells (1999) argumenta sobre cada vez mais essa busca maior desconstrução de identidades baseado não mais naquilo em que as pessoas falam, mas em que acreditam, ou seja, como se vê na fala de Bauman (2005), essa identidade construída é fluida justamente por conta das transformações que a modernidade trouxeram a partir do desenvolvimento da tecnologia não somente no campo da comunicação, mas também dos transportes e urbanização das cidades, com isso, os indivíduos passaram a desenvolver suas identidades não a partir de construções concretas e geográficas, mas subjetivas e virtuais, nesse sentido, cabe a reflexão de Baudrillard (1991), sobre que essas identidades, a partir desse contexto, passam não mais figurar um real visível, mas construído. Isso faz pensar no que Castells (1999, p. 41) afirma sobre que “Nossas sociedades estão cada vez mais estruturadas em uma oposição bipolar entre a Rede e o Ser”.

Portanto a constituição do sujeito na rede se dá a partir dessas necessidades de construção de identidade e da ampliação dos níveis de interatividade entre os indivíduos, nesse sentido, Recuero (2009) destaca os atores da Rede Social como o primeiro elemento que a constituem, em virtude de que esses atores moldam e estruturam as relações sociais por meio da interação e constituição de “laços sociais”.

Os atores das Redes Sociais podem ser representados não apenas por indivíduos, mas empresas e também coletivos de pessoas, com isso, é difícil identificar o tipo de interação que se estabelece com os usuários em rede, visto que, por ser virtual há uma relação suspensa destes atores, com isso, esses espaços representam, de acordo com Recuero (2009), lugares de interação, de fala, ambientes que expressam elementos da personalidade ou individualidade, entretanto, se pensar nos aspectos da individualidade a partir da identidade conforme Bauman (2005), essa identidade não é estanque, ou final, mas fluídica, ou seja, dependendo o ambiente (tipo de Rede Social) em que estiver essa construção de perfil também sofrerá variações ou mesmo a construção de uma nova identidade totalmente diferente da do indivíduo que a criou fora da Rede, nesse aspecto, há um Simulacro dessa identidade, visto que apesar de fora do ciberespaço essa “customização” do indivíduo seja outra, no ambiente virtual, ela será a

representação “real” dele nessa realidade.

De tal forma, pensar o Instagram apenas como um aplicativo não corresponde com o nível de interação que ele proporciona, visto que ele se comporta como uma Rede Social, utilizando não apenas das ferramentas e recursos disponíveis por uma, mas por meio do comportamento de seus indivíduos que se relacionam entre si por meio de imagens. De outra forma, o Instagram também representa a manifestação autobiográfica do sujeito, porém, diferentemente das outras formas como o blog, o Facebook, ou twitter, a principal forma de manifestação do indivíduo no aplicativo se dá através da imagem.

Apesar da celebração que cerca a utilização do Instagram – que pode ser considerado um novo marco na relação entre sujeito e imagem, em virtude dessa instantaneidade, ao mesmo tempo em que procura dar um ar de foto antiga, remetendo também a lógica das máquinas Polaroid. Os filtros são marca importante na utilização do aplicativo, “é por isso que o grande trunfo do Instagram são seus filtros. É com eles que se pode aplicar, fabricar uma memória, um passado, uma vida que não existe na foto.³³”.

Com isso, há no Instagram o fetichismo de expor o cotidiano como um novo “narciso” – como ocorrera no início da fotografia como bem coloca Benjamin (1994) – e através dos filtros, as imagens exibidas no aplicativo tornam-se uma forma narrativa do sujeito e para tal, associa essa forma autobiográfica por meio da relação imagem x texto exibido nas legendas x #hashtag x geolocalização e com isso, o Instagram desenvolve uma forma diferenciada de contar histórias, tornando seu usuário uma espécie de cronista de si mesmo.

O Instagram estabelece uma relação com a imagem, que não necessariamente está relacionada com a imagem em si, mas o que se quer dizer através dela, isso se dá não somente através da escolha do recorte temporal, entretanto, na forma como se escolhe o filtro, o texto exibido na legenda e o uso do #hashtag para popularizá-la, bem como no recorte efetuado na imagem, pois o Instagram possui formato padrão Kodak Instamac e das câmeras Polaroid de 4:3 em detrimento da fotografia nos sistemas dos dispositivos Android³⁴ e IOS³⁵ de formato

³³ <http://revistatrip.uol.com.br/revista/215/colunas/instagram-o-fast-food-das-imagens.html> - acesso 09/05/2013 às 21:00h

³⁴Android é um sistema operacional baseado no núcleo do Linux para dispositivos móveis, desenvolvido pela OpenHandset Alliance, liderada pelo Google e outras empresas.

³⁵iOS (antes chamado de iPhone OS) é um sistema operacional móvel da Apple Inc. desenvolvido originalmente para o iPhone, também é usado em iPod Touch, iPad e Apple TV. A Apple não permite que o iOS seja executado em hardware de terceiros. A interface do usuário do iOS é baseado no

3:2.

Seu funcionamento se dá por meio de captura por meio da câmera do próprio aparelho celular, ou através de banco de imagens do aparelho, o aplicativo é um mecanismo de compartilhamento de imagens e vídeos por meio da rede e que utiliza também outras redes sociais para desenvolver uma relação com outros usuários através de imagens.

Não necessariamente o Instagram possibilita o compartilhamento de fotos atuais, pois o usuário pode alimentar o aparelho com imagens oriundas de outros dispositivos ou por meio de downloads efetuados pela internet, neste sentido, o aplicativo não se limita apenas à postagens relacionadas com imagens tiradas no momento.

Entretanto, a composição e o destino do Instagram é que seja efetuada uma relação de momentaneidade com o aplicativo, ou seja, ter sempre à mão o aparelho para que capture os melhores momentos e no próprio blog há um estímulo para ser desenvolvida uma relação com a memória por meio do sistema através de postagens que indicam o uso de determinados hashtags.

Para dar uma característica de passagem de tempo à imagem, o aplicativo conta com o uso de filtros que simulam imagens antigas ou envelhecidas, para isso, o usuário seleciona a imagem que irá postar. Primeiramente ela sofrerá o recorte para se adequar ao formato utilizado que é de 4:3 em detrimento da fotografia nos sistemas dos dispositivos Android³⁶ e IOS³⁷ de formato 3:2.

conceito de manipulação direta, utilizando gestos em multi-toque. A interação com o sistema operacional inclui gestos como apenas tocar na tela, deslizar o dedo, e o movimento de "pinça" utilizado para se ampliar ou reduzir a imagem. Acelerômetros internos são usados por alguns aplicativos para responder à agitação do aparelho (um resultado comum é o comando de desfazer) ou rodá-la em três dimensões (um resultado comum é a mudança do modo retrato para modo paisagem).

O iOS consiste em quatro camadas de abstração: a camada Core OS, a camada Core Services, a camada mídia, e a camada CocoaTouch. O sistema operacional usa aproximadamente 960 MB de armazenamento do dispositivo, que varia para cada modelo.

³⁶Android é um sistema operacional baseado no núcleo do Linux para dispositivos móveis, desenvolvido pela OpenHandset Alliance, liderada pelo Google e outras empresas.

³⁷iOS (antes chamado de iPhone OS) é um sistema operacional móvel da Apple Inc. desenvolvido originalmente para o iPhone, também é usado em iPod Touch, iPad e Apple TV. A Apple não permite que o iOS seja executado em hardware de terceiros. A interface do usuário do iOS é baseado no conceito de manipulação direta, utilizando gestos em multi-toque. A interação com o sistema operacional inclui gestos como apenas tocar na tela, deslizar o dedo, e o movimento de "pinça" utilizado para se ampliar ou reduzir a imagem. Acelerômetros internos são usados por alguns aplicativos para responder à agitação do aparelho (um resultado comum é o comando de

Em seguida o usuário selecionará o filtro³⁸ que irá aplicar, ou as demais ferramentas disponíveis como desfoque, moldura, brilho ou giro e posteriormente descrever a foto utilizando texto narrativo ou hashtags que auxiliam na marcação da imagem. O usuário poderá também marcar as pessoas que queira através do uso do símbolo arroba, ou o ícone marcar pessoas.

Nesta área o usuário poderá também, por meio de geolocalização, marcar o local onde a imagem foi feita por meio do item “adicionar foto ao mapa” e por fim, poderá selecionar a rede social que utilizará para também compartilhar sua imagem, dentre as redes disponíveis no aplicativo há o Facebook, Twitter, Tumblr, Foursquare e o Flirck. Na última atualização do aplicativo, há a possibilidade de encaminhar a imagem de forma direta, ou seja, direcionar para que apenas os usuários selecionados possam visualizar a imagem.

Figura6 Display do Instagram



Fonte: <http://descargarinstagram.com/wp-content/uploads/2013/03/Instagram-para-Android.jpg>

desfazer) ou rodá-la em três dimensões (um resultado comum é a mudança do modo retrato para modo paisagem).

O iOS consiste em quatro camadas de abstração: a camada Core OS, a camada Core Services, a camada mídia, e a camada CocoaTouch. O sistema operacional usa aproximadamente 960 MB de armazenamento do dispositivo, que varia para cada modelo.

³⁸ Atualmente o aplicativo conta com 19 filtros (Amaro, Mayfair, Rise, Hudson, Valencia, X-Pro II, Sierra, Willow, Lo-Fi, Earlybird, Sutro, Toaster, Brannan, Inkwel, Walden, Hefe, Nashville, 1977, Kelvin)

Outras funcionalidades existentes para navegação do aplicativo são o home, onde o usuário pode visualizar as postagens recentes das pessoas a quem segue é neste item em que há o processo de relação com os outros usuários da rede, através do botão curtir (tem forma de coração) ou comentar (balão de diálogo). Os três pontos que acompanham cada imagem, pode-se denunciá-la como conteúdo impróprio ou copiar URL para efetuar compartilhamento.

O botão “explorar” (semelhante a uma Rosa dos Ventos) serve para que se visualizem posts indicados pelo próprio aplicativo – sempre os posts mais curtidos – e neste sentido há uma integração entre o que se visualiza no blog em termos de proposta de postagem, nesse sentido, há uma indução do Instagram em determinados tipos de imagens e usuários, há também a lupa para se efetuar busca de marcações ou usuários específicos.

O item “novidades” o usuário poderá visualizar as atividades que cercam suas postagens, como quem está lhe seguindo, ou os amigos de outras redes sociais que passaram a usar o aplicativo, imagens que foram curtidas ou comentários. Nele também pode se visualizar as novidades de quem está seguindo, diferente do home, as visualizações neste item são feitas através de miniaturas.

A área do usuário, ele pode manipular seu próprio perfil, nele consta o nome escolhido para ser exibido aos seus seguidores, a lupa que possui a mesma função da exibida no botão explorar. O item opções há a apresentação de suas atividades como as publicações que você curtiu, encontrar amigos, menu de suporte onde poderá relatar um problema, acionar a central de ajuda, conhecer política de privacidade, termos de serviço e informações sobre o sistema. Há também configurações de preferências que pode definir como funcionará o compartilhamento e notificações Push. Elementos de vídeo e alteração de foto de perfil, limpar histórico da busca e sair.

A imagem do perfil exibida pode ser utilizada do próprio banco de imagens que possui no Instagram, produzir uma nova imagem, ou não utilizar. O campo de exibição você também verá a quantidade de publicações, seguidores e seguindo. Ao editar seu perfil, pode ser escrito um título no mural, seu nome, site e texto narrativo que será exibido na home. Nessa área também se apresenta os modos de visualização de suas imagens, através de miniaturas, formato normal, o mapa de geolocalização, onde se pode ver suas postagens posicionadas no mapa e as fotos em que você foi marcado.

3.2.1 Quem são os atores no Instagram?

O tópico anterior ajuda a compreender a construção das relações a partir desse processo de interação através das Redes Sociais, com isso, percebe-se, baseado no que foi dito anteriormente, é que esses usuários das Redes Sociais possuem um tipo de identidade fluida e fragmentária e que se constroem de acordo com os movimentos que acontecem na Rede, no caso do Instagram, esses movimentos podem ser regidos tanto pelo Blog do aplicativo, como pelos próprios usuários, o que leva à definição deste usuário do aplicativo.

Podemos definir o perfil de usuário do Instagram da seguinte forma: o primeiro grupo é formado por pessoas que procuram desenvolver postagens que possuam um estilo estético mais elaborado, utilizando recursos visuais oriundos inclusive da antiga forma de fazer fotografia. Esse grupo é mais evidente no blog, quando destaca trabalhos de profissionais de fotógrafos, artistas, designers e usuários que possuam algum diferencial na forma de utilização do aplicativo.

O segundo grupo é marcado por pessoas que utilizam o aplicativo para divulgar seu próprio cotidiano seja a comida que se come no momento, eventos em que está presente e principalmente através de imagens *selfie*, ou seja, por meio do excesso de autorretratos e legendas que para o interator da Rede, não traz em si, nenhum significado relevante na relação imagem x texto. Esse segundo grupo é bastante mal visto inclusive, pelo primeiro grupo, pois representam uma subversão à proposta do próprio aplicativo, como se vê na página de abertura do Instagram: Publicar o cotidiano de forma criativa.

Dessa forma, para estabelecer a análise sobre este campo, era necessário mergulhar dentro desse universo e para isso, foi preciso criar um perfil para verificar o cotidiano das imagens que eram apresentadas e também desenvolver um tipo de linguagem na minha própria relação com o aplicativo para que também fosse visto como um usuário tão regular quanto possível e criar uma aproximação com os atores envolvidos na pesquisa.

Com isso surgiu @oflaneur13 que atualmente possui 491 postagens, 342 usuários que o seguem e 731 pessoas que segue, logo na página de apresentação do perfil há como título que denomina “Memórias de um Flaneur – Um caminhante / errante / errando / lembrando / e formando / novas memórias”.Devido ao volume de seguidores, mas principalmente pela quantidade de pessoas que @oflaneur13 segue não se consegue efetuar uma relação efetiva por meio do aplicativo em si, a não ser pelas imagens que posta e acompanhando as pessoas que curtem ou comentam as imagens, assim pode-se estabelecer um parâmetro de

relacionamento através do aplicativo. O que não se pode fazer através do display de visualização do aplicativo, por haver um volume muito grande de imagens que são continuamente atualizadas, tanto pelo excesso de imagens dos usuários, quanto pelo excesso de usuários que o próprio perfil @oflaneur13 segue.

Para estabelecer uma aproximação com estes usuários, primeiramente o parâmetro de filtragem foi o blog, por onde foram selecionados os primeiros perfis, estes foram ingressados à rede @flaneur13 e foi observado o comportamento dos primeiros perfis adicionados. Quais imagens curtiam, perfis adicionados e quais perfis seguiam. Como eram indicações do próprio blog do Instagram, eles eram amplamente seguidos com médias de 10 a 20 mil seguidores, entretanto, seguiam poucos usuários. Neste sentido, o botão “Seguindo” no aplicativo, foi relevante para a descoberta de outros seguidores que possuíam o mesmo perfil de imagens indicativo no blog.

O que se buscou como fonte de informação do campo, era compreender primeiramente essa forma de interação que eles tinham ou não, com a fotografia analógica, com o álbum e conseqüentemente esse ato de recordar a partir da imagem. Também se buscou verificar como foi essa migração do analógico e digital e como isso influenciou na relação que eles tinham com a imagem e a tecnologia e o processo de dependência. Por fim, a participação do Instagram na vida cotidiana deles e como esse ato de recordar através da imagem se estabelece a partir do aplicativo. Segue abaixo a tabela com o perfil dos usuários pesquisados, bem como a primeira imagem postada no Instagram e a última³⁹:

Tabela 1 Perfil dos atores pesquisados

Nickname	Idade	Cidade/Estado	Posts no aplicativo	Seguido	Segue	1ª imagem no Instagram	Última imagem no Instagram ⁴⁰
@adoniranelo	33	Curitiba/Paraná	229	403	124	4 de agosto de 2013, a imagem possui 22 curtidas e não possui comentários. ⁴¹	14 de abril de 2014, a imagem possui 25 curtidas e 11 comentários ⁴²
@junys_	21	Ibiúna/SP	Quando o	12.109	1.117	A primeira	17 de abril de

³⁹ A última imagem é de acordo com o dia em que foi analisado cada perfil, tendo em vista que essa relação de última imagem pode ser alterada de acordo com o nível de postagem de cada um deles.

⁴⁰ Em relação a última imagem postada no aplicativo, é relativo, visto que eles ainda estão em movimento no mesmo, postando diariamente novas imagens, nesse sentido, considera-se como último para essa pesquisa a data exposta no quadro.

⁴¹ <http://instagram.com/p/cmP044mtCZ/>

⁴² <http://instagram.com/p/myBIS8GtJ7/>

			perfil foi abordado, ele possuía mais de 111 posts, entretanto, para a construção do quadro, há apenas 9 posts, todavia, o que está sendo considerado para análise, foi o que fora apresentado anteriormente, antes da atualização. Segundo o entrevistado, ele havia retirado as imagens para poder desenvolver um trabalho sem bordas.			imagem segundo @junys_ foi postada no dia 24 de julho de 2012, uma amiga havia postado do Canadá, pois ele não tinha celular android ou Ios, essa imagem teve 97 curtidas e 3 comentários. Atualmente o perfil apresenta como 1ª imagem, a que foi postada no dia 25 de setembro, obteve 520 curtidas e 41 comentários. ⁴³	2014, a imagem possui 165 curtidas e 2 comentários. ⁴⁴
@kitato	38	Porto/Portugal	2.091	20.944	279	24 de fevereiro de 2011, 4 curtidas e 2 comentários. ⁴⁵	17 de abril de 2014, 1.420 curtidas e 62 comentários. ⁴⁶
@danisraposo	20	São Lourenço/MG	515	1.657	564	30 de novembro de 2012, 32 curtidas e 4 comentários. ⁴⁷	16 de abril de 2014, 196 curtidas e 8 comentários. ⁴⁸
@lumecom	44	Belém/PA	1.374	699	133		13 de abril de 2014, 6 curtidas e nenhum comentário. ⁴⁹
@coelhodavi	30	Rio de Janeiro/RJ	477	540	308	23 de março de 2012, nenhuma curtida e nenhum comentário. ⁵⁰	13 de abril de 2014, 22 curtidas e nenhum comentário. ⁵¹

⁴³ <http://instagram.com/p/esj5r3ik0z/>

⁴⁴ <http://instagram.com/p/m6NZLpikz4/>

⁴⁵ <http://instagram.com/p/B0lJq/>

⁴⁶ <http://instagram.com/p/m4mmNWmd0s/>

⁴⁷ <http://instagram.com/p/Spc0ahwgAN/>

⁴⁸ <http://instagram.com/p/m3wX3AawgIQ/>

⁴⁹ <http://instagram.com/p/mwCZpZJV9X/>

⁵⁰ <http://instagram.com/p/lgKJysNfYg/>

@monicamoras	29	São Leopoldo/RS	203	2.278	419	29 de outubro de 2011, 85 curtidas e 5 comentários. ⁵²	16 de abril de 2014, 379 curtidas e 16 comentários. ⁵³
@camilanobushige	28	São Paulo/SP	1.123	333	293	10 de junho de 2012, 2 curtidas e 1 comentário. ⁵⁴	17 de abril de 2014, 9 curtidas e nenhum comentário. ⁵⁵
@joaocs	53	Lisboa/Portugal	932	1.948	655	10 de março de 2012, 9 curtidas e 15 comentários. ⁵⁶	17 de abril de 2014, 79 curtidas e 1 comentário. ⁵⁷
@leonardomendezz	23	Mauá/SP	210	645	227	31 de março de 2013, 3 curtidas e nenhum comentário. ⁵⁸	15 de abril de 2014, 29 curtidas e 3 comentários. ⁵⁹
@vanialleal	50	Belém/PA	624	377	332	28 de setembro de 2012, 4 curtidas e 1 comentário. ⁶⁰	17 de abril de 2014, possui 30 curtidas e 7 comentários. ⁶¹
@gabibrasil	29	Belém/PA	663	645	595	12 de novembro de 2010, 10 curtidas e 3 comentários. ⁶²	14 de abril de 2014, 25 curtidas e nenhum comentário. ⁶³
@terezajardim	29	Belém/PA	525	419	304	5 de janeiro de 2013, 8 curtidas e 4 comentários. ⁶⁴	17 de abril de 2014, 10 curtidas e nenhum comentário. ⁶⁵
@saramuller	35	São Paulo/SP	272	585	278	21 de junho de 2012, 8 curtidas e nenhum comentário. ⁶⁶	17 de abril de 2014, 22 curtidas e nenhum comentário. ⁶⁷
@lavinia_cernau	30	Cluj-Napoca/Romania	773	61.991	384	5 de agosto de 2012, 117 curtidas e 8	17 de abril de 2014, 992 curtidas e 11

⁵¹ <http://instagram.com/p/mvjCBLNfWH/>

⁵² <http://instagram.com/p/R6tEY/>

⁵³ <http://instagram.com/p/m3sZWbgCyu/>

⁵⁴ <http://instagram.com/p/Ltd4ochLkX/>

⁵⁵ <http://instagram.com/p/m5sgr3hLLp/>

⁵⁶ http://instagram.com/p/H_vYs2lxvk/

⁵⁷ <http://instagram.com/p/m6AZCwFxu7/>

⁵⁸ <http://instagram.com/p/XiaY1grIGk/>

⁵⁹ <http://instagram.com/p/m1KTpgLIDp/>

⁶⁰ <http://instagram.com/p/QHuGDgRHSK/>

⁶¹ <http://instagram.com/p/m5llknRHbY/>

⁶² <http://instagram.com/p/OmL1/>

⁶³ <http://instagram.com/p/mxRkJyFSfN/>

⁶⁴ <http://instagram.com/p/UGoBfwvrg2/>

⁶⁵ <http://instagram.com/p/m6A2T-vrsZ/>

⁶⁶ <http://instagram.com/p/MKLuBipmWQ/>

⁶⁷ <http://instagram.com/p/m4UgXxpmfg/>

							comentários. ⁶⁸	comentários. ⁶⁹
@rivaramos	26	San Francisco/ California	442	29.337	312	20 de novembro de 2011,	65 curtidas e 15 comentários. ⁷⁰	15 de abril de 2014, 636 curtidas e 13 comentários. ⁷¹
@michenlo	23	Madrid/Espanha	274	14.751	421	6 de abril de 2012,	16 curtidas e 2 comentários. ⁷²	17 de abril de 2014, 231 curtidas e 7 comentários. ⁷³

Fonte: Elaborada por Thiago Azevedo

A construção desse quadro, apresentando o perfil dos usuários, principalmente a partir do próprio aplicativo, tende a mostrar, associado às falas construídas a partir deles no DSC, a rotina em relação à frequência no uso do aplicativo, tanto prova isto que a maioria possui imagens postadas recentemente e todos ainda no mês de abril.

A apresentação da primeira e última imagem no Instagram é relevante no sentido de que esse intervalo entre a primeira e a última mostra a forma de desenvolvimento destes usuários dentro do aplicativo, seja através das propostas como da relação com outros usuários na quantidade de curtidas e comentários, bem como comparando com a quantidade de posts que cada um possui, dessa forma, pode-se ter a regularidade média de imagens dentro desse intervalo. Pois como fora dito acima, a construção do DSC aponta um alto índice de utilização do Instagram, seja para postar, como para visualizar. Nesse sentido, Redes Sociais como o Instagram se apresentam como outra forma de estar no mundo, pois:

Na Internet, as pessoas estariam descobrindo a possibilidade de construir suas identidades se ajustando às outras. A tecnologia conteria o poder de transcender a consciência solipsística, que funda o conceito moderno de sujeito. O processo em que ele se formava é descentrado, no momento em que os recursos com que se modela a ação cultural são pouco a pouco democratizados. (RÜDIGER, 2002, p. 100)

O uso contínuo do aplicativo representa não apenas uma necessidade de postar e ser visto por meio da imagem, mas manifesta uma tendência no âmbito das Redes Sociais que é a de existir na Rede como uma parte fundamental da existência humana. Estabelecer um tipo de status que faz com que nossas identidades se modulem em função do que faço em cada rede de interação, dessa forma, o usuário do Instagram é mais do que um receptor/emissor de

⁶⁸ <http://instagram.com/p/N9Jk59nMkS/>

⁶⁹ <http://instagram.com/p/m6D0DyHMjN/>

⁷⁰ <http://instagram.com/p/U8qRU/>

⁷¹ <http://instagram.com/p/m1EEkfCDwb/>

⁷² <http://instagram.com/p/JGYbpWqXPb/>

⁷³ <http://instagram.com/p/m5IUHnqXHc/>

mensagens visuais, todavia transcendem esse estado para um nível de interagentes e com isso, a Rede se torna um lago que reflete uma imagem instável, múltipla e difusa do sujeito. Pois

[...] o mundo será formado por indivíduos capazes de se multiplicar através de aparelhos portáteis e interconectados em espaços relacionais por redes estelares de satélite e redes terrestres de fibra ótica. (HERENBERG apud RÜDIGER, 2002, p. 100)

Com isso, vive-se um tempo do simulacro, onde não mais podemos dar conta do real, por isso, ele se refrata em múltiplos reais, múltiplas identidades, múltiplas manifestações de si que são expostas na Rede das mais variadas formas, sendo o Instagram uma delas. Isso reflete inclusive a forma como cada indivíduo passa a se relacionar com a imagem, sendo esta, não mais uma tentativa de representar o real, entretanto, na perspectiva de Català-Domenèch (2011) de construir um hiperreal.

Nessa relação com a Rede Social/Sujeito/Imagem, pode-se discutir sobre a imagem ser ainda um espelho, visto que há uma construção para que o que seja imperfeito possa ser retirado, ou corrigido por meio de programas de editoração da imagem. A captura do momento passa a ser um acaso, visto que o momento em toda sua particularidade não mais existe para a imagem editada, pois posso criar um totalmente novo a partir daquele que será descartado na tela do computador.

O Instagram assume postura semelhante quando me limito ao padrão estabelecido pelo aplicativo quanto ao recorte e aplicação de filtros. A partir do universo digital, o evento está à disposição da máquina, dessa forma, a máquina utiliza de vários recursos para tornar o evento melhor do que realmente foi, ou tirar dele o ruído que pode existir em sua forma visível, basta que alguém queira interpretá-lo e expressá-lo a partir de suas subjetividades no uso de filtros, recorte, hashtags e legenda. Pode-se perceber isso na fala dos atores na construção do DSC:

Pergunta: Como você se relaciona com a imagem no computador?

Tema central: Há uma relação de visualização freqüente das imagens no computador, muitas delas são encaminhadas a sites de armazenamento de imagens, ou sites de compartilhamento. São utilizados também programas para edição de imagens para efetuar retoques ou melhorias.

DSC: Sou obcecada por imagens, então programo o computador para ficar exibindo-as e todo dia reviro o meu banco de imagens. Sempre quero colocar alguma coisa a mais nelas. Edito todas as fotografias no Photoshop, assim como faziam nos Lab de fotografia analógica. Na verdade todo dia entro em algum site e faço pesquisas de imagens, devo ter problemas... Confesso que depois que vão para as redes sociais, acabo excluindo as fotos do computador. Hoje faz parte do meu trabalho. Sou editor do P3, site de informação do jornal Público, e lido com a imagem de mil e uma maneiras diariamente. Procuro fazer uma gestão mais ou menos cuidadosa dos meus ficheiros pessoais no meu computador. Ver imagens no computador é uma das minhas atividades mais comuns, tento vê-las com os mesmos olhos que o sentimento do papel, porém é algo mais comum, ainda mais que trabalho com isso todos os dias,

então a maioria das vezes se torna algo rotineiro e não tão surpreendente. Ela é solitária, infelizmente. Antigamente quando revia alguma foto era sempre em companhia de outra pessoa e existia a interação, onde cada foto tinha a sua história. Como este hábito deixou de existir, é difícil rever as fotos do computador e inclusive de organizar, fazer uma limpa, etc. Como disse, é um monte de bits enchendo memorizando computador. Já tenho uns três HDs externos, pois fotografo as ações culturais com que trabalho. Fotografo pro meu blog. Meu computador é entupido de fotos. Não compartilho tudo no Facebook não. Em casa, de vez em quando mostro aos amigos que me visitam... (risos). O que preciso é sistematizar uma organização de todas estas imagens que já acumulo. Elas ficam separadas por localização quando são de viagens. Fotos de Iphone ficam misturas em pastas com datas. De certa forma, o computador passou a fazer o papel que antigamente estava reservado aos negativos. Tiro as fotografias, passo-as para o computador e visualizo-as para escolher aquelas de que gosto e editá-las caso se justifique fazê-lo. Aquelas de que gosto tem dois destinos. Ou imprimo, para mim ou para oferecer, ou partilho numa rede social. Acho que as imagens de que gostamos devem ser partilhadas e é bom que quem fotografa pense desta forma. Na era analógica ou na era digital, há dois caminhos essenciais para se progredir como fotógrafo, profissional ou simples amador, como é o meu caso. O primeiro é fotografar muito. O segundo é ver muitas fotografias de outros. Não é saudosismo, mas não tenho uma relação de afeto aproximado. É algo que se apresenta pra mim como uma situação de representar o momento presente que já anuncia o momento seguinte. A relação na verdade é de acordo com a vida pulsante e corrida. Apesar disso, sou capaz de continuar a me encantar com imagens bem executadas, seja tecnicamente ou simplesmente no aspecto conceitual e artístico. A diferença entre a cor-luz da tela de LCD e a cor-pigmento do suporte material, seja qual for (fosco, brilhoso, texturizado, etc) favorece inegavelmente a imagem digital, com sua gama de cores maior e a possibilidade de contraste mais intenso.

Apesar dessa mudança quanto à modulação da imagem, ao utilizar programas de edição de imagens para alterar a realidade do que está representado, ou mesmo para dar melhor “acabamento”. Quando se fala em relação ao armazenamento de imagens na internet, não há uma frequência regular em virtude de não haver sites gratuitos para esse tipo de armazenamento e também por não haver suporte, devido ao tamanho das imagens.

Desta forma, na construção do DSC, é apontado que a relação com as imagens na Rede é mais para efetuar compartilhamento do que necessariamente armazenamento, principalmente quando se fala em imagens geradas no contexto da tecnologia móvel, mesmo que em alguns casos esse tipo de envolvimento com esses sites de armazenamento como Dropbox, Picasa, Flirck, Facebook, Icloud, Google Drive, Pinterest, VSCO e 500px, aponte que isso aconteça como se pode ver abaixo:

Pergunta: Usa a internet como forma de armazenar imagens? Quais sites utiliza?

Tema central: Não usa a internet como forma de armazenagem de imagens, mas de compartilhamento.

DSC: Não uso a Internet como forma de armazenar imagens, pois como foto pesa, não há nenhum lugar *free* onde pudesse deixar todas as minhas fotos. Então acabo salvando nos meus arquivos pessoais. As fotografias que faço estão arquivadas no computador ou em discos rígidos externos. O que está na internet é apenas com o

intuito de compartilhamento. Partilho fotografias minhas no Dropbox, Picasa, Flickr, Facebook, Icloud, Google Drive, Pinterest, VSCO e 500px conta, até mesmo o Orkut no passado, já tive um fotolog.net, que depois virou .com, no momento estou construindo um site com essa mesma finalização. Acho que tenho a minha vida espalhada por muitos sítios. Mas o único "armazém" de imagens que visito freqüentemente é mesmo o Instagram, onde faço uma espécie de diário visual.

Sobre a escolha desses sites, manifestam nos usuários dois tipos de DSC, um está relacionado à mudança quanto ao "consumo" desses suportes para armazenamento de imagens, indicando um uso contínuo e apontando a questão quando a dependência da tecnologia para construção da identidade pautada na rotina contínua desses ambientes, como se pode ver abaixo:

Discurso 1

Pergunta: Por que escolheu esses sites?

Tema central: Os utiliza por sua popularidade, gratuidade, capacidade de preservação das imagens.

DSC: O primeiro foi uma febre entre todo mundo que eu conhecia no final da década de 90, início dos anos dois mil e tantos... Eu A-M-A-V-A! Era assídua com a "postação" de fotos. Era bom, pois eu eternizava a minha vida ali e espiava a vida alheia também, além do que tinha a história que se podia comentar nas fotos e escrever sobre elas também, e eu adorava poder contar algo sobre a foto e escutar o que as pessoas achavam da foto e dos escritos. O resto é quase que a mesma história... Por motivos de serem os mais populares e ter vários amigos pra visualizarem, pela facilidade de mostrar seu trabalho ou a segurança de ter um backup virtual. Por ser uma ferramenta online que permite o armazenamento e compartilhamento de imagens, vinculando com o e-mail (Gmail) e Redes Sociais. O Facebook, não o escolhi, fiquei presa a eles por ser minha página de relacionamento com amigos e família, pois é a forma mais prática de encontrar e se comunicar com conhecidos e compartilhar as fotos com eles. Normalmente posto e em seguida retiro minhas imagens de redes sociais como estas, pois me sinto invadida por vizinhos bisbilhoteiros que não estão observando as imagens, estão tentando entender a vida alheia, um dia, entre a partilha de vídeos, notícias e outros conteúdos, decidi começar, também, a partilhar fotografias. Não foi uma escolha deliberada, foi uma consequência de ter uma conta. Com Instagram foi diferente, por ser minha página dedicada apenas às minhas viagens. Uma pessoa que tinha um "smartphone" e que já tinha uma conta no Instagram mostrou-me a aplicação e achei graça aos filtros e à atmosfera vintage que podiam dar às fotografias, como se tivessem sido tiradas nos anos 1960 ou 1970. Na altura, não me apercebi da dimensão de rede social do Instagram. Mais tarde, em Março de 2012, comprei um "smartphone", descarreguei a aplicação e comecei a utilizá-la, mas de forma apenas episódica. Só a partir de Julho daquele ano é que comecei a levar o Instagram mais a sério. Percebi que havia um "montão" de gente a partilhar fotografias excelentes, muitas delas tiradas com um simples telemóvel, e passei a ocupar mais tempo à procura de fotografias de que gostasse e a escolher fotografias minhas que eu achasse que valia a pena partilhar. Em consequência, descobri imensos utilizadores do Instagram que são fotógrafos brilhantes e com quem tenho aprendido imenso. Mais importante, talvez, é o fato de estar nesta rede social me ter incentivado a fotografar mais e a cultivar e dedicar mais tempo a este "hobby", porque fotografo na maioria das vezes com celular. Escolhi o Flickr como portfólio virtual, e foi escolhido por causa da capacidade de armazenamento e redução pequena na qualidade da imagem armazenada, além do status de rede social voltada para fotógrafos. O Pinterest e Icloud por serem plataformas voltadas exclusivamente para compartilhamento de imagens e isso me

agrada, saber que há outros viciados em imagens e em compartilhá-las. Escolhi o Picasa por fazer parte do Google. Às vezes surgem conversas, amizades através destas imagens. Nestas plataformas a maioria das pessoas com quem interajo são de outros países ou nunca as vi pessoalmente.

O segundo discurso presente sobre essa questão aponta uma mudança não tão confortável quanto ao primeiro grupo, visto que há um processo de esvaziamento desses suportes, visto que se sentiram compelidos por uma necessidade específica a utilizarem esses sites como uma espécie de tendência quanto ao uso, nesse sentido, este segundo discurso demonstra que não há uma relação de dependência em função do universo digital, como se verifica na construção do DSC abaixo:

Discurso 2

Pergunta: Por que escolheu esses sites?

Tema central: Os utiliza com certa resistência

DSC: Nem foi uma questão de escolha, outro dia estava refletindo sobre isso e verifico que somos compelidos a participar dessa cena global. Já quis várias vezes me desfazer e confesso que sinto um vazio em olhar o feed e tenho cada vez menos acessado o face. Pasmee em um mês sem acessar e postar retomei situações interessantes do cotidiano.

Entretanto, quando se fala no aplicativo em si, a construção do DSC já aponta que viram no Instagram um local onde poderiam expor suas formas de ver o mundo e aproximar as pessoas através da imagem e falam também do aplicativo como um local onde podem preservar mais a “privacidade” comparando com outras Redes Sociais. Também é apontado que a priori, o aplicativo é mal visto por conta do grupo que subverte a lógica do aplicativo, postando imagens *selfie*, ou de comida, imagens que detectam como “banais”, sem “criatividade”, pois olham o Instagram como um local para se apresentar algo criativo e com significado, como se pode ver na fala abaixo:

Pergunta: Como você descobriu o Instagram? O que faz dele um aplicativo especial pra você?

Tema central: Indicação de amigos e com o tempo a relação com o aplicativo se tornou emocional e cotidiana.

DSC: Não me lembro bem como tudo começou. Sei que começou no dia 24 de Fevereiro de 2011 com uma fotografia que nem percebo o que é. É a única rede social que realmente me aproximou de outras pessoas com o mesmo objetivo, aquela que me permite conhecer pessoas talentosas (virtualmente primeiro e depois pessoalmente) e a única Rede Social que não se intromete na minha vida pessoal. Conheci através de amigos que comentaram sobre o aplicativo. Tive bastante preconceito no começo, pois meus amigos apenas postavam fotos *selfie* ou nada atraentes. Mas fiz dele minha válvula de escape para extravasar a minha paixão que é viajar. Eu SEMPRE tive uma obsessão por imagens, chegava a não postar algo no Facebook caso não encontrasse uma imagem que eu considerasse adequada (se eu vou reclamar da Vivo, tinha que achar uma imagem da Vivo, por exemplo) e assim meus amigos viviam reclamando da poluição visual. Quando descobri o Instagram

pude extravasar essa obsessão de registrar imagens por via pública. E como tenho o hábito de ir a lugares que me são estranhos, conhecer gente, sempre buscar novos caminhos e uma péssima memória, o Instagram me ajuda a registrar o que eu vi, passei e me encantei no lugar, uso como backup de memórias ou diário imagético. Lá não preciso seguir quem tem fotos que não me atraem (incluindo amigos e familiares), posso curtir fotos sem necessariamente seguir as pessoas e posso postar todas as minhas viagens livremente e saber que apenas quem realmente gosta vai me seguir e/ou curtir. Inclusive minha conta do Instagram é absolutamente separada da minha conta do Facebook. Meus amigos tinham e eu adorava os filtros, ela criou um pra mim há 2 anos, quando ela estava no Canadá, comecei a utilizar como um hobby, despretensiosamente. Com o tempo, adotei como forma de expressão artística, possibilitando compartilhar imagens do meu cotidiano com amigos e com usuários desconhecidos. Posso compartilhar meus registros. O aplicativo é muito interessante pra mim a partir do momento que, como fotógrafo, tenho em minhas mãos mais um recurso para treinar meu olhar e compartilhar o resultado de forma instantânea, além de ser mais um meio de divulgar meu trabalho. O olhar instantâneo, uma rede que reúne pessoas que amam a imagem. E um ótimo canal de divulgação. É mais uma ferramenta de comunicação pra mim que também atuo na área de assessoria de imprensa. No início não tinha uma relação cotidiana, ficava um bom tempo sem postar. E no processo aquilo começou a fazer parte. E queria que as postagens tocassem o outro pela imagem ou pelo texto. Numa análise crítica acredito que estou amadurecendo e gosto muito de registrar momentos interessantes, lugares, paisagens que deixam o dia mais leve e ganhou um status de especial por ter possibilitado a conclusão do meu Projeto 365 (uma foto por dia, todos os dias, durante 365 dias), que foi começado duas vezes anteriormente, e nunca concluído. Eu adoro isso, porque você pode fazer upload de uma foto instantânea, a qualquer momento, e você pode se conectar com tantas pessoas de todo o mundo e ver tantos lugares bonitos. E permite-me expressar um certo lado artístico através da fotografia e nunca antes havia expressado ou explorado. O que torna esta aplicação é o meu mais comumente usado é que, sendo o mais popular, as minhas fotografias são vistos por mais pessoas.

Essa construção dos indivíduos a partir do DSC faz com que se estabeleça um melhor entendimento de como eles compreendem seu processo de interação com o aplicativo e como isso reflete nesses novos suportes para geração de imagem como o Instagram, bem como as diferenças existentes entre o que se vivia num momento mais “analógico” com as máquinas fotográficas em detrimento do uso dos SmartPhones para constituição de imagens. Com isso, pode-se estabelecer uma importante conexão com o que se verá, por conseguinte, que é justamente a questão da memória em função do aplicativo.

4 TODOS TEMOS #MEMÓRIA

A memória enquanto construção de um passado no presente atual extrapola uma relação entre o aspecto de memorizar um fato ou evento no sentido puramente de armazenagem, mas como coloca Bergson (2006), há uma questão que envolve a percepção e a lembrança. Dessa feita, lembrar não é apenas o ato de recordar o que se passou. Portanto há um processo de tornar esse passado, que dialoga no presente atual, um ato de reviver com a mente e a alma como um fenômeno da percepção humana, o que causa a forte relação com a imagem, primeiramente interna e em seguida com o processo externalizado.

Bergson (2006) define a memória em duas correntes, a memória espontânea e memória hábito, a primeira ele define como memória pura, ou seja, tem natureza incontrolável e registra todos os acontecimentos da vida cotidiana sob forma de imagem-lembrança, enquanto que a segunda tem relação com o processo de aprendizado que se tem a partir do hábito de memorizar, para ele, ela tem utilidade prática, assim como memorizar a lição para uma prova.

Foster (2011) estabelece o estudo da memória sobre vários pontos, entre eles como depósito sensorial e através disso temos a memória sensorial que é caracterizada como rica em termos de conteúdo, porém, breve quanto sua duração. Também apresenta os modelos clássicos de memória como a de curta e longa duração, memória do trabalho que possui ligação com a memória de curta duração.

Esses modelos apresentados por Foster (2011) pode-se dialogar mesmo que de forma não tão aprofundada, com os padrões estabelecidos por Bergson (2006), visto que em termos conceituais se aproximam do que Bergson estabeleceu para a memória, principalmente no que se refere à memória-hábito, pois estes três modelos têm relação com aspectos de aprendizado e associação de informações, como se vê na memória de longo prazo.

i) a informação só pode chegar ao depósito de longo prazo se passar primeiro pelo depósito de curto prazo; e ii) a informação repetida no depósito de curto prazo seria tanto mantida ali, como teria mais chance de ser transferida para o depósito de longo prazo. (FOSTER, 2011, p. 37)

Segundo Menéndez (2006), Bergson estabelece sua reflexão a partir do princípio metafísico, ou seja, constrói uma reflexão sobre a memória que transcende os aspectos cerebrais, pois para ele, a memória pura não está registrada na fisiologia do cérebro, mas no espírito, como forma de imagem-lembrança. A isso Deleuze (2012) destaca como lembrança pura, pois não tem existência psicológica, é virtual, inútil e inconsciente.

A crise estabelecida entre Bergson e a psicologia em postularem sobre a memória é porque Bergson coloca como ontológico aquilo que a psicologia compreende como cerebral o inconsciente. Menéndez (2006) argumenta que Bergson escreve *Matéria e Memória*, principalmente o segundo capítulo em resposta aos estudos de Freud sobre Afasia⁷⁴. Sobre essa questão ontológica da inconsciência em Bergson:

Bergson não emprega a palavra “inconsciente” para designar uma realidade psicológica fora da consciência, mas para designar uma realidade não psicológica – o ser tal como ele é em si. [51] Rigorosamente falando, o psicológico é o presente. Só o presente é “psicológico”; mas o passado é a ontologia pura, a lembrança pura, que tem significação tão somente ontológica. (DELEUZE, 2012, p. 47)

Sobre a posição de Bergson se complementa

Contra a teoria da consciência como epifenômeno, considera que nenhum estado cerebral é o equivalente de uma percepção, uma vez que a seleção das percepções entre o conjunto das imagens é o efeito de um discernimento próprio do espírito. No mesmo sentido, a memória também não é de um produto cerebral. (MENÉDEZ, 2006, p. 25)

Com isso, podemos chamar a memória para questão específica, como um ato de lembrar ou reviver, pois como movimento que se relaciona com a percepção, o primeiro é ativado, principalmente quando é estimulado através de ações perceptivas que envolvem aspectos materiais e remetem à própria constituição de imagens, conforme abaixo:

Entre a percepção e a lembrança haveria uma diferença de intensidade ou de grau, mas não de natureza. A percepção sendo definida como estado forte e a lembrança como estado fraco, a lembrança de uma percepção só podendo então ser essa percepção enfraquecida, parece-nos que a memória para registrar uma percepção no inconsciente, tenha tido de esperar que a percepção se abrandasse em lembrança. (BERGSON, 2006, p. 50)

Como ponto pacífico sobre esse aspecto entre a psicologização da memória ou a tratá-la como metafísica como queria Bergson, podemos dialogar sobre a relação entre a memória espontânea e memória hábito através da memória episódica, que segundo Foster (2011) envolve a lembrança sobre eventos específicos.

De acordo com Foster (2011) a memória episódica também pode ser chamada de *memória autobiográfica*, devido seu caráter pessoal, pois envolve tempo, lugar e emoções relacionadas a eventos e pessoas, ou seja, representa a memória da vida. Possui relação com a categoria que Bergson (2006) aponta para essa memória pura, espontânea e que se manifesta

⁷⁴ A afasia (do grego ἀφασία, a+fasia,) é uma perturbação da formulação e compreensão da linguagem. Uma alteração da função da linguagem, depois de ter sido adquirida de maneira normal e não causada por dificuldade intelectual. Nem todas as afasias são não fluentes, ou seja, existem pacientes (por exemplo com afasia de Wernicke) que apresentam um discurso fluente, sem pausas nem alterações sintáticas mas com paragramatismo.

através de mecanismos motores, no caso em questão da fotografia. Pois como apontado pelo DSC, vê-se a manifestação dessa memória episódica no relato sobre eventos, lugares e pessoas que cada imagem remete, não apenas na visualidade do revelado, mas naquilo que está no inconsciente individual e coletivo que atualiza o passado no presente, como afirma:

Assim como não percebemos as coisas em nós mesmos, mas ali onde elas estão, só apreendemos o passado ali onde ele está, em si mesmo, não em nós, em nosso presente. Há portanto, um “passado em geral”, que não é o passado particular de tal ou [52] qual presente, mas que é como que um elemento ontológico, um passado eterno e desde sempre, condição para a “passagem” de todo os passados. Colocamos inicialmente, diz Bergson, no passado em geral: o que ele assim descreve é o *salto na ontologia*. Saltamos realmente no ser, no ser em si, no ser em si do passado. Trata-se de sair da psicologia; trata-se de uma Memória imemorial ou ontológica. É somente em seguida, uma vez dado o salto, que a lembrança vai ganhar pouco a pouco uma existência psicológica: “de virtual, ela passa ao estado atual [...]”. (DELEUZE, 2012, p. 48)

Para isso, segundo Ricoeur (2007) lembrar não é simplesmente acolher uma imagem do passado, mas designa um fato de que a memória necessita ser exercitada, com isso, a fotografia, ou a imagem que nos faz lembrar representa esse exercício que a percepção faz em direção a esses aspectos afetivos que nos traz nostalgia e desenvolve as reminiscências da vida.

Nesse contexto da memória não deve ser vista como um simples processo de armazenamento de dados, mas como esse “movimento” que o passado faz em direção ao presente atual. Para isso, a fotografia tem um papel importante, pois “as imagens fotográficas, entretanto, não se esgotam em si mesmas, pelo contrário, elas são apenas o ponto de partida, a pista para tentarmos desvendar o passado.(KOSSOY, 2009 p. 21)

Podemos também afirmar que não apenas desvendar, mas desvelar esse passado, visto que ele é uma construção coletiva e que segundo Halbwachs (2003, p. 29), apesar de resgatarmos a partir de uma lembrança individualizada, nossa recordação e maior quando nos aportamos também na memória de outros “como se uma mesma experiência fosse recomeçada não apenas pela mesma pessoa, mas por muitas”.

Halbwachs (2003) aponta também que sempre os primeiros testemunhos que temos para construção de nossas recordações são os nossos e ele divide o indivíduo em dois seres, um sensível, como aquela testemunha que depõe sobre o que viu e um que representa o *eu* que está no campo racional, ou seja, que provavelmente não viu e se baseia em outras informações de outros que vivenciaram o momento. Com isso, fala Halbwachs (2003, p. 29): “Se o que vemos hoje toma lugar no quadro de referências de nossas lembranças antigas, inversamente

essas lembranças se adaptam ao conjunto de nossas percepções do presente”. Sobre a percepção, Menéndez (2006, p. 30) aponta:

A função primária da memória é evocar todas as percepções análogas a uma percepção presente para nos sugerir a decisão mais útil. Assim, a memória se reintegra à percepção, estabelecendo o ponto de contato entre a consciência e as coisas. A memória constitui o principal aporte da consciência individual na percepção, a face subjetiva de nosso conhecimento das coisas.

De acordo com Dubois (1993) a memória encontra na fotografia um equivalente tecnológico, todavia não representa a totalidade da memória, visto que esta é fragmentada, mas um recorte desse evento que estimula nossas impressões do mundo e transmitido através dos sentidos, sendo este o mais sutil, a visão.

Dubois (1993) utiliza o conceito de Freud de *lembrança encobridora* para dizer que a fotografia representa esse tipo de relação da memória, como deslocada, substitutiva, simples e evidente, porém não totalizadora do ato, mas que auxilia tal como o sonho a construir uma memória que idealizamos do fato em si, com isso, conforme afirma Foster (2011), tendemos a formar imagens que misturam verdade e ficção de fatos e eventos em que vivenciamos, justamente por conta de sua característica fragmentada.

Ao estabelecer essa percepção freudiana da fotografia como aparelho de memória, Dubois (1993) utiliza das metáforas do aparelho para ilustrar os movimentos psíquicos para constituição dessas imagens que nos fazem lembrar, entretanto, a forma como estabelece isso, tem-se em vista a estrutura das máquinas fotográficas analógicas, principalmente quando fala da *lembrança encobridora* a partir da imagem negativo e positivo.

Com isso, a fotografia representa essa testemunha silenciosa que auxilia como ponto de partida para a constituição de memória, seja ela real ou fictícia. Ao desenvolver o DSC com os perfis do Instagram, procurou-se verificar essa relação da memória a partir desse envolvimento com a fotografia analógica e o que se percebe é que por mais que não se dê a atenção à fotografia, ela pertence a esse elo que ajuda a interligar o passado no presente, numa costura bem tramada que ao mesmo tempo pode trazer à mente algo que realmente tenha acontecido, ou um recorte de um determinado tempo, ou mesmo a idealização deste momento, visto que de acordo com Foster (2011), a memória é algo fragmentado, tal qual ruínas de

Roma, citando uma metáfora freudiana⁷⁵, e se monta a partir desses cacos, misturando realidade com ilusão.

Dessa forma, a realidade não significa que represente um fato concreto, mas um fato percebido, como se pode observar no discurso abaixo sobre o ato de rever fotos em álbuns e em quais eventos isso ocorria:

Pergunta: Você costuma re-ver as fotos que eram reveladas? Em que situações isso acontecia ou acontece?

Tema central: Há uma frequência quando se fala em rever fotografias reveladas e geralmente isso acontece em eventos sociais na presença de amigos e familiares com o fim de recordar e reviver o momento através da imagem.

DSC: O tempo todo. Depois que revelava, separava cada foto em seu devido álbum e também "compartilhava". Ou seja, levava para a escola, clube, igreja e mostrava as fotos para as pessoas que também estavam nelas. Era o "@fulano" da época. O compartilhamento também existia e revelava depois as fotos que gostaria de dar para a outra pessoa, assim como também recebia fotos reveladas de meus amigos. Era o "compartilhamento" físico da foto. Sempre precisei rever as fotos imediatamente após a primeira visualização, para analisar com mais calma as imagens. E, além de folhear os álbuns com a visita de parentes e amigos, revia alguns trechos ou álbuns inteiros quando queria relembrar algum evento ou situação específicos. Gosto de rever as fotos dos rituais. Ontem mesmo fui rever umas fotos de um show que fizemos pelo norte. Meu pai que é músico em Macapá está aqui em casa e conversando veio estes momentos. Corri e peguei o álbum, foi uma delícia. Revejo as fotos em datas comemorativas - Natal, aniversários - ou em Outubro, aderi há 3 ou 4 anos a brincadeira de usar fotos da infância no mês do Dia das Crianças⁷⁶. Mas adquiri o hábito de revelar fotos da família (moro há 1 ano longe) as quais coloco em porta retratos espalhados pela casa, então estou sempre revendo-as. Na realidade costumo selecionar álbuns e levar para amigos e familiares verem, sempre é uma boa ignição para um bate papo gostoso. Rever fotos acontecia muito mais vezes do que agora. Rever esse tipo de foto além de trazer memórias daquele lugar/momento, em sua maioria é uma fonte de inspiração e influencia para futuras fotos, uma vez ou outra... pra sentir saudade, lembrar de coisas felizes, tirar graça da cara alheia e mostrar pras pessoas o que eu tinha visto ao vivo.. Eu ia de férias e quando voltava reuníamos para vermos as fotografias e recordarmos histórias. Era normal alguém puxar um álbum de fotos e passarmos horas à volta dele. As fotos que fazia a cores tinham, sobretudo, a ver com eventos familiares ou com amigos e regressar a elas devia-se à vontade de recordar essas situações. No caso das fotografias que fazia a preto e branco quando era estudante, revia-as com mais frequência, para decidir se haviam de integrar o portfólio para avaliação ou se valeria a pena tentar imprimi-las novamente em papel com o objetivo de melhorar algum aspecto. Hoje, a velocidade é tanta que às vezes não chego a ver nenhuma vez as fotos que tiro. A gente compartilha na internet, no Instagram, Facebook, sites etc. Mesmo assim, de vez em quando eu reviro o Baú. Um dia desses fiz isso. Daí olha só: fotografei uma a uma e fiz um álbum no Facebook...

O que o discurso acima aponta, é uma relação emocional com a fotografia no sentido de ter nela um aporte que possibilite explorar a percepção e a lembrança, como no caso em que

⁷⁵ Cf. Dubois (1993, p. 318)

⁷⁶ É um movimento nas Redes Sociais, principalmente o Facebook que visa à troca da foto por uma quando criança e exibi-la no perfil do usuário no dia 12 de outubro. Atualmente foi feita a adesão de uma variação dessa campanha, por imagens de crianças desaparecidas.

ao morar longe, se crie o hábito de revelar as imagens e as espalhe pela casa, a fim de que se possa sempre lembrar daqueles que ficaram para trás. Com isso, esse ato de sentir a memória, está relacionado com o ato de sentir saudades, com sentimento de nostalgia sobre o tempo ou alguém.

Pode-se também afirmar, de acordo com Meyer (2002) que essa ação perceptiva do mundo, tem relação com nossas experiências e com isso, o fenômeno da imagem que se forma em nosso cérebro, é marcado pela forma como nos lançamos no mundo e o olhamos. Isso reflete inclusive a forma como os discursos na pesquisa são apontados, ou seja, de acordo com Aumont (1993) podemos colocar essa questão perceptiva do mundo no campo dos afetos e que conseqüentemente nos faz formar imagens. Essa questão do afeto é “o sentimento de um prazer ou desprazer (...) que não deixa o sujeito chegar à reflexão”. (AUMONT, 1993, p. 120)

Essa relação emocional a partir não apenas com a fotografia, mas com o ato de lembrar através dela, conforme apontado por eles, não somente como um ato isolado, ou individual, entretanto, representa um aspecto coletivo que auxilia nessa construção de memória, pois em nossa memória não significa um registro exato daquilo que de fato aconteceu, pode no desenrolar do tempo, haver rupturas na representação mental dos fatos que são preenchidas com imaginação, dessa forma como aponta o campo estudado, a presença de um grupo ou coletividade que auxilie nessa construção de memória, nesse contexto da fotografia e dos álbuns e vivida em função dos eventos, dos grupos que participavam do ritual em torno da imagem fotográfica, pois de acordo com Halbwachs (2003, p.32)

Não basta que eu tenha assistido ou participado de uma cena em que havia outros espectadores ou atores para que, mais tarde, quando estes a evocarem à minha frente, quando reconstituírem cada pedaço de sua imagem em meu espírito, esta composição artificial subitamente se anime e assuma figura de coisa viva, e a imagem se transforme em lembrança. [...] Essas imagens talvez não reproduzam muito exatamente o passado, o elemento ou a parcela de lembrança que antes havia em nosso espírito talvez seja uma expressão mais exata do fato – algumas lembranças reais se junta uma compacta massa de lembranças fictícias. [...] pode acontecer que os testemunhos de outros sejam os únicos exatos, que eles corrijam e reorganizem a nossa lembrança e ao mesmo tempo se incorporem a ela.

Entretanto, Bergson (2006) aponta a manifestação de dois tipos de memórias, uma desenvolve a imaginação por meio de imagens-lembranças, tem relação com todos os acontecimentos da vida cotidiana, não possui utilidade prática, se assemelha ao ato de visualizar uma fotografia, nesse tipo de memória nos refugiamos para buscar certa imagem, nesse ato encontramos um elemento fenomenológico muito intenso, pois tem relação com o aspecto nostálgico que a vida desenvolve por meio da fotografia. A segunda é um processo de

repetição, que se assemelha ao ato de memorizar uma lição de um livro, é recorrente e se compara ao hábito, com isso, Bergson (2006) continua dizendo que este tipo de memória pode substituir a primeira de forma freqüente até dar a ilusão da memória que imagina.

O que se percebe na construção da teoria sobre memória, em Bergson (2006) se aponta para um desenvolvimento focado para a percepção, de forma a pensá-la individualizada e até mesmo solitária, por outro lado em Halbwachs (2003), se coloca que a memória é um processo de construção coletivo, ou seja, como movimento social, visto que a realidade também é uma percepção coletiva a partir de fragmentos de indivíduos de uma coletividade, com isso, ao desenvolver a memória coletiva, nada mais é do que organizar as percepções individualizadas sobre determinado evento, num contexto único que reflita um padrão de realidade. Por outro lado, o que Halbwachs (2003) aponta como construção de memória coletiva, pode-se contra-argumentar afirmando que esse aspecto da construção da memória a partir desses fragmentos individualizados é parte desses mecanismos motores que acionam o que Bergson (2006) aponta como espontaneidade e aprendizado da memória.

Isso é claro quando o DSC aponta para uma relação com esta imagem fotográfica, enquanto elemento de recorte temporal habita no ritual, no ato em se contemplar a imagem, pois o grupo manifestou desenvolver esse tipo de relação por meio de atividades coletivas que estimulam a construção de memória por meio da imagem, por outro lado, ao pensar essa relação com Instagram, é muito por meio de compartilhamento, visto que há a presença do elemento memória enquanto nostalgia e lembrança de acordo com o que coloca Bergson (2006), como esse passado evocado em forma de imagem, por meio a abstração do sujeito em relação ao presente. Esta imagem, independente da origem, é vista como um portal que se abre para outra dimensão, bem presente no universo do sonho. Sobre essa questão nostálgica em relação à fotografia, verifica-se no DSC abaixo:

Pergunta: Como era sua reação ao visualizar uma fotografia revelada?

Tema central: Sentimento de surpresa, expectativa e nostalgia.

DSC: A primeira vez que revelei uma fotografia que eu pensei que era mágica. “Como uma câmera antiga consegue capturar a imagem?” Essa era a minha primeira reação. Sempre gostei de ver fotografias de família. Era uma reação mais emocional. Quando fotografava os eventos ficava na maior ansiedade para buscar as fotos reveladas. Deixar o rolo numa loja, esperar um, dois dias e abrir o envelope para ver as fotos... O sentimento era de surpresa, do inusitado, da alegria, da emoção do disparo, até porque não se podia apagar e voltar a repetir como na foto digital. Havia maior emoção pois era uma incógnita, como iria sair a foto antes de revelar. Era muito bom, só de escrever aqui me ocorrem cenas abrindo o envelope e me deparando com algo imprevisto, pois não sabia o que esperar. Apenas tinha uma

idéia, uma imagem mental do que foi clicado. Acabava-me de rir, ficava super feliz, mas sempre achava que eu nunca saia bem na foto, e continuo achando... Todo esse processo era como desembulhar uma prenda no Natal. Uma expectativa grande antes de as fotografias estarem impressas. Havia satisfação ou desilusão. A experiência de revelar a película e de imprimir em papel quando fotografava a preto e branco e controlava todo o processo era diferente. Uma parte da expectativa ficava cumprida quando via os negativos. Com o treino, um olhar atento sobre os negativos permitia perceber, mesmo antes de fazer as provas de contacto, quais eram as fotografias que mais me entusiasmavam. O mais interessante era a fase da impressão a preto e branco. Escolhia um negativo, colocava-o no ampliador, punha a folha de papel e começava a imprimir, tentando acertar no tempo certo de exposição e fazendo o trabalho de edição que era possível fazer, corrigindo zonas da imagem que estivessem sobre expostas ou sub-expostas. Ainda é de muito prazer. É uma das melhores partes de fotografar em filme, a sensação ainda mais em você mesmo revelar o seu negativo, ampliar a foto em papel e em seguida elas simplesmente "surgirem" a partir de uma bacia de revelador e perceber que ia sair bem dava um grande sentimento de realização. Sobretudo, porque era capaz de ficar horas enfiado no laboratório de impressão até estar satisfeito. É realmente um momento único e mágico e ao visualizar o resultado havia um estado de saudade e alegria de poder re-materializar um momento, mas ao mesmo tempo me lembra do dia em que a foto foi tirada e que ele passou e que não pode ser revivido. Era como abrir uma carta recebida pelo correio. Era um presente ganho, pois não sabia o que sairia do filme e inclusive já tinha até esquecido quais fotos foram tiradas. Esta excitação e o ineditismo do que viria não se comparam ao email que recebemos e muito menos a imagem na tela que descartamos.

Nesse sentido da imagem fotográfica, como foi dito acima nesta pesquisa, havia uma relação mais emocional com o evento, no sentido de que a máquina estava à disposição dele, justamente pela deficiência do aparelho, neste período analógico, possuir restrições quanto a quantidade de imagens. Dessa forma, toda imagem deveria ser pensada, o evento selecionado e conseqüentemente, isso tornava a relação com o evento mais significativa, pois não era qualquer evento em que se fotografava, porque havia um estímulo maior nesses rituais de contemplação e constituição de memória através da fotografia, sobre isso, quando indagados sobre que tipos de eventos se visualizavam nas fotografias o DSC aponta:

Pergunta: Que tipos de eventos você costumava visualizar neste tipo de fotografia?

Tema central: Eventos familiares, relacionados a momentos especiais como festas de aniversário, casamentos, formaturas, nascimentos entre outros.

DSC: Naqueles tempos eram os considerados grandes acontecimentos da vida, alguns anteriores ao meu nascimento. Como havia apenas um rolo com poucas fotos que não poderiam ser deletadas como hoje acontece, selecionava muito bem os eventos e as cenas. Tudo era muito bem estudado e planejado. Apenas os grandes eventos eram destinados mais de 1 rolo de filme, como por exemplo, formaturas, batizados, os primeiros passos do bebê, casamentos, festas de aniversário, encontro de família e filho (dificilmente posto foto de meu filho na rede), uma viagem ou algum momento especial e algumas banalidades como pés e gatos, festas nas escolas, primeira comunhão, quinze anos, apresentações em teatros (fiz teatro e cantava na adolescência até entrar na maturidade). Tenho todos esses momentos registrados. Depois veio os filhos (tenho três) e o mesmo ritual se estendeu, ou seja, fatos que as pessoas achavam merecerem ser "guardados" num álbum para preservarem

memórias das suas vidas, dos sítios onde tinham estado e das pessoas com quem tinham convivido. Lembro-me de folhear álbuns de amigos/as, de ver fotografias que nem sequer sabia que tinham sido tiradas, de recordar alguns momentos de que já não me lembrava. Ver esses álbuns tinha um lado lúdico, mas também uma faceta nostálgica. Lembro-me de pedir a amigos, amigas e namoradas que me mostrassem fotografias tiradas em tempos em que ainda não os/as conhecia. Havia quem, como eu, as tivesse num caos. E houve quem as tivesse arquivadas em álbuns, com tudo organizado, de acordo com critérios cronológicos. Ver essas fotografias ajudava a conhecer a pessoa que as tinha. Todo o processo de fotografar, em sentido lato, era mais demorado, complexo e caro. Levar a máquina fotográfica para algum lado era sinal de que o evento era especial. Ou tornava-se especial porque alguém tinha levado a máquina fotográfica. A curiosidade era imensa até as fotografias estarem prontas, isto é, relevadas e impressas, disponíveis para serem apreciadas. Adoro o ruído e os tons verdes que as fotografias reveladas têm. Como na época, trabalhávamos com película e não com os formatos digitais de hoje, fotografar era algo mais precioso. Errar um “clic” era um desperdício. Por isso, poucas pessoas fotografavam somente pelo gosto de olhar. Para a maioria das pessoas era um registro da memória, que ficaria materializada na fotografia.

Entretanto, ao ser indagado sobre os critérios para revelação de imagens, o DSC já nos apresenta dois discursos distintos, um que aponta critérios estéticos e qualidade da imagem e outro que não possui nenhum tipo de seleção, sendo que todas as imagens dos filmes acabam sendo reveladas e esse comportamento ainda é apontado no discurso como influenciador sobre a forma como se comportam no Instagram quanto à frequência na postagem de imagens, como se pode ver os dois discursos do DSC abaixo:

Discurso 1

Pergunta: Qual o critério era usado para selecionar determinada fotografia para revelar?

Tema central: Há critérios de qualidade na hora de revelar as fotografias

DSC: No meu caso que tinha um laboratório em casa, era pela qualidade, claro. Fazia antes o prova contato. Ou seja, revelava as miniaturas das fotos para selecionar as que seriam ampliadas. Lembro, porém, que a maioria das pessoas mandava revelar os filmes inteiros. Revelava o primeiro filme e depois fazia a seleção das imagens junto com mais alguém, geralmente são reveladas imagens que retratam com mais afincos o momento registrado como fotos com família e amigos, nunca pensei em revelar fotos que tiro no Instagram, por outro lado, coloco em minha conta apenas imagens que me inspiram, fotos com amigos e família, dessa forma, todas as fotografias eram reveladas. Também por isso havia um especial cuidado na altura de fotografar. Com o analógico não se disparava à toa. Porém dentro daquelas poucas fotos, geralmente 36 fotografias, somente descartava/descarto aquelas que realmente não deram certas ou que exista semelhante que esteja melhor. Antigamente o critério para seleção era a nitidez (se não estava tremida) e hoje é nitidez e relevância. E como atualmente moro longe da família e amigos de infância (que vivem espalhados pelo Brasil), então costumo revelar fotos dos meus familiares e de imagens que me inspiram, como de artistas plásticos. Com isso, era o critério do momento apreendido, daquele que a meu ver era mais representativo. Isso exigia uma acuidade maior no olhar.

Discurso 2

Pergunta: Qual o critério era usado para selecionar determinada fotografia

para revelar?

Tema central: Critério de revelação seguindo os princípios não da qualidade da imagem, mas na seleção do evento.

DSC: No meu caso, isso era irrelevante. Revelávamos todas as fotos do filme, pois todas as fotos eram planejadas. Encomendei sempre a revelação e a impressão de tudo quando fotografava a cores. Quando aprendi a imprimir a preto e branco, fazia provas de contacto das imagens em negativo. A partir destas imagens impressas no formato 35mm, igual ao do negativo, escolhia aquelas de que gostava e fazia a respectiva impressão. Creio que não havia critério algum nas fotos que eu visualizava, pois até mesmo as fotos "queimadas" eram impressas. O que valia era a importância do evento registrado. Bem verdade, que mesmo quando havia certa demora entre o fim do filme e o momento de revelar, acabávamos revelando os filmes inteiros. Minha mãe sempre foi fascinada pelo registro do cotidiano e dos eventos especiais, não gostava de deixar passar nada em branco. Nem a menor das festinhas de aniversário. Com a época digital comecei a selecionar as melhores (enquadramento, luz, definição, cena), os mesmos critérios que são utilizados hoje para descartar uma fotografia antes de salvar no computador. Praticamente não revelo fotos, só no caso de participar nalguma exposição de fotografia ou para colocar em casa (na parede ou na moldura) como decoração. Em minha opinião, as pessoas deixaram praticamente de revelar fotos para álbuns. Creio que é importante ressaltar que com máquina analógica pensava 2 ou 3 vezes antes de fazer uma foto, se a situação era adequada (luz, postura corporal das pessoas, etc). No caso da digital e devido à possibilidade de fazer um número quase infinito de fotos sem custo adicional e podendo apagar/selecionar as fotos fez com que eu faça as fotos que quiser sendo o critério de seleção depois da foto feita, já no computador.

Nesse contexto da imagem, principalmente as que surgem através de mecanismos tecnológicos como as máquinas fotográficas e mais recentemente os aparelhos SmartPhones, Bergson (2006) aponta a Memória Espontânea, como aquela que surge a partir da imaginação, ou seja, efetua o elemento primeiro da emotividade humana, no sentido de trazer à mente recordações que estão no campo do sonho, esta não aprendida, pelo contrário, atua diretamente como forma de abstração, semelhante ao sonho, ou seja, como característica incontrolável. Para o autor, há também a Memória Aprendida, que surge por meio da repetição, ele utiliza como exemplo o aprendizado de uma lição, que por meio da repetição, pode-se memorizar determinado fato ou informação, esta, aponta, é mais estudada pelo campo da psicologia.

Entretanto, Bergson (2006) não distancia estas duas formas de memória, visto que ele as constrói como movimento contínuo, onde a memória aprendida, por meio do processo de repetição estabelece um hábito para a memória espontânea. Isso é verificado através do campo, quando os atores apontam as formas de relação entre a fotografia e a memória, principalmente quando falam dos eventos e o hábito de lembrar por meio da imagem. Isso também é verificável quando se fala dessa relação no Instagram, pois ao serem motivados a

selecionarem imagens de seus perfis e justificaram suas imagens, é apontada uma relação emocional não com a imagem em si, mas seu contexto.

Dessa forma a imagem serve de mecanismo motor para efetuar esse movimento de espontaneidade e repetição que estabelece o aprendizado e permanência da memória, visto que, ao mesmo tempo em que a memória tende a desaparecer, na medida em que essa natureza incontrolável se afasta do fato, ela pode ser acionada e revivida através desses mecanismos como forma de orientação entre o aprendizado e a espontaneidade, sobre isso Bergson (2006) afirma:

[...] o passado parece efetivamente armazenar-se, conforme havíamos previsto, sob essas duas formas extremas, de um lado os mecanismos motores que o utilizam, de outro as imagens-lembranças pessoais que desenham todos os acontecimentos dele com seu contorno, sua cor e seu lugar no tempo. Dessas duas memórias, a primeira é verdadeiramente orientada no sentido da natureza; a segunda, entregue a si mesma, iria antes em sentido contrário. A primeira, conquistada pelo esforço, permanece sob a dependência de nossa vontade; a segunda, completamente espontânea, é tanto volúvel em reproduzir quanto fiel em conservar. (BERGSON, 2006, p. 97)

Esse movimento da memória, a partir do que afirma Bergson (2006), nos leva a refletir também sobre a questão das intencionalidades, tanto na fotografia quanto sobre o que se posta no aplicativo, o primeiro apontado pelo grupo pesquisado, se permeia em eventos ou rituais, como aniversários, casamentos, festas entre outros. Enquanto que a segunda questão no aplicativo, as respostas se tornam menos padronizadas, visto o Instagram estimula outro tipo de percepção, e conseqüentemente outra relação com a memória, ou seja, a forma de indicar fatos e acontecimentos, ou mesmo padrões que são significativos assumem outro papel para esses usuários, como se pode ver no DSC abaixo:

Pergunta: O que leva você a escolher determinada pose ou momento para postar no aplicativo?

Tema central: As imagens mais freqüentes são de cidades, paisagens, fatos, as percepções do olhar (movimento, gravidade, realidade e simetria) e vida pessoal (cotidiano)

DSC: Essa pergunta me causou uma crise existencial. Observei que basicamente posto 3 tipos de fotos: registros de cidades, gatos e da minha vida pessoal e cada um obedece um critério. Odeio poses! Odeio quando a pessoa se prepara para foto, escolhe o melhor ângulo então pulo essa parte. Gosto de registrar cidades, me encanto como as pessoas se expressam através da cidade, a roupa que escolhem para ir a determinado local, a arquitetura (por que diabos alguém projetou e alguém aceitou executar aquele prédio?), por que alguém se incomodou ao ponto de ir naquele ponto da cidade expressar a sua opinião em forma de grafite, cartaz, etc? E as minhas fotos de cidades são as minhas preferidas, as que posto compulsivamente. As vezes me meto em uns buracos, super perigosos, mas puxo o iPod e registro do mesmo jeito, me dá um desespero, porque normalmente em uma semana a paisagem muda. Gatos: sou solteira e dessas que não se imagina acompanhada, ou seja, louca por felinos. Posto cerca de um terço das minhas fotos de gatos. Vida Pessoal: sou de

uma cidade pequena onde todos se conhecem e me incomodo MUITO com terceiros se metendo na minha vida, redes sociais sempre me custaram caro. Então evito ao máximo postar fotos pessoais, costumo compartilhar momentos especiais com a família, que costumam ser espontâneas, algumas com amigos - essas estão se tornando mais freqüentes. E as abomináveis Selfies, que normalmente deleto depois, volta e meio as tiro porque quero externar algo, mas me arrependo depois. Fiz uma seleção de minhas melhores imagens e posto uma por dia e penso na questão do: "será que vão gostar?". Ao longo dos anos, evolui para um estilo, que as pessoas se habituaram a reconhecer. Não penso muito nele. Tudo acontece naturalmente. Mas gosto muito de espaço livre, de escalas desequilibradas e de distorcer a realidade e a gravidade. Adoro ter os meus amigos por perto. Quando a proposta é realmente compartilhar uma foto daquele exato momento, tento capturar algo que seja significativo para mim, que realmente tenha me chamado a atenção e procuro registrar de uma forma que a maioria das pessoas não faria, com atenção aos 4 lados do frame e trazendo toda minha bagagem de conhecimento técnico e cultural, assim como faria com qualquer outra câmera. Gosto do detalhe, do olhar recortado. É o meu olhar. Na verdade não gosto de pose. O que gosto também é a composição ou ângulo diferente, cores, tema interessante. É um conjunto de fatores que configuram a imagem. Ou seja, foto bem enquadrada, editada e com uma memória especial para mim. Raramente apareço nas fotos e quando isso acontece, o que chama a atenção ainda assim é a paisagem. Acho que partilhar uma fotografia por dia é o ritmo certo para me incentivar a fotografar e me permitir escolher imagens de que eu goste para mostrar a quem quer que as veja na rede. Não quero que o Instagram se transforme numa ditadura que me obrigue a partilhar muitas imagens por dia, mas também gosto de entrar na aplicação e ver fotografias novas dos utilizadores que sigo. Pode ser apenas uma. Se eu gostar, já terá valido a pena. Parto do princípio que os utilizadores que me seguem podem pensar da mesma forma e esta é uma das razões porque escolhi publicar, em média, uma por dia. Não posto fotografias em que eu sou protagonista, posto fotos que julgo ser algo feito como arte por mim, de acordo com aquilo que aprendo vendo outros fotógrafos. O momento do ato fotográfico, o que minha intuição me diz. Sou feliz pelos momentos em que a fotografia me presenteia. Isso vem com amadurecimento. Por exemplo: sou de Macapá, morei lá na juventude e nunca me ocorreu fotografar no Marco Zero (meio do mundo, dois hemisférios Norte e Sul). Viajei recentemente para lá e o impulso em fazer uma foto lá foi super. A escolha na verdade é o que faz o nosso olho prestar mais atenção nas cenas, nos lugares, nas pessoas e na luz. Gosto de fotografar pessoas no seu dia a dia em poses naturais e descontraídas de preferência em situações que tenham algo de caricato, como a expressão facial, corporal ou local onde estão. E com bons contrastes de luz. A foto deve provocar uma emoção, ou seja se a foto não me transmite emoção não a coloco no Instagram. Ando assim, cada vez mais. O impulso de querer eternizar algo bacana que os meus olhos vêem. Ou seja, o espírito do dia. Tem dias que estou cansada e não tenho interesse em postar nada. Agora se acordo com um bom *mood*, tudo para mim é lindo e qualquer coisa estranha vira algo compartilhável. Entendo como estranho algo que seja novo aos meus olhos, talvez um ângulo que nunca tinha visto da mesma cena ou algo que fez com que eu parasse o pensamento para prestar atenção. Não é sempre que estamos receptivos para o que acontece ao nosso redor, mas se eu estiver e der o trabalho de ligar a câmera, é porque aquilo mexeu de alguma forma comigo. Ou alguma atividade que esteja fazendo ou algo que eu tenha visto. Ultimamente tenho tirado muita foto da natureza, pois tenho me surpreendido com o que vejo. E se tivesse um aplicativo de cheiros ou um sinestésico, eu também usaria, pois é algo que também compartilharia ou tentaria guardar em um álbum fotográfico, pois me chama atenção para a beleza da vida, e não apenas o áudio e a visão. Mas o que faz eu escolher o momento é o presente. Se gostei, tirei e postei. Simples assim. Pode estar chovendo canivetes ou fazendo um sol maravilhoso. Se for relevante para mim, será postado imediatamente ou tão logo tiver acesso a internet. Posso colocar o que eu quiser. Como fotógrafo, você está constantemente a encontrar seu próprio estilo, uma vez que você percebe, você dominá-lo. Eu sou um fotógrafo de retratos, então eu gosto de postar retratos que é contra a norma no

Instagram, mas eu ainda postá-lo porque isso é o que eu faço. Às 22:00 (na Espanha), geralmente é o melhor momento (tarde é América e Ásia é na parte da manhã).

O DSC acima aponta esse aspecto emocional que envolve o Instagram, visto que esse grupo acaba desenvolvendo um tipo de linguagem que se volta para um olhar sempre em primeira pessoa, tanto que, de forma geral, eles não costumam aparecer nas imagens, mas estabelecem uma relação com o olhar. Com isso, pode-se dizer que para eles, o Instagram funciona como um filtro do aparelho visual, tornando melhor aquilo que está se observando, assim, não apenas o que se vê, mas o que se relaciona com os textos em cada descrição nas legendas, na criação dos marcadores por meios dos #hashtags e também no uso dos filtros específicos.

Nesse sentido a realidade altera em torno da imagem, não enquanto elemento constitutivo da memória, pois essa, como se vê na teoria bergsoniana, fica intacta, sendo a imagem um mecanismo motor que a aciona em seu subconsciente em forma de hábito proporcionando esse movimento entre memória espontânea e memória aprendida. Mas o que acontece é que a realidade se altera em torno da própria visualidade da imagem em relação ao fato. O que nos leva a observar através da construção do DSC sobre o uso desses recursos de legenda e marcação que manifestam dois tipos de discurso:

Discurso 1

Pergunta: O que você pensa quando cria determinada legenda ou uso de #Hashtag?

Tema central: As legendas em linha geral, são postas como forma de desenvolver uma reflexão sobre o momento, não necessariamente uma tradução da imagem, relacionando a um evento específico, mas dessa forma, uma forma de expressividade do indivíduo. As Hashtags são utilizadas como marcadores de local ou sentimento.

DSC: As fotos às vezes podem ter várias interpretações, quando eu sinto que não é claro o que quero transmitir com a foto ponho um comentário para levar as pessoas a entender o que quero transmitir com a fotografia. Uso legendas para geralmente para passar algum tipo de informação extra sobre a foto, às vezes um sentimento sobre o lugar também. Por questão de privacidade a legenda normalmente é aleatória, não conheço meus 'seguidores', então dificilmente é algo que reflita o que estou vivendo. Normalmente procuro colocar uma legenda que provoque o mínimo de raciocínio para o receptor. Adoro as #Hashtags, gosto de clicar nelas e ver imagens de outros usuários relacionadas ao mesmo tema, é uma boa forma de outras pessoas que a usam ver suas fotos, para que seja uma forma de direcionar sua foto a um tema específico e não uma segunda forma de se comunicar no aplicativo, mas "tags" demais em uma foto é ridículo. Quero alcançar o máximo de pessoas possíveis. É uma parte difícil. Muitas vezes as coisas que escrevo não fazem sentido (mesmo para mim). Uso as #Hashtags nos registros de cidades e objetos com a intenção de serem mais facilmente localizáveis. E crio #Hashtags inúteis nas fotos pessoais, porque sei que meus amigos vão ler e rir. Utilizo regularmente o #omeulivrodoano em que, durante um ano, faço a minha interpretação do livro "O Livro do Ano", do Afonso Cruz. Penso que estou reunindo fotos com identidades em comum. Mas ainda não

uso muito isso, não. Talvez precise aprender melhor a usar, antes de sair fazendo qualquer coisa. Umas são usadas com o objetivo de divulgar a minha galeria. Outras são mais específicas, destinadas a fazer com que as minhas fotografias fiquem disponíveis junto de utilizadores que estão interessados em temas específicos. Fotografo muito em Lisboa e sempre que partilho uma imagem captada na cidade uso hashtags que identifiquem o local onde foi tirada, por exemplo. As hashtags foram intensamente utilizadas durante o Projeto 365, para identificar as fotos que faziam parte dele. Fora dele, costumo usar tags que identifiquem o objeto da fotografia, evitando o abuso na quantidade.

Discurso 2

Pergunta: O que você pensa quando cria determinada legenda ou uso de #Hashtag?

Tema central: O uso de legendas é semelhante ao primeiro discurso, captar o espectador pelos sentidos na relação imagem x texto, entretanto, se diferencia quanto ao uso de #hashtags, considerado como elemento poluente da postagem.

DSC: A legenda para mim é super importante. Como falei tocar pelos sentidos. Quanto aos hashtag, usei uma vez só se não estou enganada, mas logo percebi que não é meu objetivo, raramente uso hashtags... acho que poluí. E outra... é um saco!. Não tenho pretensão dessas conexões. Minha intenção é socializar imagens que toquem de alguma forma. Também não fico esperando zilcurtidas, lógico que amo quando gostam das imagens, sinal de que vibram com os lugares e ideias. Não tenho muita familiaridade com o uso de #hashtag e não pesquiso muitas fotos através dela, mesmo sabendo que posso fazer. Eu coloco algumas #hashtag para dizer que pus e identificar o lugar ou o momento vivido no presente #paradise #sunset #love, mas não que eu saiba muito sobre isso. Para mim tudo poderia ter a mesma hashtag que seria #sarasesurpreendeuocomoqueviuequermostRARpravoce, mas não daria, pois é muito grande.

O que se percebe nesse sentido, é o que aponta Flusser (2010) sobre a força que o texto exerce sobre a imagem e vice-versa, dessa forma, ao buscar sentido nessa construção dupla, o observador e emissor desenvolve um laço afetivo, favorecendo essa memória que Bergson (2006) aponta como aprendida, pois num certo sentido, ela procura traduzir o que estamos vendo. Por isso, o grupo analisado vê com tanta negatividade o grupo que posta auto-imagens, ou seja, os Selfies, visto que estes auto-retratos são acompanhados por legendas que não fortalecem a relação com a imagem, dessa forma, não encontram sentido nessa constituição de imagem e memória.

Os filtros também são utilizados como elemento de alteração da realidade da imagem, visto que se pode influenciar a percepção dos espectadores, pois o foco acaba sendo deslocado da imagem para o efeito utilizado, de acordo com o levantamento de campo, os filtros disponíveis no Instagram não são os únicos recursos utilizados por eles, visto que muitos, por serem fotógrafos, efetuam suas imagens em suas câmeras, as editam e depois copiam para o celular para efetuar a postagem como se vê no DSC abaixo:

Pergunta: Qual sua intenção ao utilizar determinado filtro em suas imagens?

Tema central: O filtro traz à imagem um significado especial, seja para realçar detalhes, deixar as imagens mais belas, ou para encobrir falhas quanto a qualidade da própria câmera. Outros programas são utilizados para edição das imagens.

DSC: Geralmente uso de modo que faça algum tipo de correção ou realce na imagem, quando não fico satisfeita com a imagem crua. Outras vezes é apenas para agregar algum significado específico à imagem, como uma aura amarelada para imagens de fim da tarde, por exemplo. Que realce mais ainda a beleza de cores que a imagem já tem, corrigir exposição da luz e eliminar sombras. Torná-las mais belas, com uma atmosfera própria. Deixá-las mais agradáveis, minha câmera é péssima, então preciso de filtros que disfarçam isso. Mas sempre que posso evito-os. É um tratamento visual, é isso! Colocar um salzinho na imagem, imagem sem sal não dá né? Experimentei de tudo um pouco até chegar a uma receita pessoal, que não é um filtro pré-definido. Ajuda-me a manter uma coerência nas imagens e ajuda-me a não ter que pensar em que filtro usar. Buscar aquilo que realmente queria transmitir, assim como um tratamento digital de imagem no *Photoshop* ou *Lightroom* e até mesmo a revelação e ampliação dos negativos analógicos. Não existe uma intenção, propriamente. Mas uso filtros para realçar cores ou modificá-las, sugerindo uma nova forma de visualizar uma imagem; aumentar o contraste para destacar formas; simular efeitos de foto antiga, apenas como uma brincadeira com as imagens. Experimentei muitos filtros do Instagram e outras aplicações que têm filtros, para além do Instagram, durante os primeiros tempos como utilizador. Já não o faço há algum tempo. Prefiro utilizar ferramentas de edição mais flexíveis como o “*Snapseed*” ou o “*Vintage*”. O objetivo, na edição, é o de corrigir e melhorar aspectos da imagem, como o contraste, a temperatura de cor ou a saturação, por exemplo. Nada que não se fizesse na era analógica, mas que agora é bastante mais simples. Por exemplo, gosto de fotografar em dias nublados porque a luz é suave, mas por vezes é preciso fazer correções por causa da escassez de contraste ou da tendência para as cores ficarem um pouco desmaiadas e azuladas. É engraçado, pois normalmente acabo selecionando os mesmos filtros para todas as fotos. Até tento usar outro, mas não consigo. Gosto de fotos quentes e contrastantes e são estes os filtros que acabo utilizando que prevalecem este *mood* de intensidade, que é o que se adequa comigo.

Para estabelecer esse mecanismo motor que proporciona esse movimento entre as memórias espontânea e aprendida de acordo com o conceito de Bergson (2006), é necessário estabelecer um nível de frequência e rotina quanto às imagens geradas. Nesse sentido, o aplicativo, por estabelecer uma relação de efemeridade e ao mesmo tempo haver um volume muito grande de imagens, torna-se muito difícil criar marcos de memória através do aplicativo, entretanto, não é impossível como se verá adiante quando os atores envolvidos na pesquisa indicam as suas imagens.

Sobre esse aspecto de se criar marcos de memória através da imagem, principalmente utilizando o Instagram, verifica-se no campo quando indagados sobre visitarem e imprimirem as imagens já postadas no Instagram e de acordo com a construção do DSC, é apresentado três tipos de discursos como se vê abaixo:

Discurso 1

Pergunta: Você tem o hábito de revisitar e imprimir antigas imagens no Instagram?

Tema central: Não visita e não imprime nenhuma imagem.

DSC: Não, só em pensamento, nunca executo isso.

Discurso 2

Pergunta: Você tem o hábito de revisitar e imprimir antigas imagens no Instagram?

Tema central: Costumam com frequência revisitar imagens no Instagram e quando encontram alguma que lhes marcam as imprimem.

DSC: Viajo muito no Instagram. Quando encontro uma conta que me interessa, costumo recuar muito no tempo. Imprimir algumas imagens em grande formato pontualmente para uma exposição ou para um projeto específico. Revisito sim, com frequência, no próprio aplicativo. Cada foto tem uma história e me lembra um momento feliz que passei. Já fiz um livro das minhas fotos todas do Instagram nesses sites que oferecem esse tipo de produto e imãs de geladeira também. Acho um máximo. Pois o Instagram para mim é o meu álbum impresso de antigamente. Se eu compartilhei é porque vivi algo bacana que vale a pena ser lembrado no mínimo por mim. Então eu visito sim as minhas fotos e é algo rotineiro. Gosto de trazer as sensações vividas no passado para o meu presente atual e confesso que me dá energia e esperança, pois recordo do que já experimentei e ainda quero experimentar.

Discurso 3

Pergunta: Você tem o hábito de revisitar e imprimir antigas imagens no Instagram?

Tema central: Revisitam com frequência, porém, não costumam imprimi-las.

DSC: Revisitar, sim, sempre. Imprimir, ainda não, mas já pensei em fazer. Já o fiz, mas com muito pouca frequência. A esmagadora maioria das imagens que partilhei no Instagram foram feitas depois de ter começado a ser utilizador. Mas tenho muitas fotografias em arquivo de que gosto e que talvez um dia decida partilhar. A questão é que vou fotografando e na hora de decidir o que partilhar no Instagram nem sequer penso nas imagens mais antigas que estão guardadas no computador ou nalgum disco rígido.

Sobre os discursos acima, o grupo pesquisado no campo possui mais de 100 imagens e alguns entre 700 e 2000 imagens como se pode ver na tabela 1. Ainda que nesse universo tão grande de imagens se torne difícil afirmar que se pode construir uma memória a partir de cada uma, visto que nossa memória se manifesta de forma fragmentada e baseado no que Bergson (2006) aponta, a memória se utiliza de mecanismos motores para se manifestar.

Nesse aspecto, revisitar imagens no aplicativo leva a uma questão significativa quanto ao pensar a relação imagem e memória através do aplicativo, que é justamente a forma como se costuma estabelecer isso, porém, isso se apresenta semelhante a quando é relatado no álbum de fotografias, entretanto, esse exercício se tornou mais solitário, apesar de ainda existir momentos em que há a presença de uma coletividade.

Mas quando pensamos a relação no próprio aplicativo, verificamos uma questão de fragilidade quando se pensa o Instagram como Rede Social, visto que os comentários são geralmente curtos e mais focados na visualidade quanto ao aspecto de belo e feio do que no sentido emocional da própria imagem. Por conta disso, foi verificado sobre as formas de reviver a memória através do Instagram e através disso se pode obter dois tipos de discursos sobre o assunto como se observa abaixo:

Discurso 1

Pergunta: Como você costuma recordar através das imagens no Instagram?

Tema central: Costumam utilizar o aplicativo para recordar através das imagens e afirmam ser um modo moderno de ter um álbum e compartilhar suas memórias.

DSC:Cada imagem tem uma história, pois fazem parte de algum momento importante ou algum lugar em que estive, nas férias ou em alguma viagem missionária ou simplesmente de bobeira e aquele momento, aquele cenário, aquelas pessoas me chamaram a atenção. Sempre as olhando e lembrando o que me inspirou a tirar a foto. De mil e uma maneiras. À semelhança do que acontecia com o papel, é normal tirar o iPhone do bolso e mostrar aos amigos esta ou aquela fotografia no Instagram. É lá onde estão as minhas memórias dos últimos anos, este é o meu álbum de recordações. Assim como os antigos álbuns de fotos o Instagram traz pra mim esse sentimento de trazer aqueles momentos mais importantes durante os anos, de forma simples e direta. Faço isso muito eventualmente... As imagens postadas remetem a um momento vivido. As seqüências de imagens que ficam registradas são como um histórico da vida, dos lugares por onde passo. Acessar essas imagens é como voltar no tempo, quando vejo as fotos, me dá saudade. De vez em quando, percorro a minha galeria até chegar às fotografias que partilhei há mais tempo. Relembro-me sítios em que estive, com quem e em que circunstâncias, se foram tiradas num período feliz da minha vida. E este exercício também me permite avaliar como evolui desde que comecei a ser utilizador, constatar os aspectos em que melhorei e aqueles que preciso trabalhar para produzir imagens que me deixem mais satisfeito. Nossa! Tu acreditas que é mais no momento que dá adrenalina. Como te falei: o momento presente já anuncia o momento seguinte, recordo os bons momentos que vivi - surpreendentes, engraçados, bonitos, felizes ou alguma dificuldade também, pessoas, lugares, sentimentos, estações.

Discurso 2

Pergunta: Como você costuma recordar através das imagens no Instagram?

Tema central: Não costumam visitar as imagens e recordar através delas, pois possuem caráter mais artísticos.

DSC:É raro rever as imagens do Instagram, a não ser que alguém a veja, daí sou avisada... Eu seriamente não. Eu só navego através de perfis. As minhas fotos são essencialmente artísticas e não como recordação, não as uso para recordar.

Esses dois universos apresentam a variedade de tipos que surgem no aplicativo, um com características autobiográficas, ou seja, de acordo com Sibilia(2004), manifestam aspectos da individualidade nessas Redes que servem como manifestação do eu como uma forma de perpetuação da própria existência, neste caso, reviver através a memória e com isso ver nessas imagens uma forma de tentar reencontrar o tempo que já passou.

O outro grupo utiliza o aplicativo como experimentações do olhar, ou seja, apresentam uma perspectiva mais artística com performances e trabalhos, como o caso de @kitato, quando solicitado a encaminhar suas imagens que mais lhe marcam informando o porquê, ele expressou que admira a relação com a simetria, o deslocamento, movimento e etc, não apontou algum tipo de relação com a memória nesse sentido que o trabalho vem desenvolvendo, entretanto, os outros elementos do campo já estabelecem essa relação através de imagens que para eles são significativas pela questão não da imagem, mas do evento em si. Sobre esse ponto de significação das imagens, o campo aponta os tipos de imagens que lhes marcam no aplicativo e a maioria gira em torno de pessoas, paisagens e cidades como aponta o DSC abaixo:

Pergunta: Que tipos de imagens mais lhe marcam no seu perfil?

Tema central: As imagens mais significativas são as que contem pessoas, paisagens, cidades e suas particularidades urbanas, viagens e experimentações do olhar.

DSC: Que tenham pessoas, fotos que tiro do meu quintal, meu paraíso, meu tudo, de trabalhos que foram importantes para mim, viagens e amigos, imagens de paisagens, do cotidiano. Gosto mais quando existem pessoas na imagem, o que a torna ainda mais única. Também de grafites, amo-os. São efêmeros, são gritos de expressão, acho que é a forma como a cidade se comunica. Gosto de texturas e cores, "streetphotography", paisagem, preto e branco... Composições geométricas e retratos, lugares por onde eu passo, nossa adoro compartilhar paisagens e hábitos culturais. Há também imagens de coisas solitárias, comida, meu cachorro. As de movimento e não as paradas. As de interação com a natureza e as que eu quero relembrar para sempre. As que tem história para contar. Quanto a foto de perfil (rosto), tenho pouquíssimas e confesso que nem sei tirar e odeio praticamente todas que tiram de mim. Todas as minhas fotos têm a mesma composição. Eles são geralmente simétrica e têm ponto de fuga. Se qualquer coisa, a diferença é quando as pessoas aparecem nelas, com contrastes de luz muito bons.

Dessa forma, as preferências de imagens também permeiam a forma como se constrói a visualidade das imagens de cada perfil no aplicativo e conseqüentemente auxilia na construção de memória, como ponto de ancoragem para efetuar recordações e momentos e eventos em particular, ou mesmo, para posicionar questões estéticas referentes ao desenvolvimento de experimentações fotográficas, como afirmam alguns na pesquisa de campo.

O próximo sub-tópico visa apresentar essas imagens selecionadas pelos atores do campo que lhes tragam algum tipo de significação e porque delas serem tão importantes para eles no aplicativo, com isso, podemos verificar a forma como cada imagem remete uma impressão sobre a memória que é construída pela narrativa que eles desenvolvem e que não necessariamente tem envolvimento com a legenda estabelecida no perfil.

4.1 Recordando através de imagens

Este sub-tópico em especial, não visa analisar cada imagem ou narrativa estabelecida por cada perfil, visto que essa questão conceitual sobre a relação entre imagem e memória vem sendo tratada durante todo o trabalho, portanto, neste ponto as imagens e as narrativas falam por si no que corresponde ao estabelecer essa relação, principalmente no exercício que cada ator pesquisado exerceu em selecionar cada imagem, dessa forma, mesmo que não tenham o hábito de efetuar esse movimento da memória, precisaram desenvolvê-lo para efetuar a seleção das imagens mais significativas para eles e justificá-las por que.

A maioria dos atores pesquisados encaminhou pelo menos três imagens, entretanto, alguns não conseguiram encaminhar suas imagens devido à dificuldade de manipular o próprio aplicativo, ou mesmo desconhecer a existência do site do Instagram para consultarem suas imagens, com isso, o movimento é muito em função do aplicativo instalado no dispositivo móvel, em um caso específico foi remetido imagens do Facebook, que não faz parte do recorte da pesquisa e, portanto, não foram consideradas as imagens que este perfil encaminhou.

Portanto, ao mesmo tempo em que há uma relação com a memória, há também um parâmetro poético na forma como estas imagens são escolhidas e descritas por seus atores, tanto por questões estéticas, quanto de sentido. Nesse sentido, aqui marca o ponto crucial na forma como podemos compreender essa manifestação da memória por meio do aplicativo e aplicando o conceito de Bergson (2006) quando fala desse mecanismo motor que auxilia nesse movimento que o passado faz em direção ao presente, através da manifestação desses dois tipos de memória a espontânea e a aprendida.

Figura 7 Imagem do perfil de @adoniranmelo



Descrição de @adoniranmelo – Nunca estive em um lugar envolto em tanta dor e desespero, minha visão de mundo deu um up depois desta visita ao Haiti
Fonte: <http://instagram.com/p/jhl8dEGtF7/>

Figura 8 Imagem do perfil de @adoniranmelo



Descrição de @adoniranmelo– Minha cidade, minhas melhores e piores lembranças vem deste lugar, não tem

como não me levar pra lá toda vez que vejo esta imagem.

Fonte: <http://instagram.com/p/i8ltYbGtD8/>

Descrição de @kitato para as imagens que selecionou - Gosto muito de espaço livre, de escalas desequilibradas e de distorcer a realidade e a gravidade. Adoro ter os meus amigos por perto

No caso deste perfil em especial, não houve um estabelecimento entre imagem e memória, visto que @kitato desenvolve um trabalho mais experimental de suas postagens, explorando aspectos como simetria, cores e movimento. Ele foi selecionado através do blog oficial do Instagram, entretanto como se vê nas questões respondidas por ele. Há a presença de dados relacionados ao que esta pesquisa se propõe.

Figura 9 Imagem do perfil de @kitato



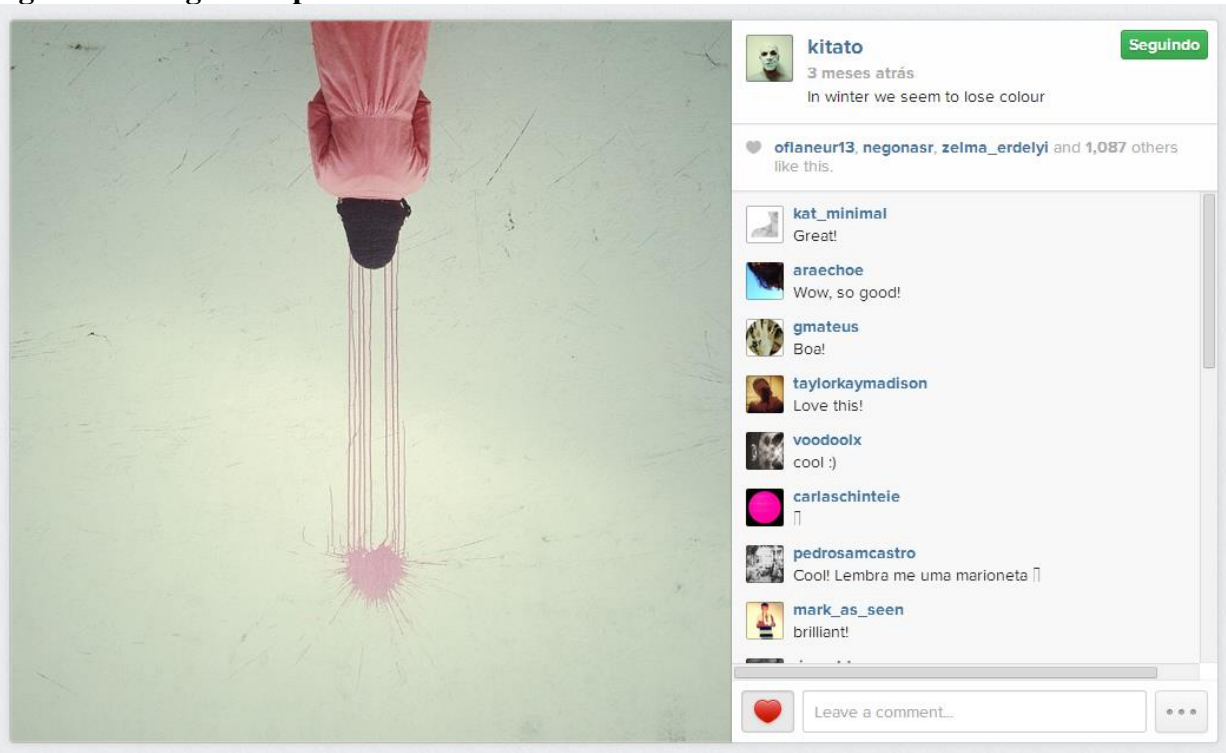
Fonte: <http://instagram.com/p/h-FOEtm2x/>

Figura 10 Imagem do perfil de @kitato



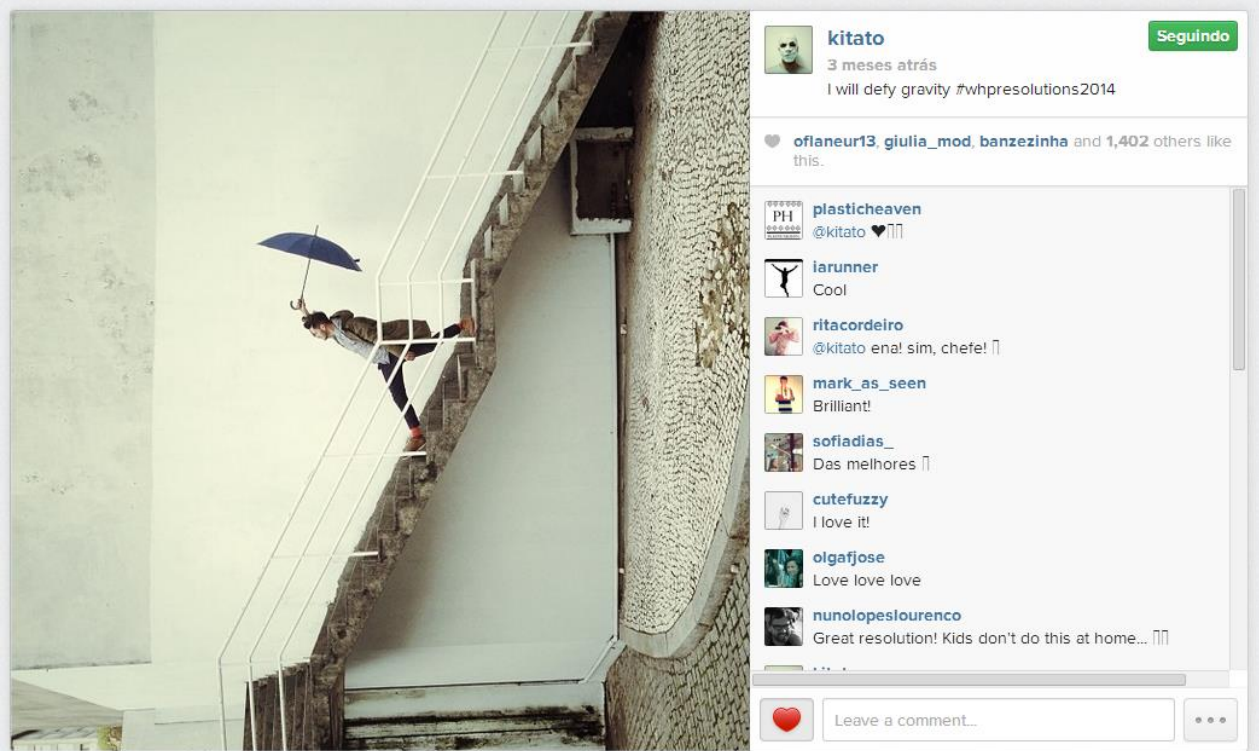
Fonte: <http://instagram.com/p/iB7hPuGdzr/>

Figura 11 Imagem do perfil de @kitato



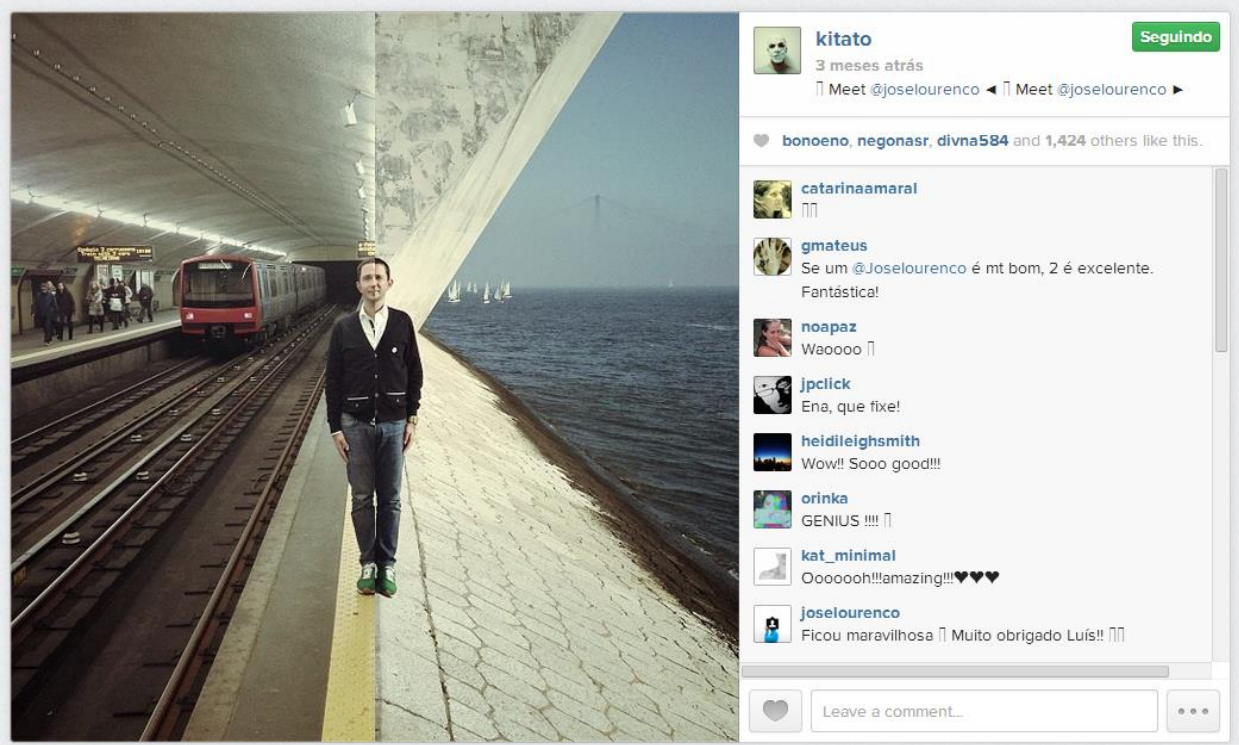
Fonte: <http://instagram.com/p/itVPmJGdzC/>

Figura 12 Imagem do perfil de @kitato



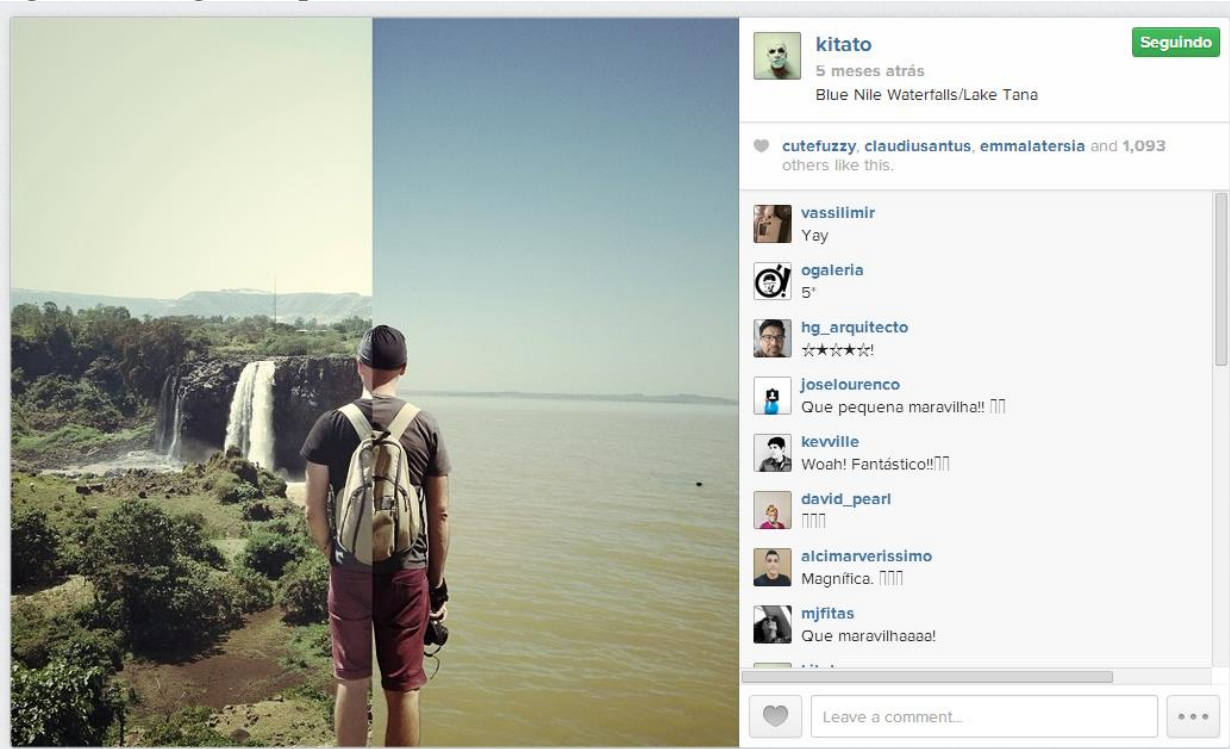
Fonte: <http://instagram.com/p/iydM2rmd0q/>

Figura 13 Imagem do perfil de @kitato



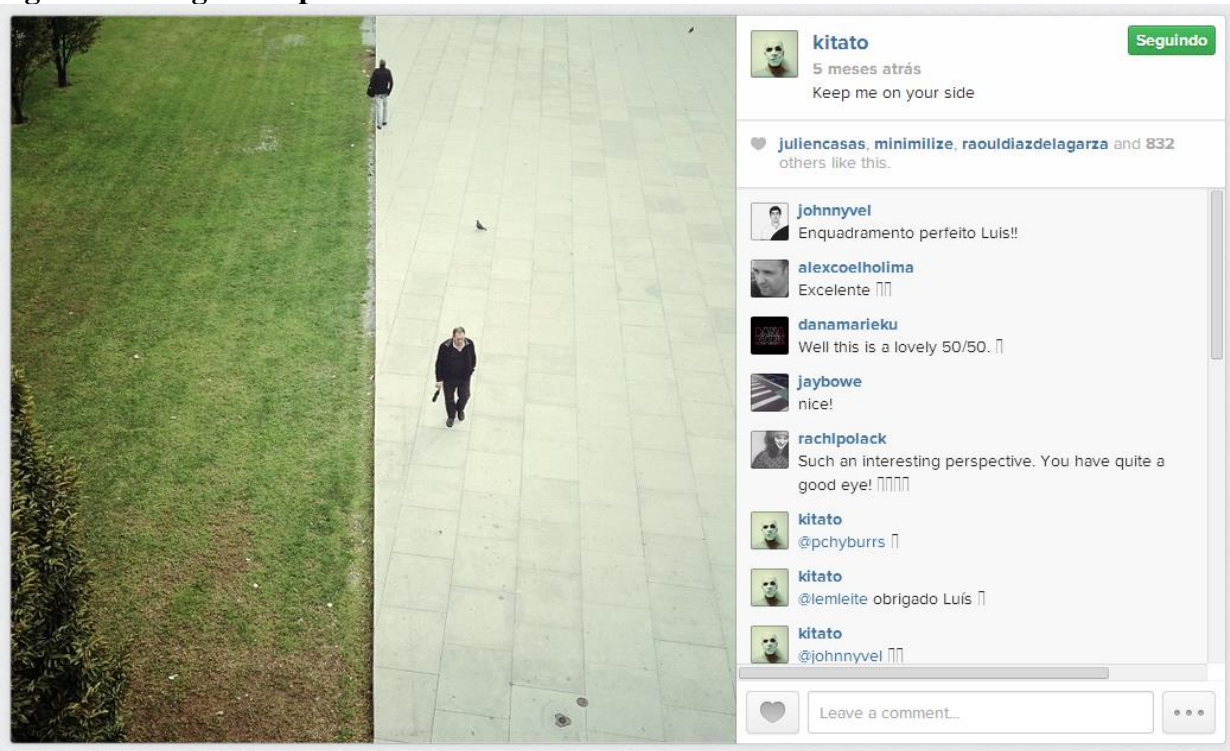
Fonte: <http://instagram.com/p/jMlq08md0u/>

Figura 14 Imagem do perfil de @kitato



Fonte: <http://instagram.com/p/grqOqyGd8E/>

Figura 15 Imagem do perfil de @kitato



Fonte: <http://instagram.com/p/gXlcXMGdyh/>

Figura 16 Imagem do perfil de @kitato



Fonte: <http://instagram.com/p/gA88woGdyu/>

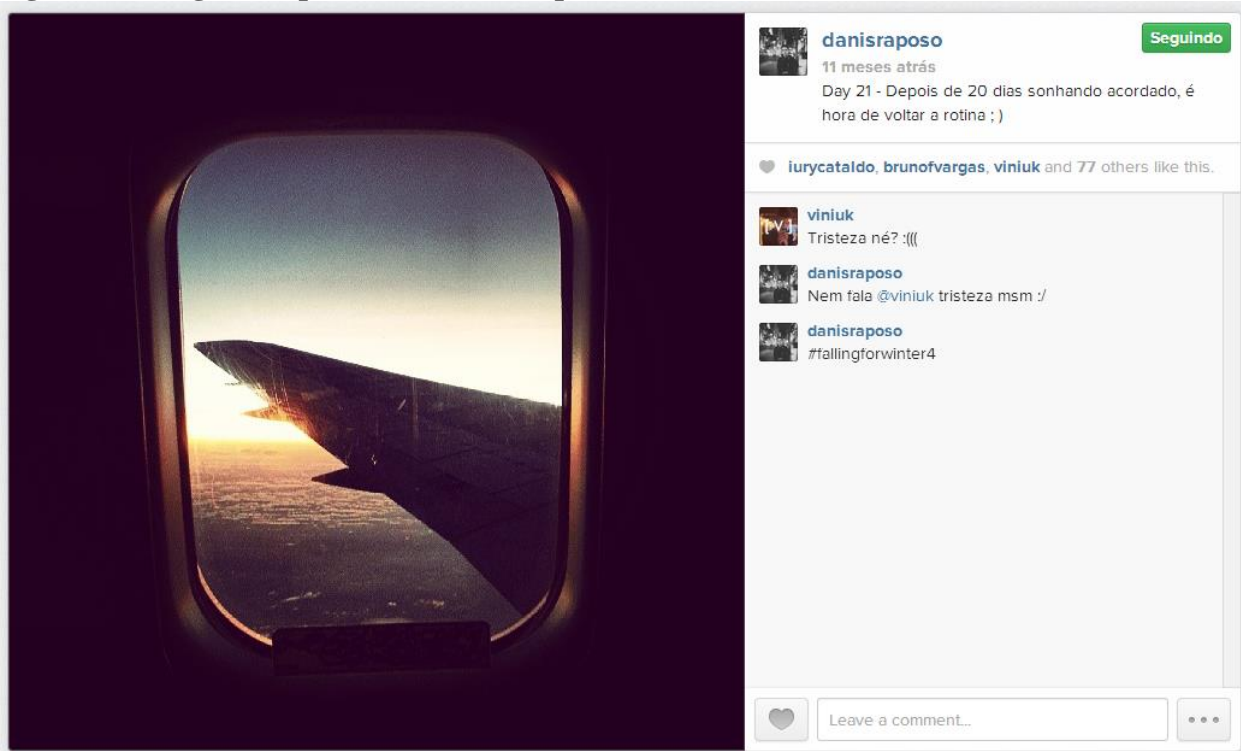
Figura 17 Imagem do perfil de @danisraposo



Descrição de @danisraposo – Essa com certeza foi um marco pra mim, além de ser atualmente uma das fotos que mais gosto de meu portfólio, obtive um feedback que realmente não esperava na foto e a partir dela.

Fonte: <http://instagram.com/p/hHqlc4QgD0/>

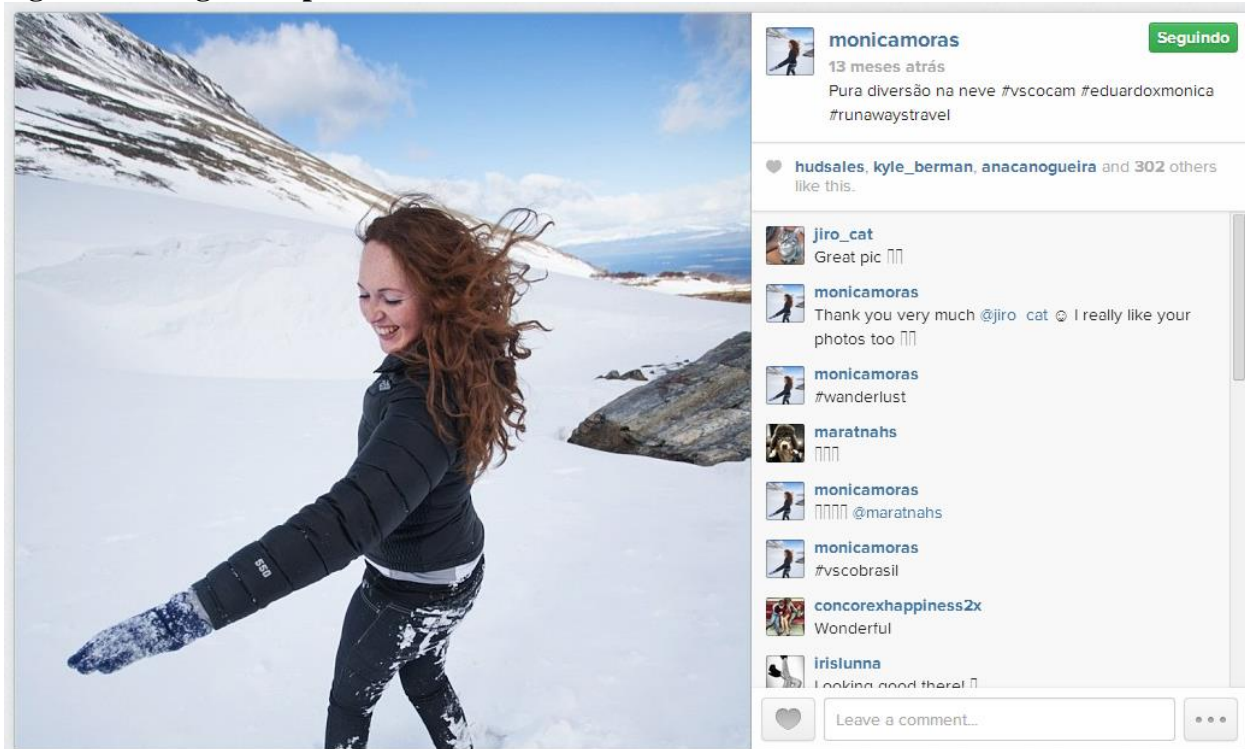
Figura 18 Imagem do perfil de @danisraposo



Descrição de @danisraposo – E esta imagem que, pra mim apesar de ser um clichê no mundo do aplicativo, representa pra mim a experiência de fotografar um momento por dia durante uma viagem inteira, o que foi bem prazeroso e trouxe o feeling de se preocupar mais no fotografar. É algo que farei com frequência durante viagens, ótima experiência.

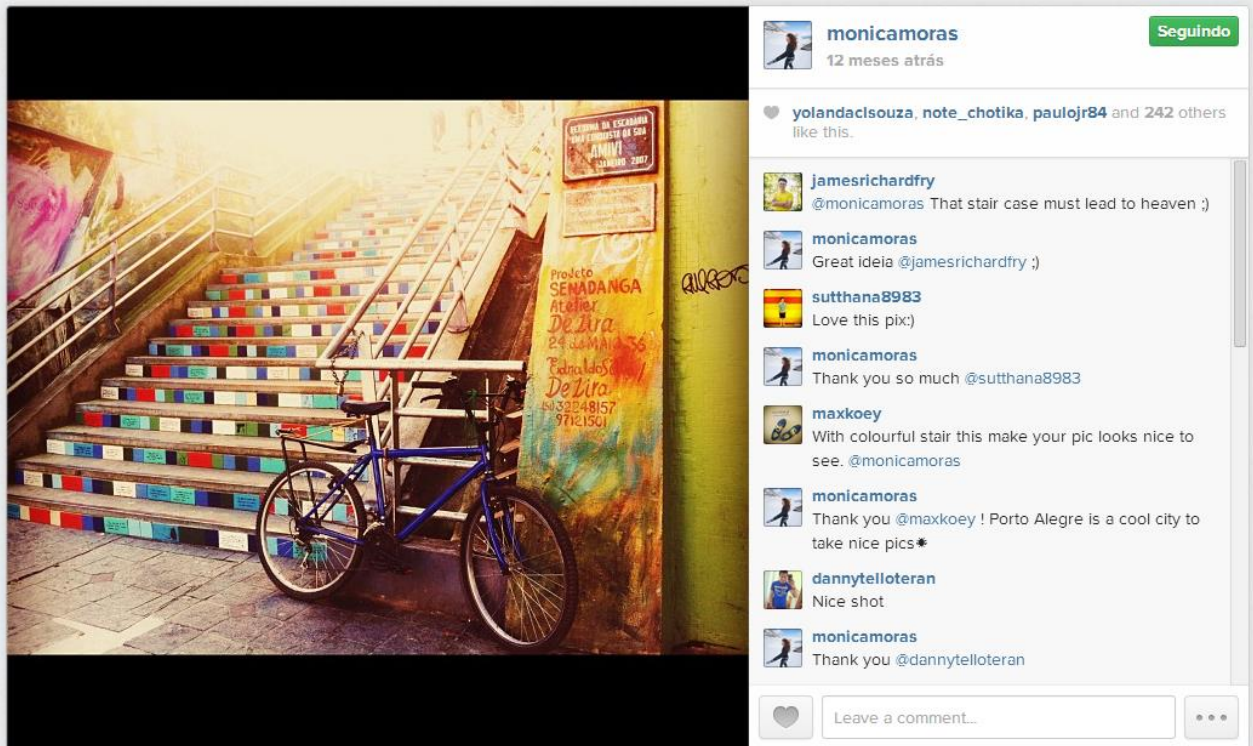
Fonte: <http://instagram.com/p/Zny4E0QgHW/>

Figura 19 Imagem do perfil de @monicamoras



Descrição de @monicamoras – Essa sou eu quando estou viajando: livre, leve e transbordando felicidade.
Fonte: <http://instagram.com/p/XnsHjPACxE/>

Figura 20 Imagem do perfil de @monicamoras



Descrição de @monicamoras – Amo Porto Alegre-RS e sou gaúcha com muito orgulho
Fonte: <http://instagram.com/p/YnagAegC7O/>

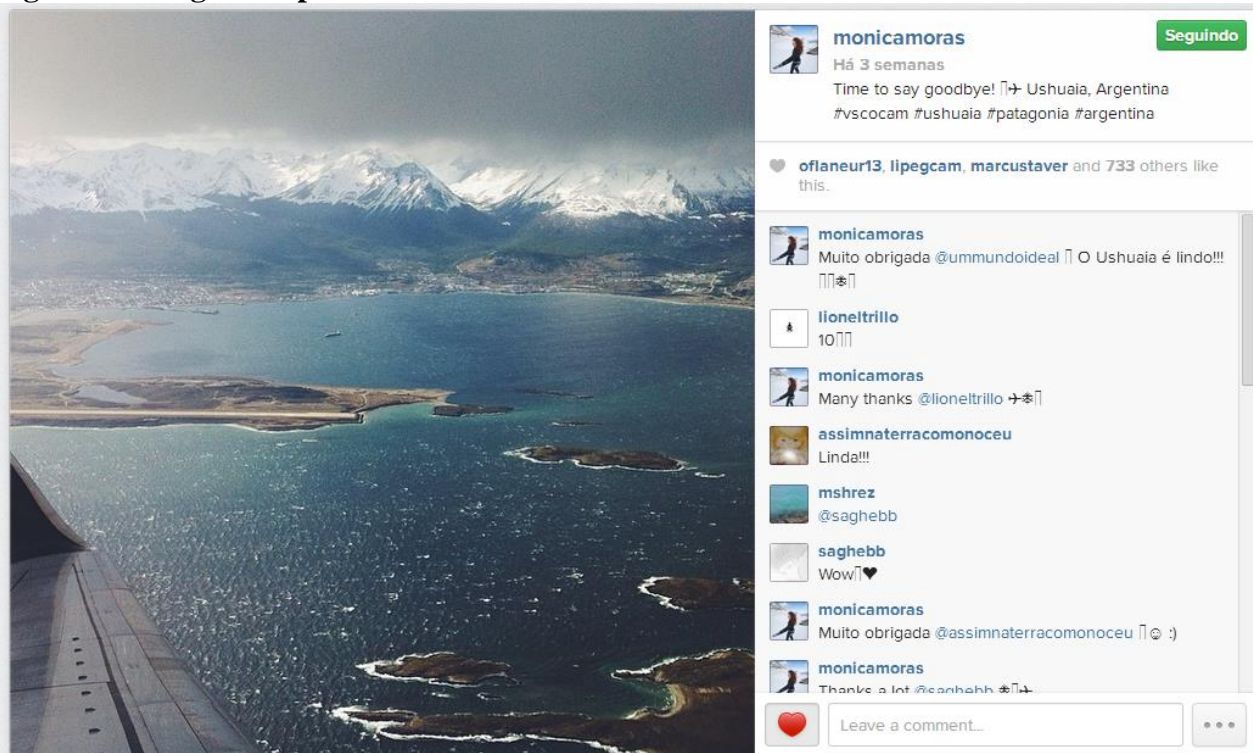
Figura 21 Imagem do perfil de @monicamoras



Descrição de @monicamoras – Se eu tivesse que escolher um lugar para viver (exceto Porto Alegre), escolheria Londres novamente.

Fonte: <http://instagram.com/p/mEOzExAC10/>

Figura 22 Imagem do perfil de @monicamoras



Descrição de @monicamoras – O Ushuaia me fascina

Fonte: <http://instagram.com/p/153fhUAC2h/>

Figura 23 Imagem do perfil de @monicamoras



Descrição de @monicamoras – Acho essa composição fotográfica perfeita: ambiente, cores, eu e minha bicicleta fazemos parte de uma coisa só.

Fonte: <http://instagram.com/p/lyLkB9gCwZ/>

Figura 24 Imagem do perfil de @camilanobushige



Descrição de @camilanobushige – Essa é de um projeto do governo de deixar o Minhocão de São Paulo mais agradável. Ironicamente pegaram uma fotografia para registrar os moradores da região e imprimiram as fotos em uma escala monumental, para fazer você refletir sobre as belezas que você não percebe da cidade, a idéia que motiva uma das correntes da arte de rua, mas financiada pelo governo, eis que grafitam por cima da imagem deste senhor: A Rua O Que É Da Rua. Como um grito dizendo que não vamos acatar o que vocês colocam, não vão nos domesticar. Fiz questão de enquadrar a rua e os carros passando ao redor.

Fonte: <http://instagram.com/p/isT4j6hLkI/>

Figura 25 Imagem do perfil de @camilanobushige



Descrição de @camilanobushige – Lá estava eu em uma viagem romântica passeando pela orla de Ipanema, porque estava com desejo de sorvete e fui levada para tomar 'o melhor sorvete da cidade' e nos deparamos com este coração no chão, foi lindo. Postei a foto em plena dor de cotovelo depois do romance ter acabado ao saber da morte do Reginaldo Rossi como uma singela homenagem.

Fonte: <http://instagram.com/p/iLv5UZBLPK/>

Figura 26 Imagem do perfil de @camilanobushige



Descrição de @camilanobushige – Sempre odiei mortalmente fotos de balada, sempre me remetiam a 'festa chata, vamos tirar fotos para animar'; mas essa noite foi um reencontro lindo, não nos víamos há séculos e são amigos que trabalham com moda, então tentar fazer 'carão', dançar e registrar o encontro raro foi algo divertido. E nesta noite uns conhecidos ficaram me mandando fotos de outra festa com legenda: 'olha o que você está perdendo' eram eles sentados no bar, devolvi com uma seqüência desta noite.

Fonte: <http://instagram.com/p/fa-koHhLLh/>

Descrição de @camilanobushige para as duas imagens abaixo – Grafite em Belém, os grafites daí me passam a sensação constante de agonia, desespero. Parece uma cidade gritando pedindo salvação. Amo essa índia, registrei alguns dias antes de me mudar para São Paulo (segundo link) e um ano depois voltei e ela havia sofrido essa intervenção, perdido a cara plácida e ganhado ares de desespero. E foi essa sensação que tive ao voltar a cidade um ano depois, que ela pedia para ser cuidada.

Figura 27 Imagem do perfil de @camilanobushige



Fonte: <http://instagram.com/p/fFnNOwhLJi/>

Figura 28 Imagem do perfil de @camilanobushige



Fonte: <http://instagram.com/p/WXCSxihLFn/>

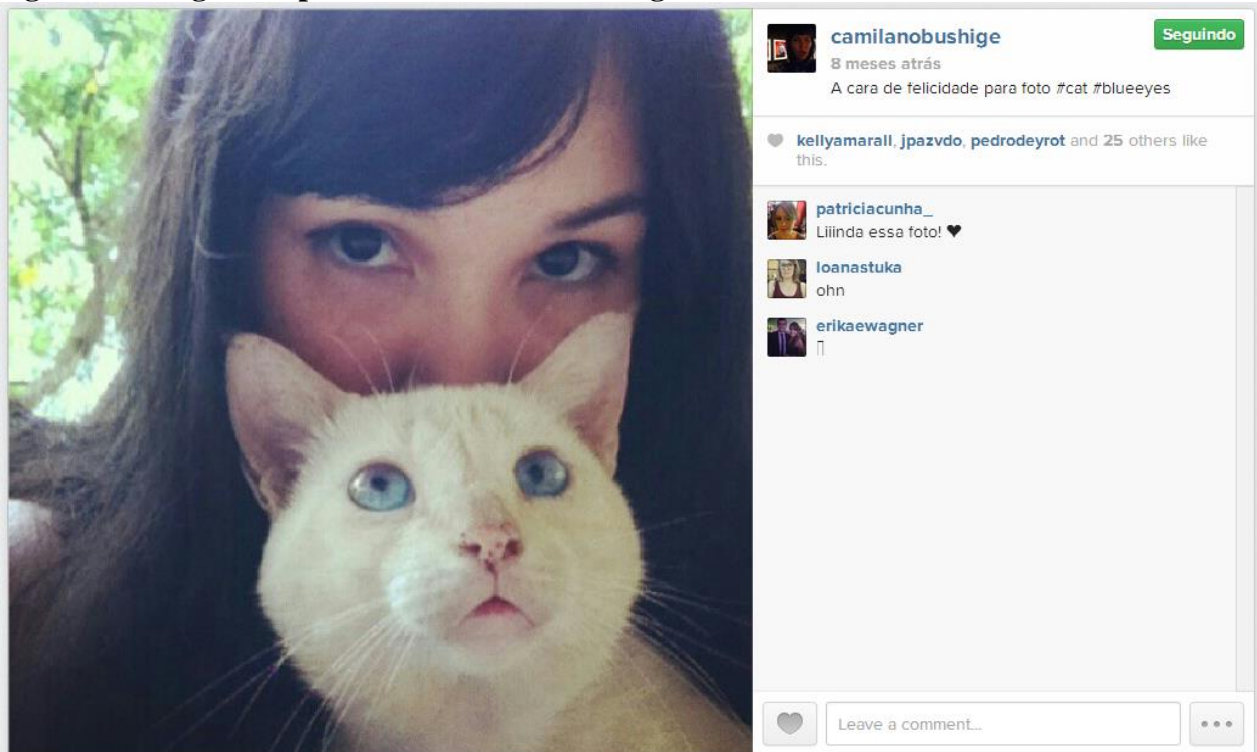
Figura 29 Imagem do perfil de @camilanobushige



Descrição de @camilanobushige – Meus amigos SEMPRE reclamam que só posto fotos de 'paredes', reclamam via whatsapp, Facebook, telefone e na época desta foto estavam reclamando de forma insuportável, mas não tenho Instagram para agradar os outros. Me apaixonei por esse caos desta vitrine abandonada, as mil cores, a sujeira e eis que um dos raros, se não o único amigo (rodolphoponzio) que também gosta de grafites começou um

diálogo na postagem desta foto, passamos o resto do dia debatendo de forma privada.
Fonte: <http://instagram.com/p/eupYr3BLKG/>

Figura 30 Imagem do perfil de @camilanobushige



Descrição de @camilanobushige – Meu gato reconhece uma máquina fotográfica a distância, posa e na hora exata da foto ele vira, foram umas 15 fotos e mil artimanhas para fazer ele olhar para máquina, nenhuma funcionou, mas a foto ficou linda mesmo assim. Tenho esta foto impressa.

Fonte: <http://instagram.com/p/cpOhLeBLCE/>

Figura 31 Imagem do perfil de @camilanobushige



Descrição de @camilanobushige – Esse é um dos melhores exemplos de fazer as pessoas verem o que elas costumam ignorar. Este stencil tem o tamanho da minha mãe e fica no chão da Augusta, super escondido, estava conversando com minha amiga e andando quando o vi, parei tudo e registrei, não consigo encontrá-lo de novo.

Fonte: <http://instagram.com/p/biCEzfBLJH/>

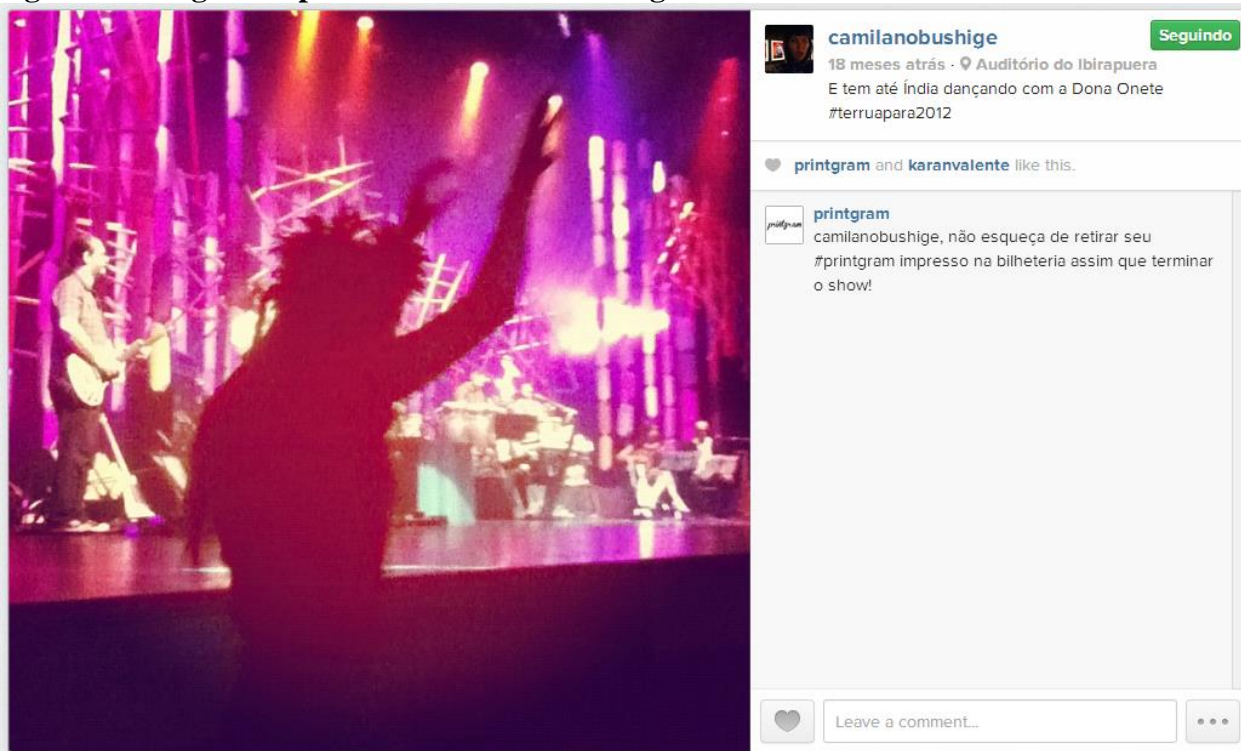
Figura 32 Imagem do perfil de @camilanobushige



Descrição de @camilanobushige – Tem algo mais poético que corações no bueiro em pleno Carnaval?

Fonte: <http://instagram.com/p/VkFSUwBLAa/>

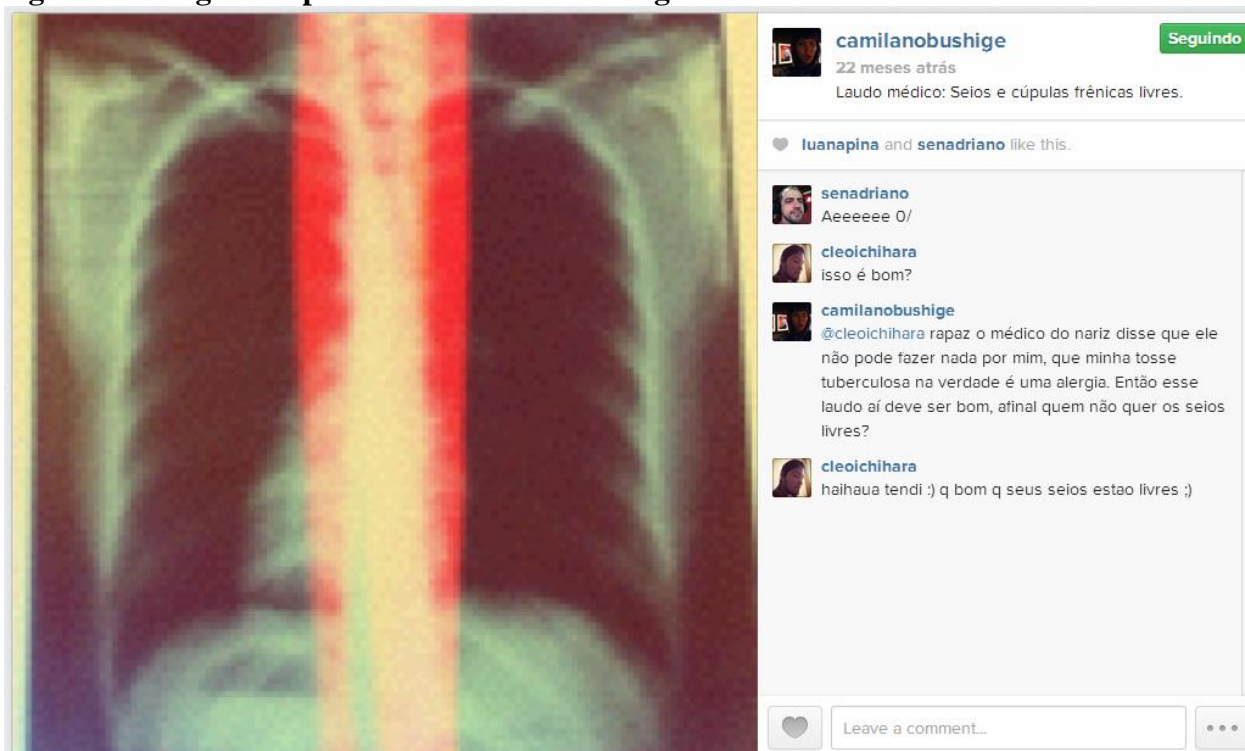
Figura 33 Imagem do perfil de @camilanobushige



Descrição de @camilanobushige – Foto do Terruá Pará em São Paulo, essa foi impressa também, a alegria da moça que usava um cocar e uma blusa estampada com a bandeira do Pará me trás saudades deste show.

Fonte: <http://instagram.com/p/QdhoidhLAe/>

Figura 34 Imagem do perfil de @camilanobushige



Descrição de @camilanobushige – Meu irmão quase morreu 3x, ficou parálfico em decorrência de uma pneumonia, levamos tudo da forma mais leve possível na época. Esse é um dos registros dos meus exames (não

sabiam o que ele tinha e eu também estava com tosse intensa, precisei fazer mil exames).

Fonte: <http://instagram.com/p/MogcGBBLNY/>

Figura 35 Imagem do perfil de @camilanobushige



Descrição de @camilanobushige – Amor essa série de ilustrações que falam da relação feminina culposa com o amor, conheci as autoras, uma chatas insuportáveis, mas continuo amando as intervenções.

Fonte: <http://instagram.com/p/ZuLSJqhLO1/>

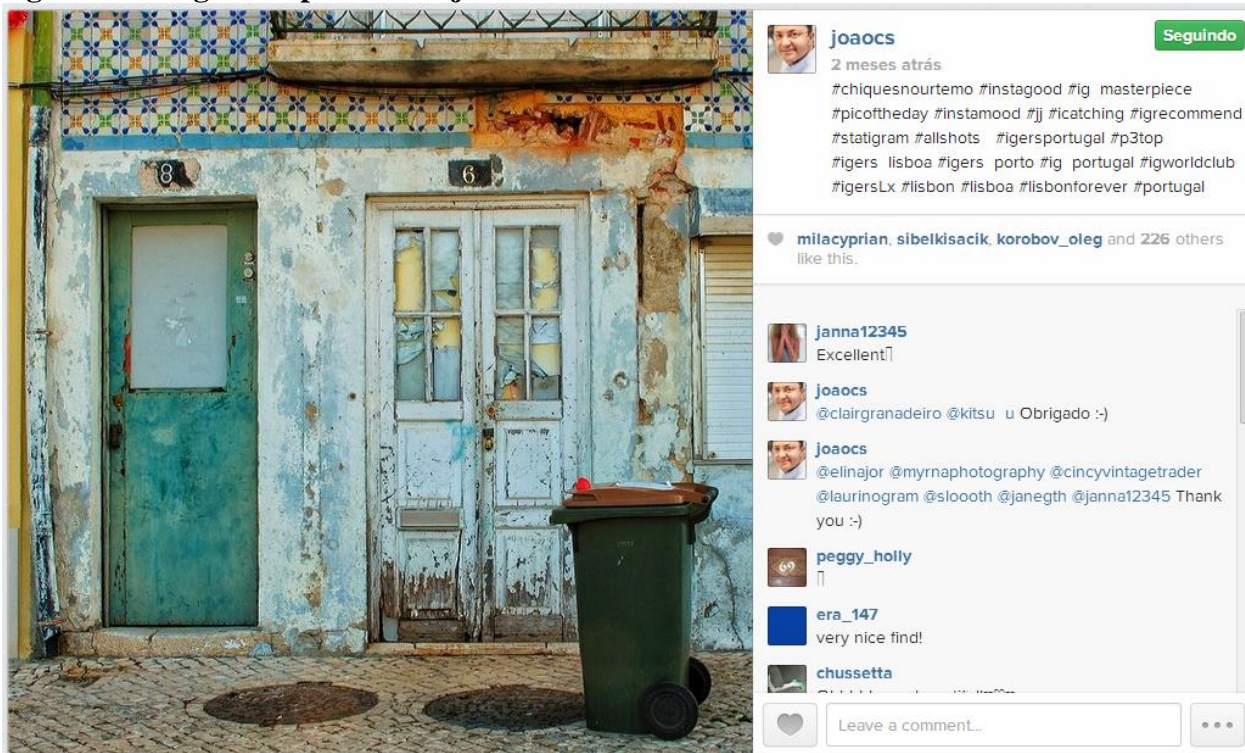
Figura 36 Imagem do perfil de @camilanobushige



Descrição de @camilanobushige – Amo os momentos com a família, minha mãe tirou a foto.
Fonte: <http://instagram.com/p/izXQjYBLC6/>

Descrição de @joaocs para as quatro imagens abaixo – Escolhi estas quatro. São recentes e resumem bem o tipo de assuntos que gosto de fotografar. Cenários de rua, com elementos humanos, e cores e texturas, apanhadas em portas e paredes envelhecidas.

Figura 37 Imagem do perfil de @joaocs



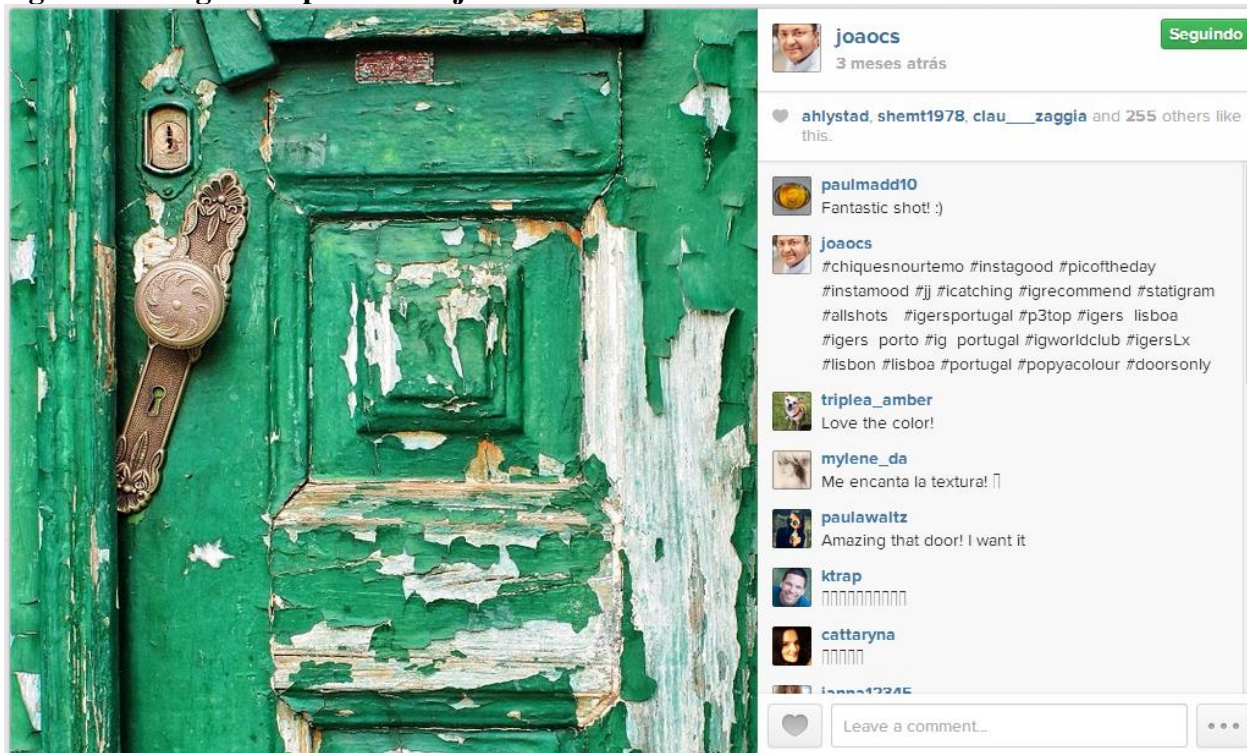
Fonte: <http://instagram.com/p/kZzj7KFxvA/>

Figura 38 Imagem do perfil de @joaocs



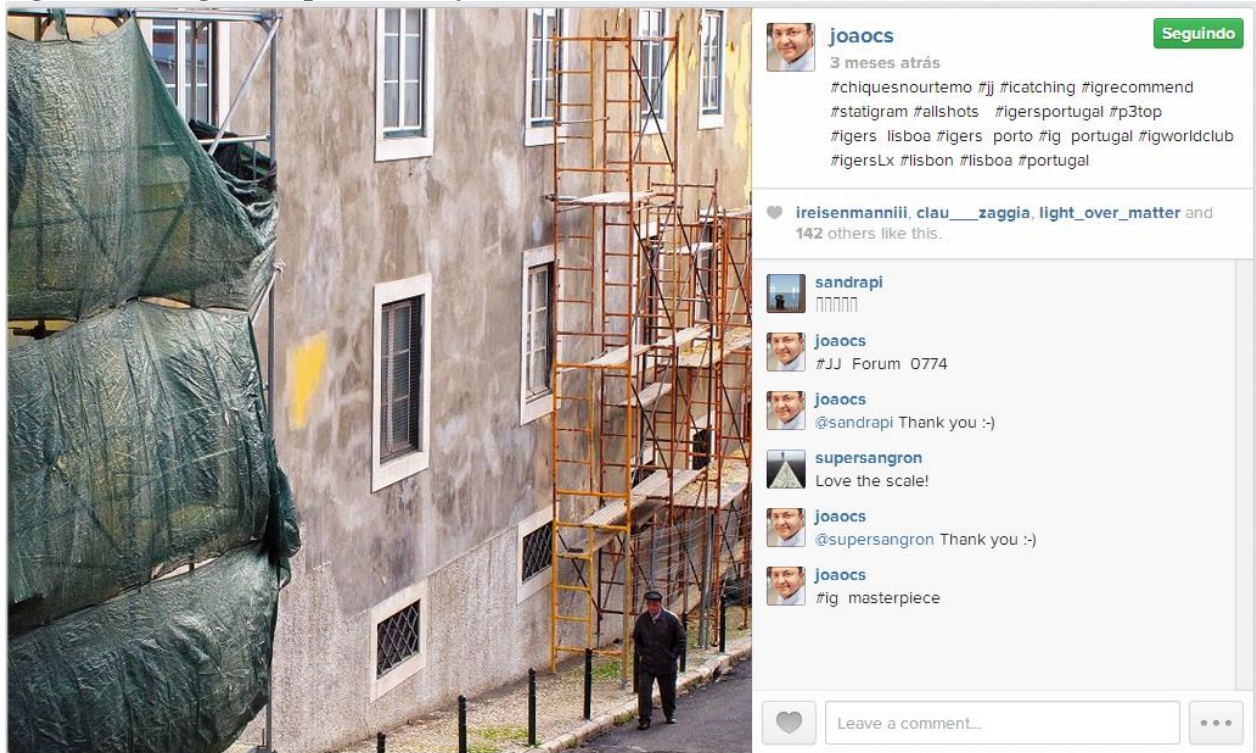
Fonte: <http://instagram.com/p/jxHn9FFxs6/>

Figura 39 Imagem do perfil de @joaocs



Fonte: <http://instagram.com/p/jp-1nhlxkn/>

Figura 40 Imagem do perfil de @joaocs



Fonte: <http://instagram.com/p/jVTwCElXuV/>

Descrição de @vanialleal sobre as imagens que selecionou – Destaquei as imagens pois é como me lanço no mundo. Embora muitas vezes esteja reflexiva e triste gosto sempre de deixar algo de positivo para as pessoas e isso de uma certa forma me faz bem.

Figura 41 Imagem do perfil de @vanialleal



Descrição de @vanialleal – Quer saber eu to no norte do Brasil eu to em Macapá. Memórias de afeto.

Fonte: <http://instagram.com/p/kcQtMPxHcG/>

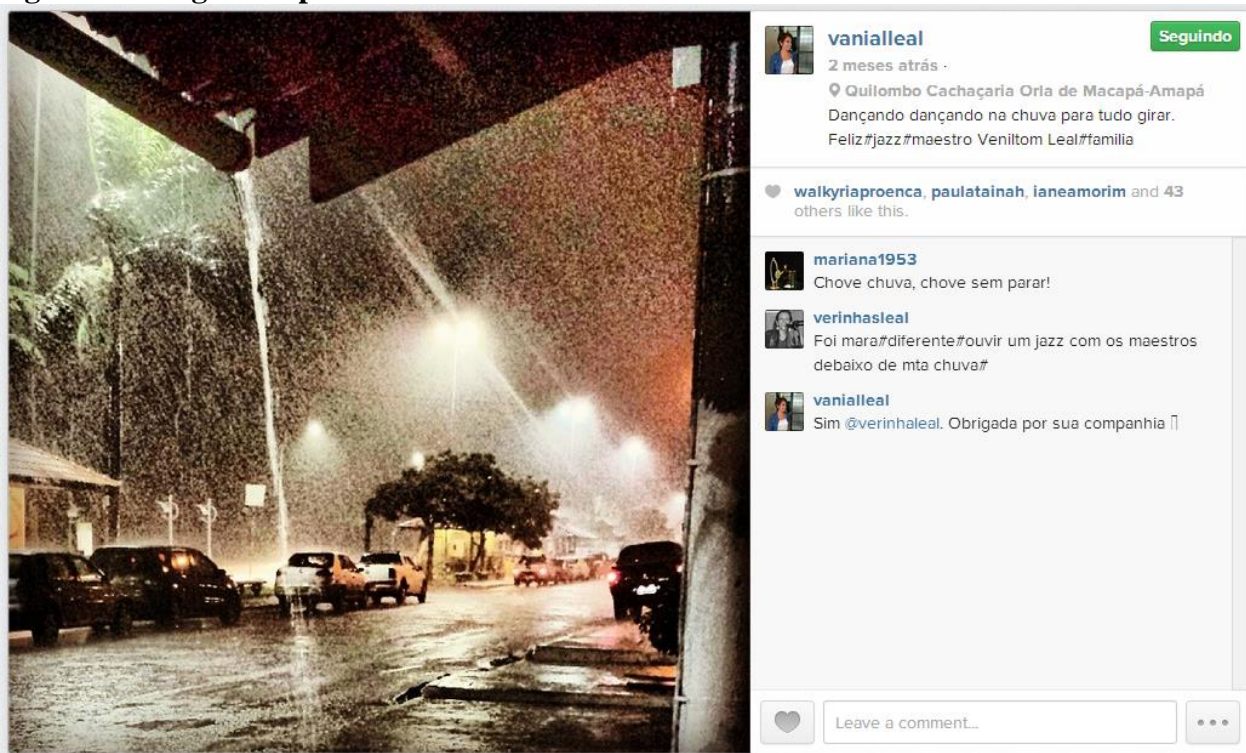
Figura 42 Imagem do perfil de @vanialleal



Descrição de @vanialleal – Marco Zero do Equador Macapá -Amapá Fazendo slackline no meio do mundo. De vez em quando pulo para os hemisférios norte e sul. Maravilhoso.

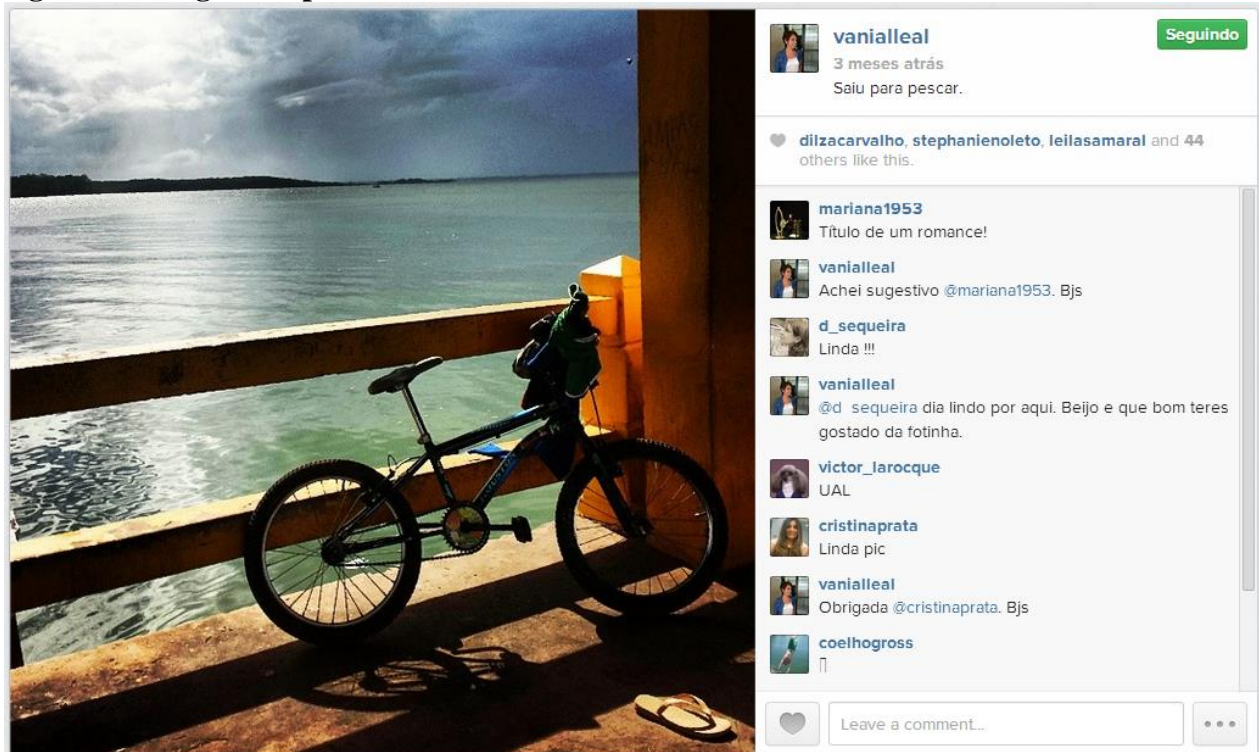
Fonte: <http://instagram.com/p/khNf7wxHT0/>

Figura 43 Imagem do perfil de @vanialleal



Descrição de @vanialleal – Quilombo Cachaçaria Orla de Macapá-Amapá Dançando na chuva para tudo girar.
Fonte: <http://instagram.com/p/ka2bWoRHWC/>

Figura 44 Imagem do perfil de @vanialleal



Descrição de @vanialleal – Saiu para pescar.
Fonte: http://instagram.com/p/i_4IOdxHcf/

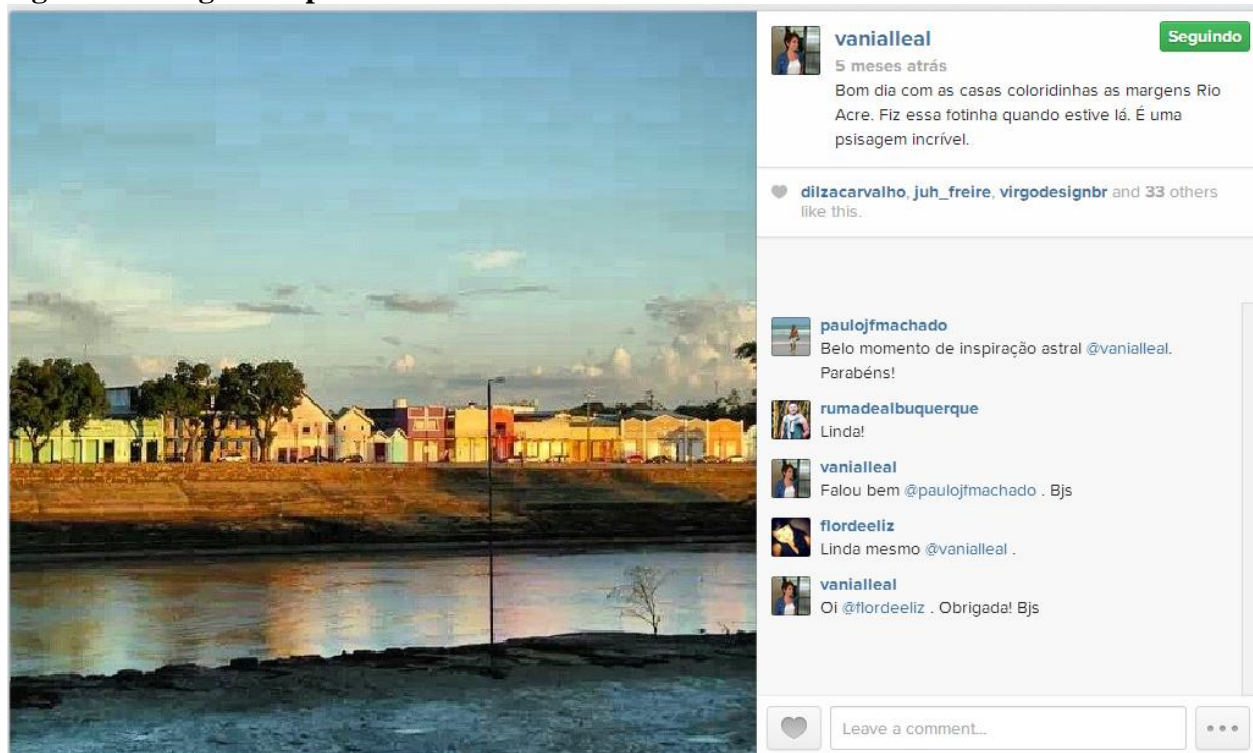
Figura 45 Imagem do perfil de @vanialleal



Descrição de @vanialleal - Ciclo realizado em Fortaleza. Lançar-se no mundo deixar pegadas, misturar cultura, borrar fronteiras é uma escolha. Obrigada artistas de Fortaleza aguardamos vocês no Arte Pará. Acessem www.frmaiorana.org.br e participem do maior Projeto de Arte Contemporânea da AMAZÔNIA!

Fonte: <http://instagram.com/p/daNfP5xHWZ/>

Figura 46 Imagem do perfil de @vanialleal



Descrição de @vanialleal – Bom dia com as casas coloridinhas as margens Rio Acre. Fiz essa fotinha quando estive lá. É uma paisagem incrível.

Fonte: <http://instagram.com/p/hNtgpvRHb3/>

Figura 47 Imagem do perfil de @vanialleal



Descrição de @vanialleal – Chegarem casa e procurar uma cena feliz nesse fim de tarde. As casas são comoventes. Estão ligadas ao amor. Desejo a todos um feliz retorno pra casa!

Fonte: http://instagram.com/p/hy_D83xHdP/

Descrição de @gabibrasil das imagens abaixo encaminhadas por e-mail de seu Iphone - Eu as destaco porque as gosto, com exceção de uma que é a foto de um grafite no qual os personagens se beijam. Ela foi a minha primeira foto do Instagram

Figura 48 Imagem do perfil de @gabibrasil

Fonte: @gabibrasil enviada por e-mail

Figura 49 Imagem do perfil de @gabibrasil

Fonte: @gabibrasil enviada por e-mail

Figura 50 Imagem do perfil de @gabibrasil

Fonte: @gabibrasil enviada por e-mail

Figura 51 Imagem do perfil de @gabibrasil



Fonte: @gabibrasil enviada por e-mail

Figura 52 Imagem do perfil de @gabibrasil



Fonte: @gabibrasil enviada por e-mail

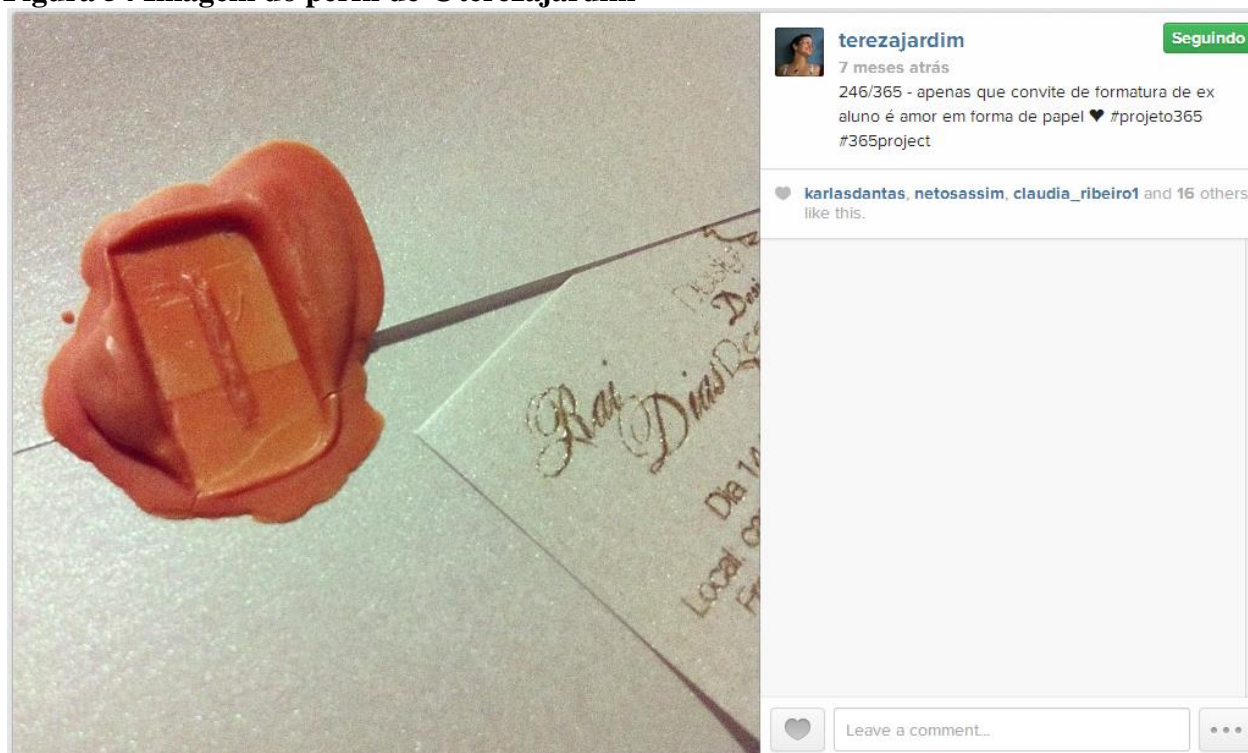
Figura 53 Imagem do perfil de @terezajardim



Descrição de @terezajardim – Última foto do Projeto 365, com algumas fotos do projeto espalhadas no mural. Porque encerrar um ciclo é sempre especial.

Fonte: <http://instagram.com/p/jAXujuPrnY/>

Figura 54 Imagem do perfil de @terezajardim



Descrição de @terezajardim – Porque é lindo receber um convite de formatura de um ex-aluno, especialmente quando se conhece a sua história de perto, e é possível enxergar o grande potencial de crescimento profissional

do mesmo.

Fonte: http://instagram.com/p/eJJvy_Prvk/

Figura 55 Imagem do perfil de @terezajardim



Descrição de @terezajardim – Porque marcou o início de uma nova etapa da minha vida, uma mudança significativa no âmbito pessoal.

Fonte: <http://instagram.com/p/d8SY4KPrtt/>

Figura 56 Imagem do perfil de @terezajardim



Descrição de @terezajardim – Porque foi muito mais curtida do que eu poderia imaginar.

Fonte: <http://instagram.com/p/dNZ7WPvr14/>

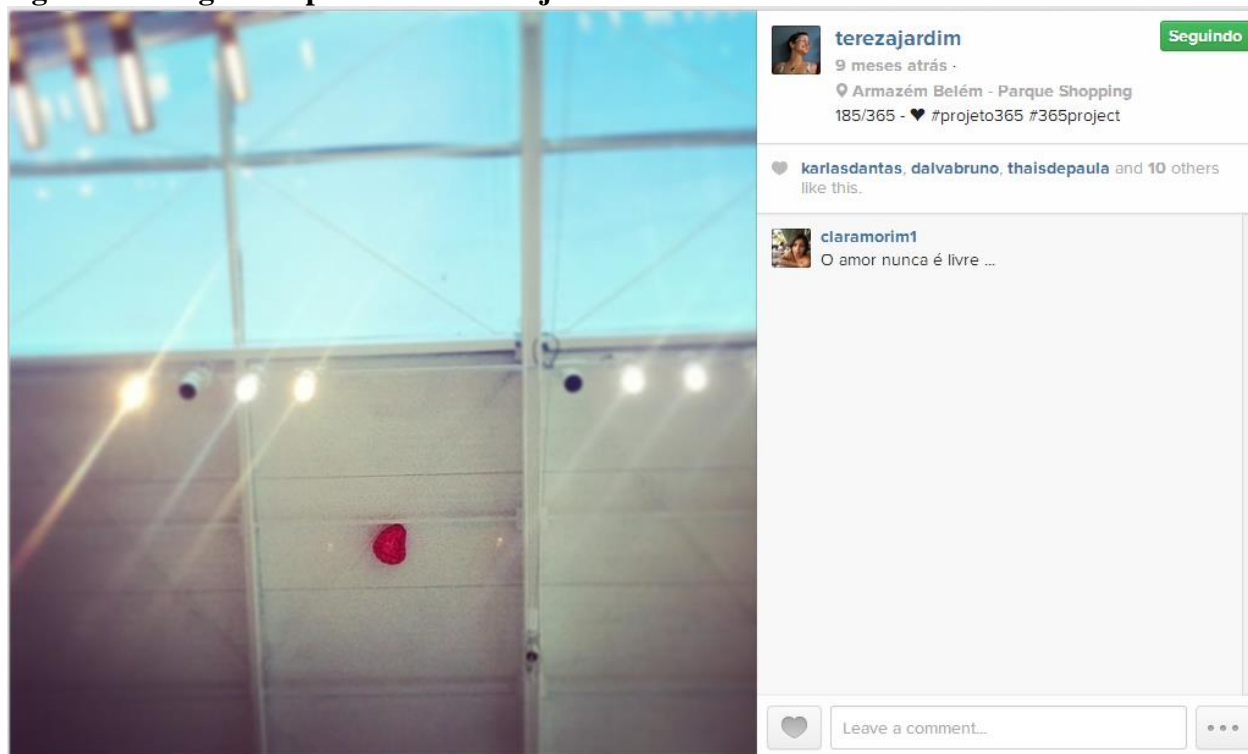
Figura 57 Imagem do perfil de @terezajardim



Descrição de @terezajardim – Porque a imagem ficou bem mais interessante do que eu planejei, mesmo sem filtro.

Fonte: <http://instagram.com/p/bzVEWQvr12/>

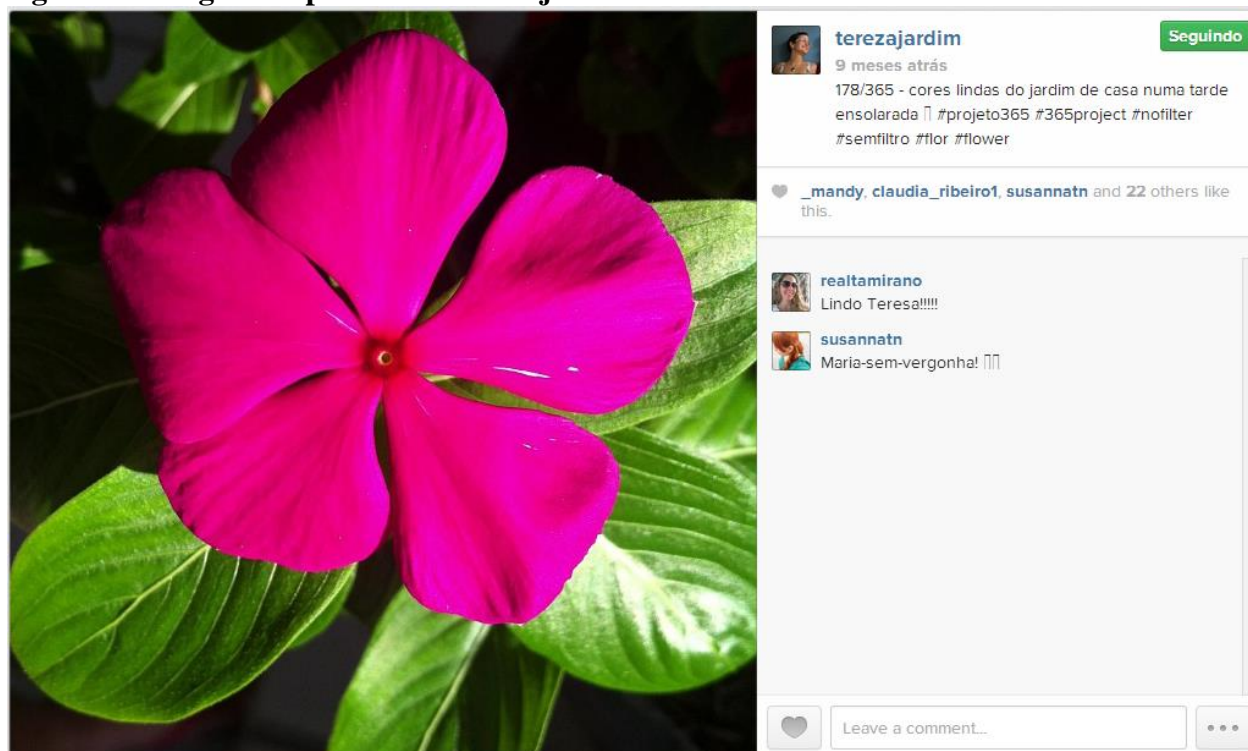
Figura 58 Imagem do perfil de @terezajardim



Descrição de @terezajardim – Por causa da composição e paleta de cores.

Fonte: <http://instagram.com/p/brma4kvrrB/>

Figura 59 Imagem do perfil de @terezajardim



Descrição de @terezajardim – Porque foi uma flor desse mesmo tipo que fotografei nos primeiros cliques da primeira câmera digital que tive.

Fonte: <http://instagram.com/p/bWIRKUPrgy/>

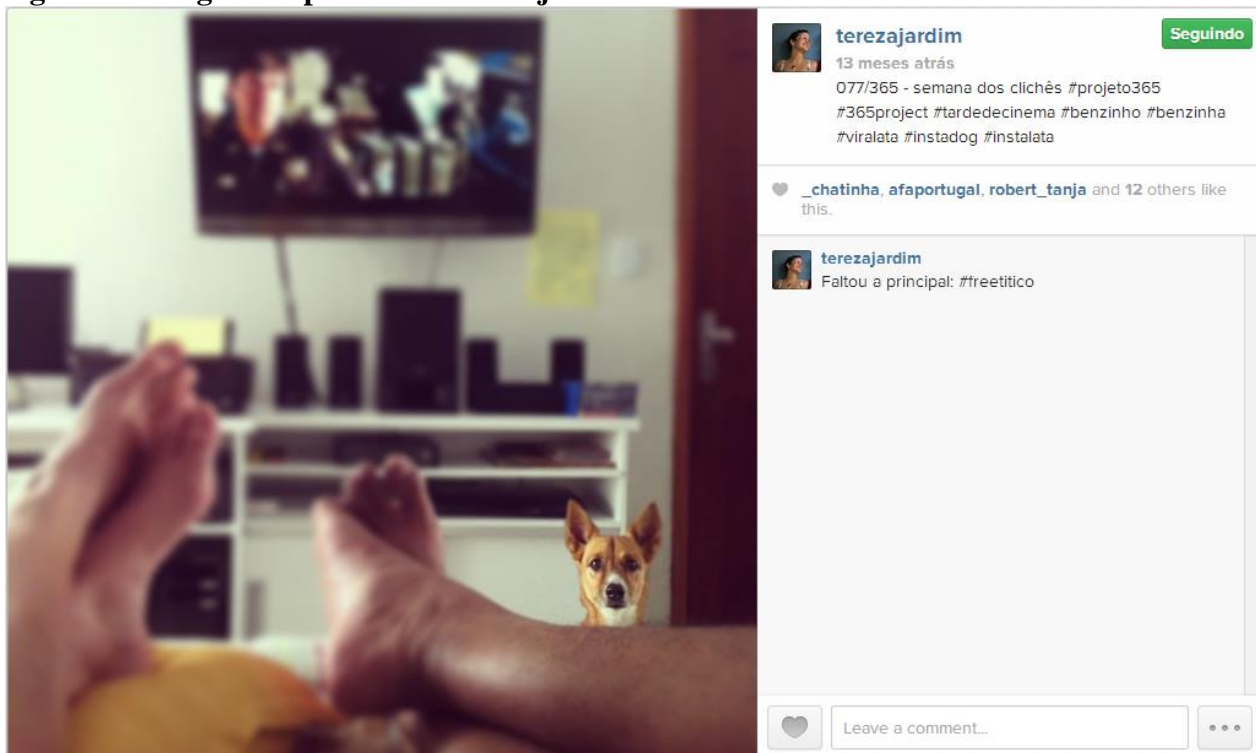
Figura 60 Imagem do perfil de @terezajardim



Descrição de @terezajardim – Porque foi curtida e repostada da incontáveis vezes, por pessoas de todo o país, em várias redes sociais. E porque foi o primeiro projeto tipográfico depois de muito tempo longe dos lápis.

Fonte: <http://instagram.com/p/ay7DVbPrsX/>

Figura 61 Imagem do perfil de @terezajardim



Descrição de @terezajardim – Porque parece montagem, mas não é!
Fonte: <http://instagram.com/p/XQDGcPPrks/>

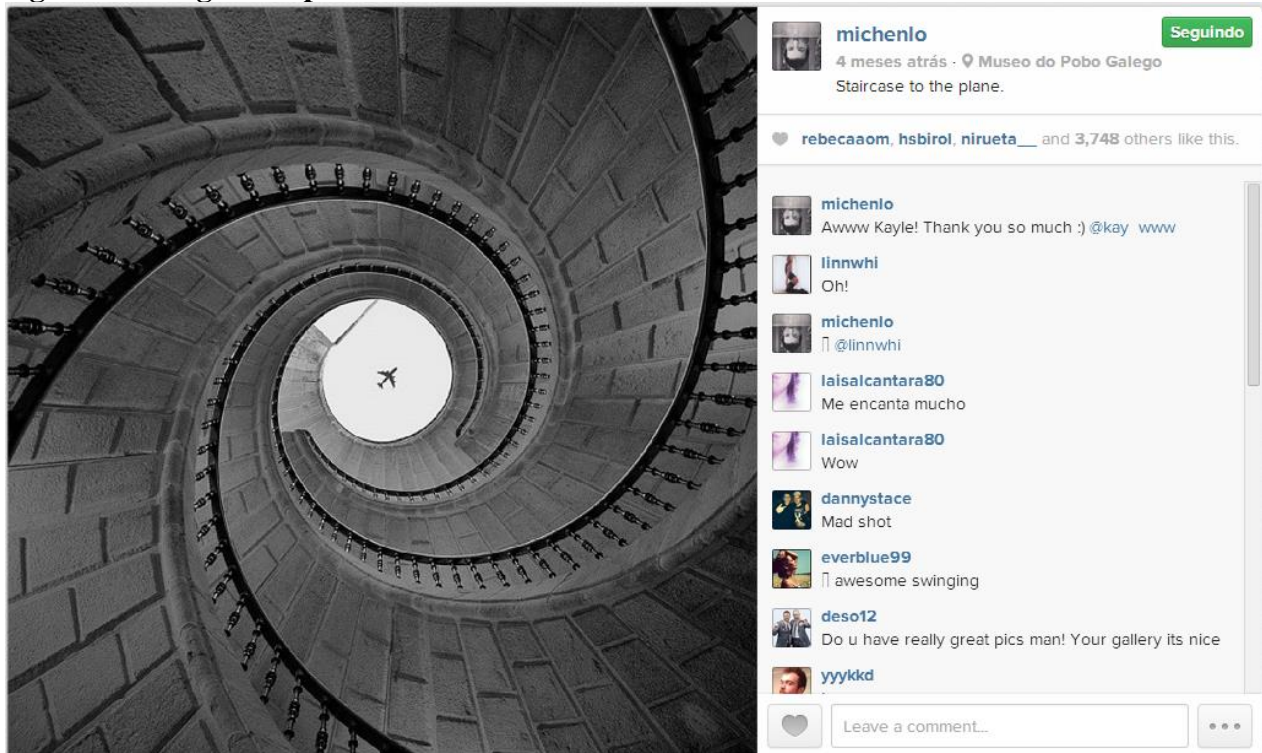
Figura 62 Imagem do perfil de @terezajardim



Descrição de @terezajardim – Porque foi a primeira publicada no instagram =)
Fonte: <http://instagram.com/p/UGoBfwvrg2/>

Descrição de @michenlo para as imagens abaixo – As três fotos que mais se identificam comigo tem os mesmos ingredientes: interação com a natureza, movimento, clímax, cores e muita história para contar!

Figura 63 Imagem do perfil de @michenlo



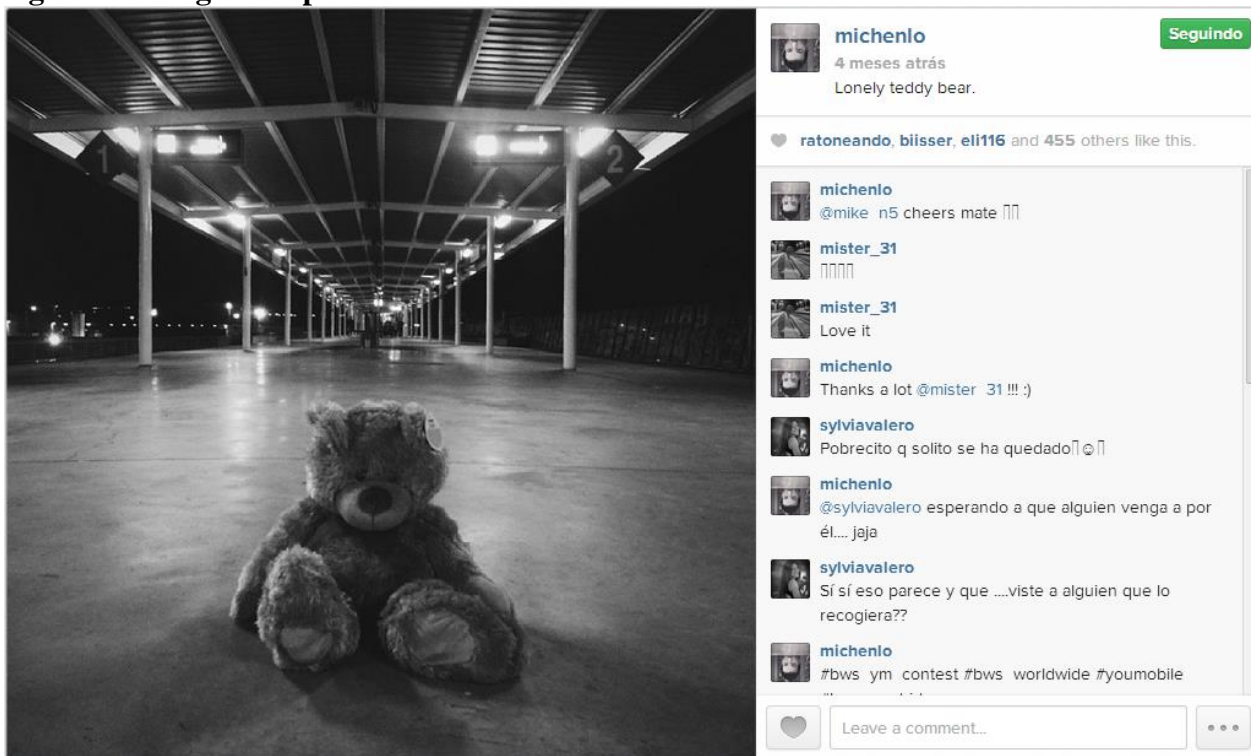
Fonte: <http://instagram.com/p/iZx9nxKXD8/>

Figura 64 Imagem do perfil de @michenlo



Fonte: <http://instagram.com/p/bWLMqoqXO-/>

Figura 65 Imagem do perfil de @michenlo



Fonte: <http://instagram.com/p/h6xq8GKXFG/>

#PARTIU

#Partiu não significa a finalização deste trabalho, #partiu remete ao movimento existente nas Redes Sociais de saída, retirada, ou deslocamento. Nesse sentido, para essa pesquisa, #partiu remete ao princípio de que há fios soltos que o presente trabalho não deu conta e deixa para uma posterior continuidade, isso se dá em virtude de diversos aspectos:

Primeiro em virtude do próprio campo em si. Quando foi imaginado o universo da pesquisa, não se tinha a dimensão desse grande campo que é hoje o Instagram, como hipótese imaginava-se que não se alimentava nenhum tipo de relação com a memória a partir da imagem, por conta de, ao acompanhar determinados perfis, via-se mais uma manifestação egocêntrica por meio dos *selfies*, com suas auto-imagens e legendas que deixavam essa relação dupla (texto x imagem) muito obscura.

Outro aspecto também sobre o campo é por conta dos movimentos que aparecem e condicionam as formas de lidar com a imagem, dessa forma, tendenciou pensar que não se poderia alimentar nenhuma relação com a memória dessa forma. Consequentemente, essas formas de manifestação do “eu” por meio da imagem no aplicativo, fez imaginar que não houvesse outros grupos, ou que toda manifestação de imagem no Instagram fosse condicionada, induzida, seja por grupos, ou pelo próprio aplicativo.

Segundo em virtude do próprio tema em si, essa relação entre imagem e memória se apresenta complexa, principalmente por conta da forma como a percepção humana foi absorvendo esses novos mecanismos de expressividade, ou seja, o aparelho de certa forma influencia na nossa percepção, seja da realidade, ou mesmo de tempo e consequentemente da memória em torno do tempo, visto que cada vez mais estamos diante de uma necessidade, ou, de uma dependência do aparelho, como afirma Flusser (2011).

Portanto, quando se pensa essa relação a partir da imagem digital, instantânea, fluída e fugidia, pode-se imaginar que a relação com a memória a partir desse tipo de imagem também tenha sido consumida por essa nova realidade, entretanto, quando observamos o campo e a forma como cada ator fala da sua relação com a imagem e os mecanismos que utiliza para lembrar, ainda vemos que essa relação ainda existe, porém, adota um caráter mais solitário e apesar de estarem num universo coletivo como a Rede Social, através de compartilhamento de imagens, com pessoas dos cantos mais remotos do planeta, de forma virtualizada, ou seja, um

aparente estado de coletividade, essa forma de lidar com a memória se tornou mais individualizado e solitário.

Ao analisar o campo, pode-se perceber claramente essa dicotomia entre esses grupos, visto que o Blog do Instagram manifesta um determinado tipo de perfil. A priori, pensava-se que o aplicativo determinava que tipo de imagem ia se desenvolver no aplicativo, condicionando seus usuários. Entretanto, há esse elemento quando ele divulga determinados perfis e conseqüentemente, entre eles se estabelece determinados padrões estéticos, todavia, isso não é determinante, visto que cada perfil pesquisado apresenta um padrão visual próprio de suas subjetividades. Por outro lado, nutrem uma antipatia pelos perfis “subversivos” ao aplicativo, principalmente aos #Selfies.

Como a maioria alimentava uma relação de memória a partir da fotografia, isso se estendeu ao Instagram de forma natural, apesar de haver uma mudança na quantidade de imagens. Com isso, verificamos um excesso, entretanto, eles conseguiram estabelecer pontos de imagens significantes com suas respectivas histórias, com exceção de dois perfis @joaocs e @kitato, pois ambos destacaram questões estéticas em suas imagens, enquanto que os outros pontuaram situações, eventos e histórias.

Quando se fala de memória, principalmente nesse universo excessivo de imagens que é o Instagram, selecionar marcos, não significa que essa memória esteja intacta e límpida para uma descrição real, todavia, ela representa um aspecto perceptivo importante nesse movimento descrito por Bergson (2006) em que o passado se atualiza juntamente com a construção do presente, nessa relação entre a memória espontânea e memória hábito.

Dessa feita, não estamos falando de uma memória somente enquanto aspecto de memorização de um ato, mas enquanto elemento fenomenológico e perceptivo de um estado que envolve o sentimento de cada um, portanto, quando eles são motivados a selecionarem imagens de seus perfis e explanarem a razão dessas escolhas, é proporcionar esse exercício da memória enquanto ação perceptiva.

O grupo que se caracteriza pela “subversão” ao aplicativo, como é o caso dos #selfies e os que seguem determinados modismos não foi alvo dessa pesquisa, porém, recentemente foi citado pela revista Veja, demonstrando a história do movimento que antecede ao aplicativo e no site do Yahoo foi noticiado uma nova modalidade de Selfie chamada #AfterSexSelfie, ou seja, Selfie após o sexo. Dessa forma, se manifesta novas relações sociais a partir dessa

relação entre Imagem e Aplicativo, mostrando a potencialidade desse objeto que não se esgota na proposta desse trabalho.

A relação entre Imagem e Memória no Instagram, foi um recorte que proporcionou compreender como os indivíduos se comportam sobre essa questão, levando em conta as transformações na constituição da imagem, entender esse movimento como um fenômeno perceptivo e a partir da construção de um Discurso do Sujeito Coletivo, extrair aspectos que correspondam a narrativa dessa coletividade que não está restrita ao tempo e espaço, visto que não foi efetuado um recorte geográfico para levantar o universo pesquisado. Primeiro em virtude de não se poder efetuar essa análise através de dados fornecidos pelo aplicativo, segundo pelo número de usuários existentes atualmente. Com isso, o olhar qualitativo fez com que o Blog do Instagram servisse como parâmetro de recorte para seleção do universo.

Portanto, essa pesquisa #partiu, não para ser concluída, mas para deixar o que na língua remete a um aspecto de continuidade da imaginação, algo que deixa em suspenso para que a memória continue em sua tessitura, #partiu para deixar reticências...

REFERENCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo, Martins Fontes, 1998
- ALVES, Rubem. **Retratos de amor**. Campinas-SP, Papirus, 2002
- ARGAN, Giulio Carlo. **Arte Moderna**, São Paulo, Companhia das Letras, 1992
- ARNHEIM, Rudolf. **Arte e percepção visual: uma psicologia da visão criadora: nova versão**, São Paulo, Pioneira Thomson Learning, 2005
- AUMONT, Jacques. **A Imagem**, Campinas – SP, Papirus, 1993
- ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith e GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. São Paulo, Pioneira, 1998
- BARROS, Manoel de. **Livro sobre nada**, Rio de Janeiro, Editora Record, Sem data
- BARTHES, Roland. **A Câmara Clara: Nota sobre a Fotografia**, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2011
- BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e Simulação**. Lisboa, Relógio d'Água, 1991
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: São Paulo, Brasiliense, 1994.
- BRAKHAGE, Stan. Metáforas da visão. In XAVIER, Ismail. **A experiência do cinema: antologia**. Rio de Janeiro, Edições Graal: Embrasilme, 1983
- BRITTO, Rovilson Robbi. **Cibercultura: sob o olhar dos estudos culturais**. São Paulo, Paulinas, 2009
- CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede Volume I**, São Paulo, Paz e Terra, 1999
- _____. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2003
- CATALÀ-DOMÈNECH. Josep M. **A forma do real**, São Paulo, Summus, 2011
- COUCHOT, Edmond. Da Representação à Simulação: Evolução das Técnicas e das Artes da Figuração. In: (Org.), A. P. **Imagem-Máquina: A Era das Tecnologias do Virtual**. Tradução de Rogério Luz. p. 37 – 47, Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993
- DELEUZE, Gilles. **Bergsonismo**, São Paulo, Editora 34, 2012
- _____. **A Imagem-tempo**, São Paulo, Brasiliense, 2005
- ELIADE, Mircea. **Imagens e Símbolos, Lisboa – Portugal**, Editora Arcádia, 1979
- DUARTE, Fábio. **Do átomo ao bit: cultura em transformação**, São Paulo, Annablume, 2003
- DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**, Campinas-SP, Papirus, 1993
- FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta: ensaios para futura filosofia da fotografia**, São Paulo, AnnaBlume, 2011
- FOSTER, Jonathan K. **Memória**, Porto Alegre, L&PM, 2011
- FOUCAULT, Michel. Outros espaços. In: MOTTA, M. Barros. **Ditos e escritos III Michel Foucault estética: literatura e pintura, música e cinema**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

GIANNETTI, Claudia. El espectador como interactor – Mitos y perspectivas de la interacción. In **Conferencia em el Centro Gallego de Arte Contemporáneo de Santiago de Compostela** CGAC, Espanha, 2004. Disponível em: <http://www.artmetamedia.net/pdf/4Giannetti_InteractorES.pdf>. Acesso dia 15 de dezembro de 2013.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis-RJ, Editora Vozes, 2002

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**, São Paulo, Centauro, 2003

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**, São Paulo, Ateliê Editorial, 2009

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**, São Paulo, Ateliê Editorial, 2001.

LEFRÈVRE, Fernando; LEFRÈVRE, Ana Maria Cavalcanti; TEIXEIRA, Jorge Juarez Vieira. **O discurso do sujeito coletivo: uma nova abordagem metodológica em pesquisa qualitativa**. Caxias do Sul, EDUCS, 2000

LÈVY, Pierre. **Cibercultura**, São Paulo, Ed. 34, 1999

_____. **O que é virtual?**, São Paulo, Ed. 34, 1996

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**, trad. Ricardo Corrêa Barbosa, 12^a ed., Rio de Janeiro, José Olympio, 2009

JOHNSON, Steven. **Cultura da Interface: como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar**, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2001

MACHADO, Arlindo. A emergência do observador. In **Galáxia**, n. 3, 2002, p. 227-234. Disponível em <<http://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/articule/download/1273/775>>, Acesso em 15 de julho de 2013

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**, São Paulo, Abril, 2010

MENÉNDEZ, Jimena García. A relação entre percepção e memória: aproximações e divergências entre Freud e Bergson. In **Revista AdVerbum**, vol 1, 2006, p. 23-34. Disponível em: <http://www.psicanaliseefilosofia.com.br/adverbum/Vol1_1/relacao_percep_memo.pdf>. Acesso dia 20 de abril de 2014

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**, São Paulo, Martins Fontes, 1999

MEYER, Philippe. **O olho e o cérebro: biofilosofia da percepção visual**. São Paulo, Editora UNESP, 2002

MIRANDA, Luciana Lobo. A cultura da imagem e uma nova produção subjetiva. In **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, Vol. 9, N. 1, p. 25-39, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652007000100003>. Acesso dia: 15 de julho de 2013

MOREIRA, Daniel Augusto. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo, Pioneira Thomson, 2002

NAZÁRIO, Luiz. Quadro histórico do Pós-modernismo, In GUINSBURG, J.; BARBOSA, Ana Mae (org.). **O Pós-modernismo**, São Paulo, Ed. Perspectiva, 2008

PARENTE, André. Os Paradoxos da Imagem-Máquina. In: (Org.), A. P. **Imagem-Máquina: A Era das Tecnologias do Virtual**. Tradução de Rogério Luz. p. 7 – 33, Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993

RECUERO, Raquel. Estratégias de personalização e sites de redes sociais: um estudo de caso da apropriação do Fotolog.com. In **Comunicação, Mídia e Consumo**. São Paulo, Vol5, n. 12, p. 35-56. Disponível em: <<http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/viewFile/117/118>>. Acesso dia 20 de novembro de 2013.

_____. **Redes sociais na internet**, Porto Alegre, Sulina, 2009

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas-SP, Editora da UNICAMP, 2007

SANTAELLA, Lucia. **Imagem: cognição, semiótica, mídia**, São Paulo, Iluminuras, 2012

SIBILIA, Paula. Os diários íntimos na Internet e a crise da interioridade psicológica.

In LEMOS, André; CUNHA, Paulo (ORGs). **Olhares sobre a Cibercultura**. Porto Alegre, Sulina, 2003.

_____. A vida como relato nos blogs: Mutações no olhar introspectivo e retrospectivo na conformação do “eu”. In **A questão social no novo milênio**. VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, Coimbra, setembro/2004. Disponível em: <<http://www.ces.uc.pt/lab2004/pdfs/PaulaSibilia.pdf>>. Acesso em: 12 de janeiro de 2014

WACQUANT, Loïc. **Esclarecer o Habitus**. São Paulo, Educação & Linguagem, Ano 10, nº 16, p. 63-71, 2007

WILDE, Oscar. **O retrato de Dorian Gray**, São Paulo, Abril, 2010

APÊNDICES

Questionário de Pesquisa



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES
FORMULÁRIO DE PESQUISA

Nome:

Idade:

Cidade/Estado:

Nome na Rede Social:

- 01 Como você se relacionava com as fotografias reveladas em álbuns?
- 02 Que tipos de eventos você costumava visualizar neste tipo de fotografia?
- 03 Você chegou a utilizar ou utiliza alguma máquina fotográfica analógica? Qual a diferença você destaca no uso deste tipo de equipamento antes das máquinas digitais e depois?
- 04 Qual o critério era usado para selecionar determinada fotografia para revelar?
- 05 Como era sua reação ao visualizar uma fotografia revelada?
- 06 Você costumava re-ver as fotos que eram reveladas? Em que situações isso acontecia ou acontece?
- 07 Como foi sua migração para o uso de máquinas digitais?
- 08 Como você se relaciona com a imagem no computador?
- 09 Usa a internet como forma de armazenar imagens? Quais sites utiliza?
- 10 Por que escolheu esses sites?
- 11 Como é seu uso da internet no celular?
- 12 Como você descobriu o Instagram? O que faz dele um aplicativo especial pra você?
- 13 Qual a regularidade no uso do aplicativo?
- 14 O que leva você a escolher determinada pose ou momento para postar no aplicativo?
- 15 O que você espera quando posta uma imagem no Instagram?
- 16 O que você pensa quando cria determinada legenda ou uso de #Hashtag?
- 17 Qual sua intenção ao utilizar determinado filtro em suas imagens?

18 Você tem o hábito de visitar e imprimir antigas imagens no Instagram?

19 Que tipos de imagens mais lhe marcam no seu perfil?

20 Como você costuma recordar através das imagens no Instagram?

21 Quais imagens você destacaria em seu perfil e por quê? (colocar apenas o link)